

Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil

Faculdade SENAI CETIQT

Curso de Bacharelado em Design

Mylena Coutinho Serbeto

Entre Echarpes e Cangas

As mulheres parisienses e cariocas em uma análise comparativa

Rio de Janeiro - RJ
2020

Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil

Faculdade SENAI CETIQT

Curso de Bacharelado em Design

Mylena Coutinho Serbeto

ENTRE ECHARPES E CANGAS:

AS MULHERES PARISIENSES E CARIOCAS EM UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Trabalho de Conclusão a ser submetido à Comissão Examinadora do Curso de Bacharelado em Design, da Faculdade SENAI CETIQT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Design com ênfase em Moda.

Profª. Orientadora Rosanna Naccarato

Rio de Janeiro

2020

Ficha catalográfica

Serbeto, Mylena

Entre echarpes e cangas: As mulheres parisienses e cariocas em uma análise comparativa/ Mylena Coutinho Serbeto. – Rio de Janeiro, 2020. 146 p.

Trabalho de Conclusão a ser submetida à Comissão Examinadora do Curso de Bacharelado em Design com ênfase em Moda, da Faculdade SENAI CETIQT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Design de Moda.

1. Moda. 2. Comportamento. I. Título.

Mylene Coutinho Serbeto

Entre echarpes e cangas

As mulheres parisienses e cariocas em uma análise comparativa

Trabalho de Conclusão a ser submetida à Comissão Examinadora do Curso de Bacharelado em Design, da Faculdade SENAI-CETIQT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Design com ênfase em Moda.

Data de Aprovação:

Banca Examinadora:

Rosanna Naccarato.
Especialista em Educação Estética – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.
Professora, SENAI CETIQT

Reginaldo Antônio da Silva
Especialista em Design de Moda – Universidade Estadual de Londrina – UEL.
Docente, SENAI CETIQT

Manon de Salles Ferreira
Doutora em Artes – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – USP.
Professora, convidada

Ana Claudia Lourenço Ferreira Lopes
Coordenadora do Bacharelado em Design de Moda

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais por me proporcionarem a oportunidade de ter uma boa educação e suporte emocional para que eu buscasse meus objetivos e, principalmente, não desistir deles. Dedico também ao meu namorado por sempre acreditar no meu potencial e sempre me lembrar do que sou capaz nos momentos difíceis. Dedico à minha prima Jessica por despertar em mim o interesse pela moda desde tenra idade.

Agradecimento

Agradeço à minha família, meus pais Rosane e Heyder por tudo que conquistei e ainda vou conquistar. Meu irmão Heyder por me ensinar a ser forte, compreensiva e empática. À minha avó Maria José por me fazer superar a mim mesma todos os dias, me mostrando o que é paciência, persistência e compaixão. Agradeço ao meu namorado, Igor, por me acompanhar durante toda esta etapa da minha vida, sendo compreensivo, amoroso e não me deixando abalar pelos contratempos da vida. Agradeço imensamente aos professores dessa instituição que cruzaram meu caminho e deixaram mais que ensinamentos técnicos. Agradeço à entrevistada e professora Manon Salles pela atenção, por aceitar participar desta pesquisa e me pôr em contato com as demais entrevistadas do grupo sobre a mulher parisiense. Agradeço também os professores Reginaldo Silva e Rosanna Naccarato por acreditar em mim, pela parceria, por serem ouvintes, compreensivos e pelos tão valiosos conselhos.

Uma história deve ter início, meio e
fim, mas não necessariamente nessa ordem.

Jean-Luc Godard

Resumo

O estilo de vida da mulher parisiense faz parte do imaginário de muitas pessoas, o que torna essas mulheres tão únicas, elegantes e despretensiosas? O que é esse “não sei o que” que só as parisienses parecem possuir? O objetivo principal desta pesquisa é investigar este estilo de vida, entendendo como se deu a perpetuação de uma imagem feminina tão valorizada e com potencial para incorporar-se ricamente à outras culturas e, então, relacionar com a mulher carioca e os elementos que contribuem para a construção do estilo de vida carioca e o seu próprio “não sei o que”. Este estudo de caso é embasado em pesquisas bibliográficas, entrevistas e observação e, como conclusão, apresentar infográficos sobre o estilo de vida da mulher carioca, assim como os existentes sobre a cultura francesa, com a finalidade de confirmar este estilo de vida e torna-lo atraente, influenciador de outras culturas estrangeiras, fomentando o turismo na cidade do Rio de Janeiro e sua imagem positiva internacionalmente.

Palavras-chave: Design de Moda. Comportamento. Paris. Rio de Janeiro. Estilo de vida.

Abstract

The Parisian women lifestyle is part of many people's imagination, but what makes these women so unique, elegant and effortless? What is that "I don't know what" that only Parisians seems to have? The main point in this research is investigate this lifestyle, understanding how the perpetuation of a so valued female image, with potential to incorporate itself richly into other cultures, really happened, and then, relate it with the Carioca women and their own "I don't know what". This case study is endorsed in bibliographic research, interviewing and observation and, as a conclusion, present infographics about the Carioca women lifestyle, as the ones existents about French culture, as a way to confirm this lifestyle e make it attractive, influential on other foreign cultures, promoting the tourism in the city of Rio de Janeiro and it's positive image in international scale.

Key-words: Design. Behaviour. Paris. Rio de Janeiro. Lifestyle.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
1- A cultura francesa no século XX.....	15
1.1- A Belle Époque.....	16
1.2- Art Nouveau e o fim da belle époque.....	21
1.3- Cinema.....	25
1.3.1- Nouvelle Vague.....	26
1.3.2- O cinema francês do Século XXI.....	31
1.4- Moda.....	33
1.5- Música.....	39
2- O <i>Je ne sais quoi</i> e o estilo de vida francês.....	45
3- Entrevistas.....	61
3.1- Pesquisa quantitativa e qualitativa.....	61
3.2- Entrevistas sobre a mulher parisiense.....	62
3.3- Entrevistas sobre a mulher carioca.....	69
4- Rio de Janeiro e a mulher carioca.....	83
5- Construção dos infográficos.....	108
Considerações finais.....	134

INTRODUÇÃO

O projeto visa, através de pesquisas e questionamentos, investigar como a mulher francesa se estabeleceu, especialmente a partir do século XX, como ícone de beleza, moda, comportamento e *lifestyle*¹, criando um ideal almejável no imaginário de pessoas ao redor do mundo. Busca entender como mulheres de uma certa cultura se comportam e a razão de este comportamento e estilo de vida despertarem tanta curiosidade em pessoas que não tem acesso direto a ele. Posteriormente, analisaremos da mesma forma a mulher e o estilo de vida carioca, traçando similaridades e diferenças entre os grupos dos dois países. Esse projeto pretende analisar como se construiu o famoso “*je ne sais quoi*”² da mulher francesa em paralelo com o borogodó³ da mulher carioca, que tantos comentam há décadas e entender a razão de eles só parecerem fazer sentido se forem aplicados em suas respectivas cidades e por suas respectivas figuras femininas.

Busca-se examinar, através de ícones femininos de diversas áreas das artes e cultura em geral, como cada uma delas influenciou, e ainda influencia, nesse estilo de vida que se tornou algo vendável, através de livros de comportamento, dicas de estilo, alimentação e até sobre a maternidade – existe um guia para cada área da vida sobre como se tornar “mais francesa”.

Mas por que esse tipo de comportamento é tão almejado por mulheres que buscam um estilo pessoal, e de vida, mais elegante? Seria a elegância símbolo da cultura do país há séculos, a forma com que propagam este estilo de vida, parecendo ser despretenso, o romance e glamour que exala das ruas de Paris através das lentes de diretores da Nouvelle Vague⁴ ou a sensualidade da mulher francesa, que não é igual a nenhuma outra, conforme pode-se perceber, por

¹ Palavra da língua inglesa, “estilo de vida” em português. De acordo com o Dicionário Cambridge significa “forma de viver ou hábitos de uma pessoa ou grupo em particular. (Tradução nossa)

² Expressão francesa que significa “não sei o quê” na língua portuguesa. Significa uma característica positiva, mas que não pode ser exatamente descrita ou explicada. (CAMBRIDGE DICTIONARY. Tradução nossa)

³ “Atrativo físico especial e irresistível. Manifestação delicada de apreço ou de amor; carinho.” (DICIONÁRIO MICHAELIS)

⁴ Movimento do cinema francês, “Nova Onda” em tradução nossa.

exemplo, nas letras de Serge Gainsbourg? Busca-se identificar estes e outros pontos que contribuem para a formação desta imagem e estética tão atraentes.

Consideramos esta pesquisa importante, pois a cultura e os “segredos” da mulher francesa sempre foram enigmáticos, ou pretendem ser, diante as mulheres do resto do mundo, que seguem seus guias e dicas, mas mesmo assim não conseguem atingir o ideal de mistério e sedução que o famoso “*Je ne sais quoi*” possui. Esta questão, aos poucos se tornou fascinante e desperta uma grande vontade de analisar com mais profundidade e seriedade. Percebendo que este mistério e sedução também ocorrem acerca do estilo de vida da mulher carioca, consideramos importante traçar o paralelo entre as duas culturas que, como apresentaremos posteriormente, já se fundiram em vários aspectos.

O levantamento e a análise de dados se darão através de pesquisas bibliográficas e iconográficas, embasadas em livros e outros trabalhos acadêmicos, bem como entrevistas de caráter qualitativo. Iremos investigar a origem deste processo, identificar seus pontos marcantes e de que forma influenciaram outras culturas de outros países para então, saber o que é esse “não sei o quê”.

Este trabalho será desenvolvido, no primeiro capítulo, em três subtópicos. No primeiro trataremos brevemente sobre a cultura francesa no século XX, a partir da Belle époque, até por volta da década de 1970. Buscamos fazer esses apontamentos de forma cronológica, mesmo que alguns itens se cruzem na linha do tempo. Falaremos sobre a casa de espetáculos *Moulin Rouge* no período da Belle Époque, o Art Nouveau, o cinema, a música e a moda, mostrando também como surtiram influências no Brasil. Neste capítulo as principais referências bibliográficas utilizadas foram: *História do cinema mundial*, Fernando Mascarello, 2010; *A roupa e a moda*, James Laver, 2006; *História da moda: uma narrativa*, João Braga, 2005.

Já no segundo capítulo trataremos sobre o estilo de vida propagado da mulher francesa, em especial a parisiense, muito de acordo com o que é divulgado pelas próprias francesas através de seus guias de comportamento. Buscamos desmembrar o “*Je ne sais quoi*” para entender como ele ocorre. Referenciaremos personalidades importantes para a perpetuação desta

atmosfera de mistério e desejo. Neste capítulo as principais referências bibliográficas utilizadas foram: *A Parisiense*, Inés de La Fressange, 2010; *Como ser uma parisiense em qualquer lugar do mundo*, Caroline De Maigret, Anne Berest, Sophie Mas, Audrey Diwan, 2014; *My little Paris*, Fany Pechiodat, Amy Pechiodat, Anne-Flore Brunet, 2011.

No terceiro capítulo, inicialmente realizaríamos entrevistas e pesquisas de campo *in loco* em Paris e no Rio de Janeiro, portanto, em decorrência da pandemia do Covid-19, não foi possível realizar as pesquisas *in loco* e as entrevistas tiveram de se realizar virtualmente, com mulheres francesas e moradoras de Paris e mulheres cariocas. O objetivo das entrevistas é colher informações acerca do estilo de vida da mulher francesa por mulheres que vivenciam ou vivenciaram essa atmosfera; analisar os dados e chegar a um resultado que comprove ou não o que nos é dito sobre a mulher parisiense nas mídias e comparar com o estilo da mulher carioca. Neste capítulo as principais referências bibliográficas utilizadas foram: *Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas*, Cláudia Augusto Dias, 2000; *Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa*, Hartmut Günther, 2006.

No quarto capítulo, daremos um salto temporal para analisar, com a mesma metodologia aplicada nos capítulos anteriores, o estilo de vida da mulher carioca e sua influência na imagem internacional do Brasil, pontuando maneiras de como o “borogodó poderia se tornar tão atraente e vendável quanto o “*je ne sais quoi*” parisiense. Neste capítulo as principais referências bibliográficas utilizadas foram: *Nu e vestido*, Miriam Goldenberg, 2002; *Bossa sempre nova: uma reflexão divertida sobre casos e personagens desse importante movimento*, Clóvis Nunes, 2015; *História do cinema mundial*, Fernando Mascarello, 2010.

Por fim, no quinto capítulo, realizaremos a construção de infográficos – assim como os existentes sobre a mulher parisiense – sobre a mulher carioca, seu estilo de vida, moda e a cidade do Rio de Janeiro de uma forma geral. Estes infográficos são importantes para atrair a atenção estrangeira positivamente para o Rio de Janeiro e o estilo de vida carioca, despertando curiosidade e atração

sendo uma boa forma de alimentar o turismo e os olhares positivos sobre a cidade.

1- A cultura francesa no século XX

Para uma melhor percepção da relevância da cultura francesa abordaremos brevemente os períodos e tópicos que se apresentaram relevantes e pertencentes à cultura francesa como a Belle Époque, o cinema, música e moda, primeiro analisando os eventos, períodos e personalidades importantes para então entender de que forma estes elementos tornam-se uma influência sobre outras culturas no mundo, incluindo a brasileira. Buscamos organizar os itens seguindo uma ordem cronológica, mesmo que algum tópico se cruze com outro em questão temporal, buscamos abordar os temas “de fora para dentro”, primeiro falando de questões mais abrangentes e detalhar depois. Abaixo, uma linha do tempo, em ordem cronológica sobre os tópicos deste capítulo.

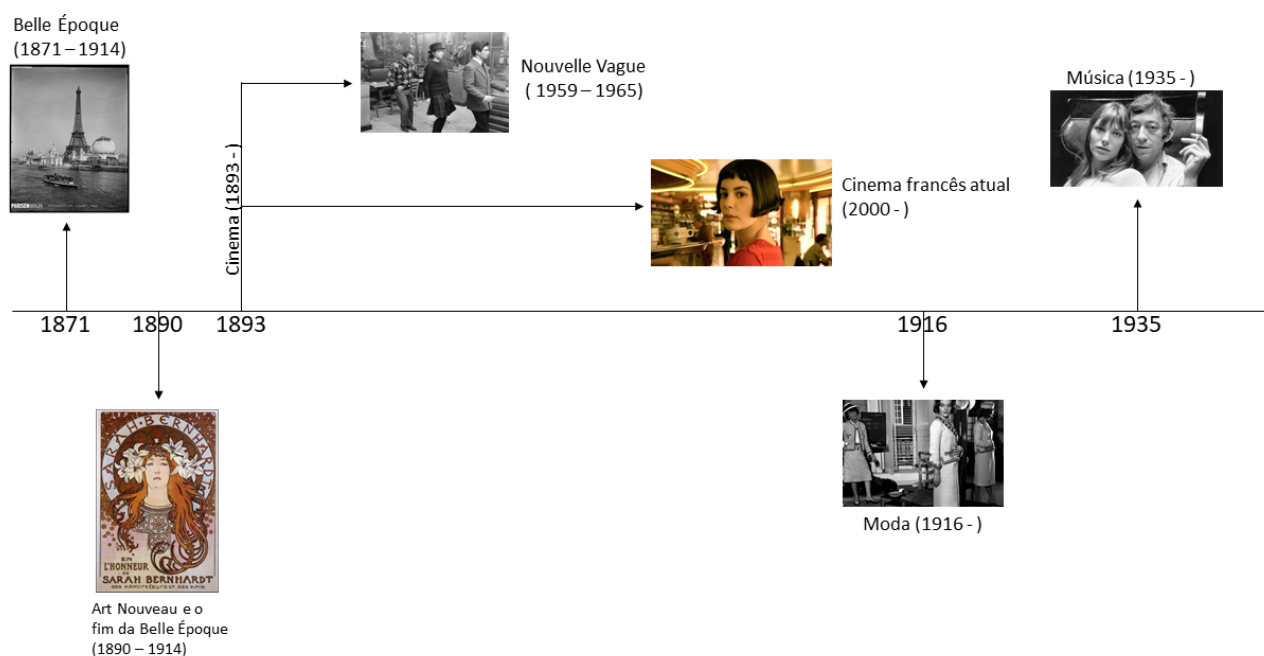


Imagem 1: Linha do tempo com referências culturais francesas a partir da Belle Époque (1871) e influentes até os dias atuais. Fonte: Da autora a partir de imagens referenciadas.

A França serviu e serve até hoje como influenciadora em diversos âmbitos da sociedade moderna, desde a democracia e implementação da república, que influenciou outros países a seguir este novo modelo de sociedade, até os hábitos alimentares, de vestir e viver a vida. No decorrer da pesquisa analisaremos a partir do período conhecido como Belle Époque, seguindo até os dias atuais.

1.1- A Belle Époque

Período transitório, marcado por um novo momento da política, quando em 1871, França e Alemanha assinam o Tratado de Frankfurt, promovendo laços de paz e prosperidade entre os países. Situado entre o fim do século XIX e a Primeira Guerra Mundial, a Belle Époque foi um momento de grandes mudanças comportamentais, urbanísticas e avanços tecnológicos, trazendo um sentimento de paz, esperança e felicidade, que surtiu efeitos e influências em muitos países ao redor do mundo e principalmente no Brasil, e na sua então cidade capital, o Rio de Janeiro. Apesar de ter acabado com o início da Primeira Guerra, a Belle Époque ainda influenciou bastante nos costumes da década de 1920 e a volta da opulência e luxúria, além dos movimentos artísticos Art Déco e Art Nouveau. (LIMA, 2018)



Imagem 2:Exposição universal de 1900, Paris. Fonte: Parisieníssima.

De acordo com Lima (2018), em Paris, com esta nova era de mudanças, veio também os processos de modernização da cidade, com o alargamento de avenidas, construção de novos edifícios, retirada de moradias e pequenos comércios antigos dos centros urbanos, criação de uma rede de água e esgoto, a chegada e uso da luz elétrica e a Exibição Universal de 1889. Diretamente influenciada pela Segunda Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra, França e Estados Unidos e pelo centenário da Revolução Francesa e da República, foi um momento marco para o início do período conhecido como a Belle Époque (1871 – 1914), pois o grande projeto de Gustave Eiffel, de uma torre de 300 metros de puro aço que poderia ser vista de qualquer ponto de Paris, foi perfeito para todo o processo de modernização da cidade e ampliação dos centros urbanos, marcando Paris como ponto turístico e imortalizando todos os avanços realizados nesta época.

O marco inicial da Belle Époque brasileira pode ser colocado em 1889 com a Proclamação da República, mas apenas com o governo de

Campos Sales (1898- 1902) e a sua reforma federalista – que deu mais estabilidade política e econômica ao Brasil – que a elite brasileira moderna das principais cidades realmente começou a se formar. Percorrendo o começo do século XX até a Semana de Arte Moderna de 1922, esse período foi marcado pelo recorrente esforço dessas elites de se modernizarem perante o mundo e com inspirações principalmente francesas. (LIMA, 2018, p.5)

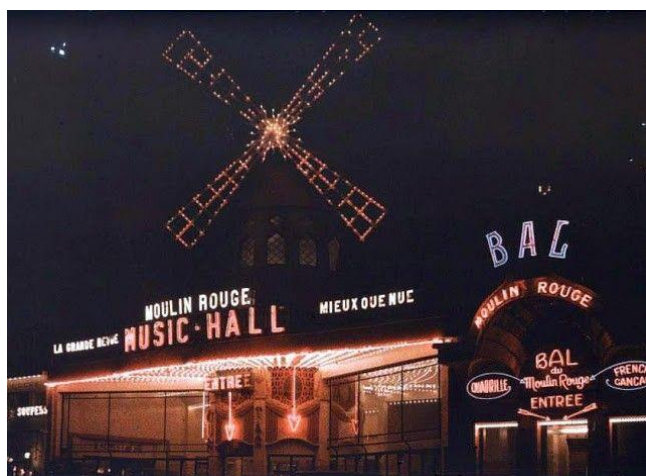


Imagem 3: Moulin Rouge no período da Belle Époque.
Fonte: Revista Galileu online.

No período da Belle Époque, cercado de luxos e opulência, podemos notar a importância de seus cabarés e casas de shows. De acordo com dados fornecidos pelo site do *Moulin Rouge* (ca.2013), a famosa casa de espetáculos (Imagem 3) foi fundada em 10 de outubro de 1889 por Joseph Oller e Charles Zidler, aos pés da colina

Montmartre em um bairro da moda, o 18º *arrondissement* (distrito, tradução nossa), que curiosamente foi o primeiro edifício eletrificado de Paris, que, com seu letreiro luminoso e shows começando às 22 horas, o “Moinho Vermelho” (tradução nossa) se tornava o centro das atenções de uma cidade praticamente às escuras.

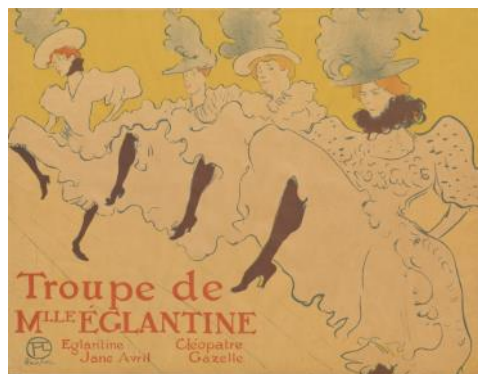
Ainda de acordo com informações disponíveis no site oficial (MOULIN ROUGE, ca.2013), em 1861, Charles Morton, em Londres, inventa o Cancan francês (Imagem 4), inspirado na dança *Quadrille* (Quadrilha, tradução nossa), que choca os ingleses, beirando a indecência, e que ainda começava a



Imagem 4: Dançarinas de Cancan, parte do espetáculo atual do Moulin Rouge. Fonte: Paris City Vision

ganhar popularidade na França. Marcando os *grand-finales* (final apoteótico, tradução nossa) com muito ritmo, rapidez e flexibilidade, as

Imagem 5: *La Troupe de Mademoiselle Églantine* (1896) de Henri de Toulouse-Lautrec.
Retratando a dança Cancan no Moulin Rouge.
Fonte: Moma



dançarinas conhecidas como *Chahuteuses* (turbulentas, tradução nossa) movimentam suas pernas no ar várias vezes sincronizadamente.

Noites regadas a champagne com glamurosos espetáculos de dançarinas, plumas e brilhos, decoração extravagante incluindo um elefante instalado no jardim, o *Moulin Rouge* atraía as mais excêntricas pessoas da alta sociedade, e entre elas está Toulouse-Lautrec, cliente assíduo que entre suas pinturas, sendo a maioria do *Moulin Rouge* e da dançarina La Goulue, que ganha fama depois de imortalizada por ele (Imagem 6).



Imagem 6: *La Goulue at the Moulin Rouge* (1891-92) de Henri de Toulouse-Lautrec. Fonte: Moma



Imagem 7: Mistinguett em Paris, França. 1928. Fonte: Getty Images.

De acordo com informações disponíveis no site oficial do Moulin Rouge (ca.2013) em 1915 o prédio sofreu um incêndio que o destruiu completamente e só foi reconstruído no ano de 1921, ao fim da Primeira Guerra Mundial. Nesta época a vedete Mistinguett (Imagem 7) assumiu a codireção do cabaré. Após a saída de Mistinguett, o lugar se tornou um clube de dança durante a Segunda Guerra, momento em que perdeu sua suntuosidade, apesar de ter recebido uma aclamada apresentação de Edith Piaf (que será evidenciada na linha temporal do subcapítulo 1.5, página 30) e Yves Montand em 1944, um dia antes da Liberação de Paris. Na década de 1950, após algumas renovações, o local foi reinaugurado com a presença do então presidente da França Vincent Auriol, como um cabaré, onde os convidados poderiam se divertir com os espetáculos exuberantes novamente. Em 1955 surge o formato de *dinner-show* (jantar servido juntamente com um espetáculo teatral) que perdura até hoje e vira uma das atrações mais frequentadas de Paris.

Ainda de acordo com o site oficial do *Moulin Rouge* (ca.2013), o nome de batismo de Mistinguett era Jeanne Bourgeois, em 1875, filha de uma costureira e um trabalhador braçal, foi uma vedete do famoso e tradicional cabaré, desde 1907, localizado em Montmartre na cidade de Paris. Foi convidada para se apresentar

no baile de inauguração do hotel Copacabana Palace, em 1923, como atração principal, porém, Mistinguett se envolveu em uma polêmica após adiar seu show no dia anterior, com receio de que o público diminuísse nas demais apresentações que faria na cidade, gerando grande frustração entre os convidados. No dia do baile, a dançarina se fez presente, mas somente como uma convidada, gerando mais uma decepção: Ninguém viu as suas tão famosas, e asseguradas, pernas que valiam 1 milhão de francos e eram consideradas “as pernas mais bonitas do planeta”. Era interessante inaugurar o Palace com uma apresentação de Mistinguett, sendo uma vedete francesa, justamente para reforçar um novo momento de grandes influências francesas que a cidade do Rio de Janeiro se encontrava, pós Belle Époque, perpetuando o bairro de Copacabana como símbolo da modernidade, boémia e vida da cidade.

Na época, o jornalista Benjamim Costallat escreveu uma crônica demonstrando a influência de Mistinguett, classificada por ele como “a mais parisiense das parisienses”. No texto, Costallat demonstrava (ainda que em um tom crítico) o quão a dançarina era influente:

“Não conhecem Mistinguett? Pois bem, ela está aí, de há muito, em toda parte. A moda dos cabelos curtos, essas criaturas que andam com o pescoço raspado a navalha? Mistinguett! Atitudes displicentes, mãos na cintura, pés de lado, mulheres elegantemente magras? Mistinguett! Voz lenta, compassada, arrastada, gemida, ligeiramente rouca? Mistinguett! Sempre Mistinguett! Em toda parte, Mistinguett. A moda é Mistinguett. E esse gênero Mistinguett, e as audácias de Mistinguett, de tal forma invadiram o mundo, que a curiosa artista dentuça (...) foi a causa remota de todos esses hábitos de ‘apache’ que as mulheres elegantes hoje têm. (PORTO; VACCARINI, 2018, p. 148)

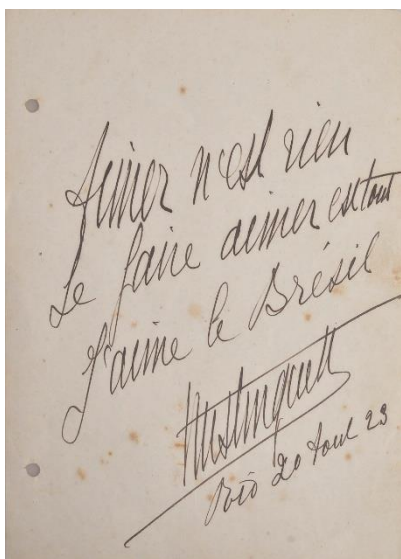
A photograph of a handwritten note on aged, slightly stained paper. The text is written in a cursive script. It reads: "Aimer n'est rien / de faire aimer entre / l'âme & Brésil / Mistinguett / Rio 20 août 23". The signature "Mistinguett" is written in a larger, more stylized cursive, and the date "Rio 20 août 23" is at the bottom right.

Imagem 8: Dedicatória de Mistinguett para um destinatário desconhecido, provavelmente o diretor do Copacabana Palace. Em francês. Rio De Janeiro, 20 de agosto de 1923. “Amar não é nada, ser amada é tudo. Amo o Brasil. Mistinguett. Rio 20 de agosto 23” Fonte: Glórias Documentos raros.

Com a crônica de Costallat e todo o frenesi causado pela dançarina, tanto em Paris, quanto em sua passagem pelo Brasil (Imagem 8), é possível perceber que Mistinguett foi uma figura vanguardista, à frente de seu tempo, precursora de modismos e novos comportamentos atribuídos ao feminino e principalmente à feminilidade francesa. O hábito de fumar, de cruzar as pernas e se movimentar com charme, de falar, olhar e ser vista de forma misteriosa e sedutora, falando baixo e calmamente para atrair o rosto do ouvinte para perto do seu, a clássica beleza e look francês como vemos hoje em dia foi diretamente influenciado pelas atitudes de Mistinguett, que além de abrir portas para uma nova forma de agir, pode ter sido a primeira numa extensa linhagem de mulheres francesas, ou atribuídas a esta cultura, que se tornaram reais ícones de moda, beleza e estilo de vida.

1.2- Art Nouveau e o fim da Belle Époque

Estilo artístico que se expandiu na Europa e nos Estados Unidos entre os anos de 1890 e 1914, justamente no período da Belle Époque. Tinha o objetivo de “criar uma arte moderna em resposta ao revivalismo histórico exaltado pela era vitoriana, e eliminar as distinções entre as belas-artes e as artes aplicadas.” (R. F. PISSETTI E C. F. SOUZA 2011, p. 18). Nome originário da galeria de arte localizada em Paris, a *Maison de l'arts nouveau*, comandada por Sigfried Bing que costumava expor os lançamentos e o que tinha de mais moderno no mundo da arte e design. Com a Segunda Revolução Industrial, chega o acesso à novos materiais como o ferro e o vidro e a expansão da fotografia propõem um novo momento de experimentações aos artistas, estes, se posicionam de forma crítica quanto à Revolução Industrial, ao progresso que se instalava na Europa e ao realismo nas artes, se referindo mais às curvas e linhas sinuosas já existentes na natureza, à liberdade da imaginação e menos às máquinas, que segundo seus autores não proporcionaram progresso humano algum, assim, “o design e a arquitetura Art Nouveau caracterizavam-se por enfatizar a linha ondulante, figurativa, abstrata ou geométrica, tratada com ousadia e simplicidade” (DEMPSEY, 2003).

Art Nouveau francesa se diferenciou dos demais movimentos artísticos do período na Europa, como a geométrica simplificada da Secessão de Viena (1897-1920) de Gustav Klimt (1862-1918), exatamente por ter

se baseado em um estilo artístico considerado nacionalmente francês – o Rococó de Luís XV (Estilo LXV). Por ter os joalheiros em Paris resgatado do Rococó francês, as curvas orgânicas e entrelaçadas, tão presentes no Estilo LXV, fez da Art Nouveau em Paris uma estética autônoma aos demais movimentos europeus que também buscavam suas raízes artísticas nacionais. (MÈRCHER, 2012, p.6)

Apesar de ser, de certa forma, baseado no rococó de Luiz XV, se diferenciando totalmente do estilo neoclássico que havia na Europa dos séculos XVIII e XIX, o Art Nouveau nunca pretendeu se parecer com nenhum outro estilo artístico, seus traços, curvas em V, linhas onduladas e os materiais diferentes e novos como as ligas de ferro, o vidro e o esmalte, inseridos no contexto social de grandes

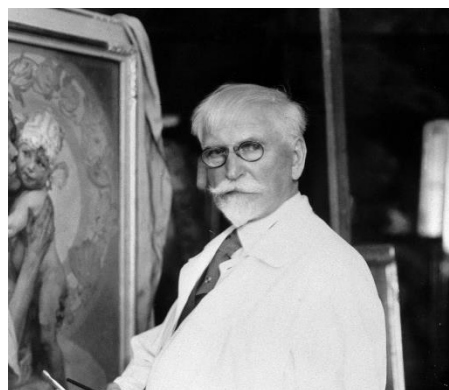


Imagem 9: Alphonse Mucha em seu estúdio. 1929. Fonte: Getty Images

mudanças e avanços tecnológicos da Belle Époque, “se encontra também no objetivo de fuga de uma realidade para uma fantasia sinuosa e sensual, sendo a do Rococó uma natureza acadêmica, ou plena de si mesma, e a da Art Nouveau uma natureza mística e sobrenatural, acrescentando maior número das curvas S e V” (MÈRCHER, 2012, p.7).



Imagem 10: Retrato de Sarah Bernhardt, 1862. Fonte: The Guardian

Alphonse Mucha (Imagem 9), ilustrador tcheco, em 1894, foi intimado por Sarah Bernhardt (Imagem 10) a produzir o cartaz de sua peça de teatro Gismonda e, apesar da falta de experiência com este tipo de trabalho, Mucha aceitou. Desde então os dois trabalharam colaborativamente durante 6 anos nos cartazes de

Sarah (Imagem 11), popularizando o Art Nouveau, principalmente no campo das artes gráficas, transformando os dois em símbolos do movimento, tornando-a uma das mulheres mais icônicas do Art Nouveau e uma célebre atriz de renome mundial, inclusive ganhando muito reconhecimento brasileiro.

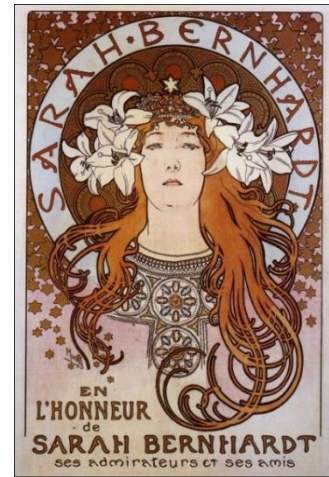


Imagem 11: Sarah Bernhardt, 1896, Alfons Mucha. Fonte: Ideia Fixa.

Em 1886 a atriz Sarah Bernhardt fez sua primeira excursão para o Rio de Janeiro. Essa visita significou uma oportunidade para os fluminenses assistirem, em língua francesa, dramas que já haviam sido representados em italiano e português europeu, por Eleonora Duse e Lucinda Simões, respectivamente. Com a vinda de Mme. Sarah criou-se uma grande especulação, na qual tomavam parte a imprensa, comerciantes, cambistas e falsificadores de bilhetes. No Diário de Notícias, além da coluna fixa “Sarah Bernhardt”, as informações sobre o dia a dia da diva eram veiculadas na seção “De palanque”, assinada por Artur Azevedo e na seção anônima “Foyer”. (SILVA, 2011, p.53)



Imagem 12: Avenida Central, atual avenida Rio Branco, na altura da rua do Ouvidor com rua Miguel Couto, 1906, Gilberto Ferrez. Fonte: Instituto Moreira Salles.

A Belle Époque carioca foi diretamente influenciada nas questões arquitetônicas, de costumes, comportamento e indumentária, pela Belle Époque francesa. A modernização da cidade, capital da recém-fundada república, foi promovida pelo prefeito Pereira Passos, como forma de “civilizar” os centros urbanos, tornando-os locais de lazer e comércio para as grandes elites. Para que essa elitização ocorresse, foi realizada

uma “higienização” dos centros, com a retirada de cortiços construídos por cidadãos negros recém alforriados, que, mais uma vez, sem estrutura ou capacidade de inclusão, se refugiam nos morros e subúrbios, além da modernização de ruas como a Rua do Ouvidor, a criação de avenidas como a

Avenida Central (atual Rio Branco), a Beira-Mar e a construção de edifícios como o Theatro Municipal exatamente como nos moldes franceses. O Rio de Janeiro, tentava se tornar um espelho tropical de Paris, a elite carioca frequentadora desses centros também se comportava de forma europeia. Falava-se francês entre as elites, as modas eram copiadas de Paris, mesmo que os climas fossem totalmente opostos, tecidos e artigos importados podiam ser encontrados na Rua do Ouvidor, cultivando uma maneira de viver à francesa.



Imagem 13: Retrato de Tarsila na Galeria Percier, em sua primeira exposição individual em Paris, 7/6/1926. Fonte: Anais do I Seminário de Pesquisas em Artes, Cultura e Linguagens.

De acordo com Lima (2018), O período da Belle Époque brasileira se estende até o momento da Semana de Arte Moderna de 1922, que conta como atração principal Tarsila do Amaral (Imagem 13) que, apesar de estar usando um vestido de Paul Poiret (renomado estilista francês, responsável pela libertação da mulher sobre o espartilho e criador da nova silhueta feminina, mais andrógena e solta, aplicada nos anos 1920), mostra que chega um novo momento de valorização da cultura nacional e da exposição de suas “brasilidades” como algo bom e valioso, se livrando de tradições estrangeiras para finalmente começar a apreciar o que é nosso e criar a nossa própria arte moderna. Essa condição pode ser observada em sua obra:

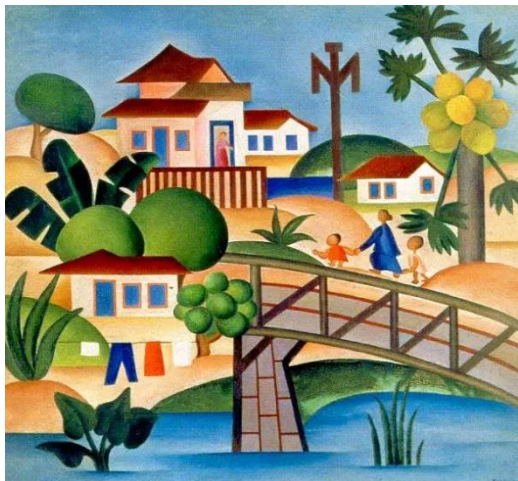


Imagem 14: O mamoeiro, 1925 de Tarsila do Amaral. Fonte: CasaCor



Imagem 15: Morro da Favela, 1924 de Tarsila do Amaral. Fonte: CasaCor

1.3- Cinema

Em um breve resumo sobre o início do cinema, podemos dizer que “as primeiras exhibições de filmes com uso de um mecanismo intermitente aconteceram entre 1893, quando Thomas A. Edson registrou nos EUA a patente de seu cinetoscópio, e 28 de dezembro de 1895, quando os irmãos Lumière (Imagem 16) realizaram uma demonstração pública e paga de seu cinematógrafo” (MASCARELLO, COSTA, 2010, p.18). Os irmãos Lumière, apesar de não terem sido os primeiros na corrida dos inventos cinematográficos, souberam tornar seu cinematógrafo conhecido internacionalmente, portanto são os mais famosos.



Imagem 16: Irmãos Lumière. Fonte: Fundação Yedda & Augusto Frederico Schmidt

Na França, os Lumière tinham dois competidores: a produtora do mágico e encenador Georges Méliès, que dominou a produção de filmes de ficção durante os primeiros anos, e a Companhia Pathé. A Star Film, produtora de Méliès, produziu centenas de filmes entre 1896 e 1912, mantendo escritórios de distribuição em Nova York e várias cidades da Europa. Mas seus filmes passaram a perder público quando o cinema encontrou uma forma narrativa própria, na segunda década, e Méliès foi à falência em 1913 (MASCARELLO, COSTA, 2010, p.21)

A partir de 1913, com a transição para os filmes longa-metragem, a indústria cinematográfica começa a ganhar respeito (MASCARELLO, 2010), desde então o cinema é política, é estética, é transgressão e beleza, se tornou parte fundamental do dia a dia das pessoas e uma fatia importantíssima na cultura mundial, além de ser uma das indústrias mais lucrativas do planeta, faturando US\$96,8 bilhões, mais US\$40 apenas em bilheteria no ano de 2018, de acordo com dados fornecidos pelo MOTION PICTURE ASSOCIATION OF AMERICA (MPAA). As invenções e avanços deste grupo de pessoas revolucionaram o mundo, a comunicação e o entretenimento, deixando um legado enorme para gerações futuras de artistas e cineastas que puderam transmitir sua própria forma de fazer arte para o mundo.

1.3.1- Nouvelle Vague

De acordo com o jornalista e escritor de cinema Mardem Machado (2015), pode-se dizer que a Nouvelle Vague começa na revista *Cahiers du cinema* (Imagem 17), então dirigida por Andre Basin que compunha seu corpo de redatores com jovens como François Truffaut, Eric Rohmer, Jacques Rivette, Claude Chabrol e Jean-Luc Godard, que como críticos de cinema não poupavam esforços para fazer comentários muito negativos sobre as produções francesas da época, porém sempre enaltecendo produções americanas de diretores como Alfred Hitchcock, Howard Hawks, Billy Wilder entre outros.

Basin então propôs um desafio aos redatores: que eles mesmos fizessem seus próprios filmes da forma que, em suas opiniões, deveria ser feito. Então, em 1958, Claude Chabrol realiza o filme *Nas Garras do Vício* que foi o ponto inicial para o movimento intitulado de Nouvelle Vague - A nova onda do cinema francês (tradução nossa).

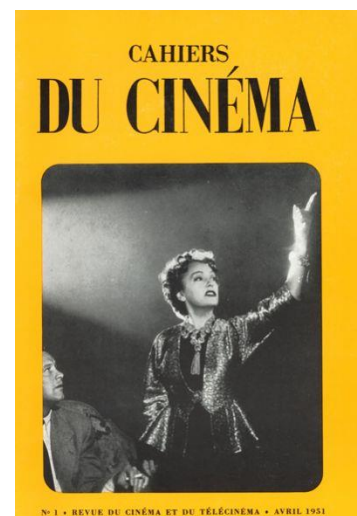


Imagem 17: Revista Cahiers du Cinéma, edição número 1 de Abril de 1951. Fonte: Revista Interlúdio.

A nouvelle vague foi o primeiro movimento cinematográfico produzido com base em um interesse pela memória do cinema. Foi esse acesso a tal tradição que permitiu nascer, nos artigos dos futuros cineastas, a ideia cara – e clara – de ruptura, de novidade a afirmar. (MASCARELLO, MANEVY, 2010, p.224)

A Nouvelle Vague leva ao cinema um ar de juventude, com aspectos urbanos, cotidianos e antropológicos muito marcados, opostos ao comércio do cinema e da sociedade do consumo. Mistura o corriqueiro com o artístico, a cultura material com a dos museus, filmes com erotismo forte, romantismo às vezes trágico e atmosfera de luto por jovens amadurecidos na Guerra e em meio à sociedade de consumo.

Os artigos da nouvelle vague revelam a complexa relação entre tradição e ruptura, equação contraditória que está no coração do seu cinema e, no mais, das outras artes modernas também. O que a nouvelle vague enxerga no cinema americano em matéria de procedimentos de estilo é, frequentemente, o que fará em seus filmes, conferindo sentido reflexivo às formas assimiladas. (MASCARELLO, MANEVY, 2010, p.227)

A seguir um painel imagético (Imagem 18) elaborado apresentando os principais pontos tratados nos filmes da Nouvelle Vague, o romantismo, muitas vezes realista, o erotismo e as cenas cotidianas:



Imagem 18: Painei imagético demonstrando os principais pontos tratados nos filmes da Nouvelle Vague. Fonte: Elaborado pela autora

Como demonstrado no painei imagético abaixo (Imagem 19), na linguagem há a utilização de closes, cortes bruscos, montagem paralela, movimentos de câmara e câmara na mão, que acompanhava os personagens.” (INSTITUTO DE CINEMA, 2019). De acordo com Mascarello e Manevy, os primeiros filmes da Nouvelle Vague reúnem elementos identitários que nos ajudam a perceber como sendo um movimento coerente. As locações em Paris, como cafés e *nightclubs* (casas noturnas, tradução nossa) reais frequentados por jovens reais, dão características quase documental às produções. As locações na rua, fora de estúdios trazem um novo aspecto visual, conceitual, com muitas cenas montadas quase de forma sobreposta e sem muito cuidado com a continuidade, permitindo ainda a inserção de cenas de quadrinhos, televisão, arquivos de filmes e outros registros não pertencentes à narrativa, que faz muito uso de *flashbacks* (técnica do audiovisual em que há interrupção de sequência cronológica pela introdução de eventos ocorridos anteriormente, muitas vezes como forma de explicação da cena) e *voice overs* (espécie de narração, muitas vezes pelas vozes dos próprios atores, explicando algum momento da cena) , confundindo e não se deixando criar uma estabilidade temporal.



Imagem 19: Painel imagético demonstrando características cênicas dos filmes da Nouvelle Vague. Fonte: Elaborado pela autora

Dentre os atores mais vistos nos filmes da Nouvelle Vague estão Belmondo, Léaud, Bardot, Seberg, Anna Karina e Jean-Claude Brialy, abalando o perfil de beldades que se apresentava no cinema. Eles fugiam completamente da imagem de estrela de Hollywood que o fim dos anos 1950 e início da década de 1960 trazia. Os atores apresentavam uma beleza mais natural, casual e desprestigiada, formando tendências que hoje se tornaram clássicas e, por isso, essas pessoas hoje são ícones do estilo francês. Podemos ver no painel imagético a seguir (Imagem 20), clássicos como o look marinheira, de blusas com listras horizontais, depois consagrado por Jean Paul Gaultier, os cabelos com franja, o corte *à la garçonnette*,⁵ estilo masculino, no Brasil chamado de “joãozinho”, o uso de cachecóis e echarpes, enrolados em laço no pescoço, jogado sobre os ombros ou ao redor da cabeça, tanto em homens quanto mulheres, a maquiagem natural, o delineado estilo gatinho e o batom vermelho.

⁵ "À la garçonnette", que significa "à maneira de um menino", é uma expressão utilizada na linguagem de moda quando algum item feminino carrega referências masculinas. A expressão deriva do corte de cabelo que foi sucesso na década de 1920, e que tinha a atriz Louise Brooks como referência do estilo. O corte tinha como características a nuca batida, fios retos nas laterais, usado com ou sem franja." (USE FASHION, ca.2018)



Imagem 20: Painel Imagético representando a estética dos atores da Nouvelle Vague. Fonte: Elaborado pela autora

No decorrer deste capítulo nota-se algumas personalidades femininas que foram, e ainda são, de grande influência na cultura francesa, tanto no campo do cinema e teatro, como na moda, estilo e comportamento. Posteriormente as destacaremos analisando as marcas que cada uma deixou na cultura francesa. A Nouvelle Vague deixou um legado para outros estilos cinematográficos que iriam surgir posteriormente, principalmente para o Cinema Novo Brasileiro, muito bem representado pelo cineasta Glauber Rocha (Imagem 21), que bebe direto da fonte cultivada pelos artistas do movimento francês e trouxe notoriedade para o cinema nacional, servindo de inspiração para cineastas da atualidade como Martin Scorsese, que é um adorador do filme Deus e o Diabo na terra do sol (GLAUBER ROCHA, 1964), e Quentin Tarantino que representa com fidelidade uma mistura da estética e linearidade utilizados na Nouvelle Vague com o Cinema Novo em seus filmes, e, sobre isso, há muita influência em quase tudo que se produziu para a nona arte no Brasil. No capítulo 4 trataremos de tópicos importantes sobre o Cinema Novo Brasileiro e como ele



Imagem 21: Glauber Rocha, década de 1960. Fonte: Gazeta do Povo.

se relaciona com a Nouvelle Vague. A partir deste momento, daremos um salto temporal para adentrarmos no cenário contemporâneo, ponto focal desta pesquisa. Analisando o cinema francês atual.

1.3.2- O cinema francês do Século XXI

A partir da revolução cinematográfica da Nouvelle Vague, o cinema francês se rejuvenesceu drasticamente, os diretores de filmes que antes eram senhores sexagenários, passam a ser jovens que, hoje em dia, estão lançando seus primeiros filmes aos



Imagem 22: Cena do filme *O fabuloso destino de Amélie Poulain*, Jean-pierre Jeunet, 2001. Fonte: Adoro Cinema.

20 ou 30 anos de idade. “Se a geração da terceira idade barrava, na época, o ingresso na carreira durante a juventude de Truffaut e Chabrol, hoje são os jovens autores que ocupam 80% dos postos de direção” (MARIE, MASCARELLO, 2008).



Imagem 23: Painel Imagético com cenas de filmes do novo cinema francês. Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com Marie (2018) o cinema francês atual é um cinema de autor, que, com heranças da nouvelle vague, busca se diferenciar do cinema comercial

hollywoodiano e que expõe o cidadão francês se atribuindo de alguns estereótipos, cartões-postais, mas buscando mostrar o cotidiano, talvez intensificando o pensamento de que o viver francês é diferenciado - quase cinematográfico, como pode-se analisar no painel imagético acima (Imagem 23).

A maior parte dos sucessos de exportação da década envolveu o cinetismo, ensaiando clichês sobre as características dos franceses. A apoteose dessa tradição foi *O fabuloso destino de Amélie Poulin* (2001) e *Eterno amor* (2004), ambos com direção de Jean-Pierre Jeunet, que se baseavam, respectivamente, em imagens de cartão-postal de uma versão pasteurizada de Montmartre e de um idílio rural gaulês. Na segunda metade da década, uma biografia de Edith Piaf, *Piaf - Um hino ao amor* (2007) também se baseou no exotismo francês familiar para garantir seu sucesso. (KEMP, 2011, p.556)

Um segundo momento deste novo cinema, que envolve filmes com sexualidade explícita, violência gráfica e enredos de caos social é “O Novo Extremismo Francês”: uma “tendência cinematográfica que evidencia os sintomas de uma crise social contemporânea e os transforma em uma narrativa da sociedade.” (LIMA, 2015). O filme mais famoso desta era é “*Irreversível*” (2002) (Imagem 24) de Gaspar Noé, que exibe uma cena de estupro com duração de nove minutos que se torna sórdido e é um bom exemplo para ilustrar o novo extremismo francês. Apesar de ter sido polêmico, não foi lucrativo e os maiores filmes franceses desta época foram “*A marcha dos pinguins*”, um documentário de 2005 e “*Arthur e os Minimoys*”, uma animação de 2006. (KEMP, 2011).



Imagem 24: Cena do filme *Irreversível*, Gaspar Noé, 2002. Fonte: Omelete

Enfim, nota-se como o cinema oferece uma infinidade de referências e influências e, não por acaso, anda, quase sempre, de mãos dadas com a moda que, em se tratando do modelo francês, não tem igual.

1.4- Moda

Quando pensamos em moda, principalmente a francesa, um dos primeiros nomes que nos ocorre é Gabrielle Coco Chanel, um dos maiores ícones da moda que, após trabalhar como chapeleira, em 1916 inova produzindo *tailleurs* de jérsei - conjunto de vestuário feminino constituído de saia e casaco geralmente do mesmo tecido – tradução nossa (Imagem 25), confortáveis e de toque macio, “daí em diante, seu nome só veio dar à moda o que poderíamos realmente chamar de estilo, ou seja, mais do que somente a característica de moda.” (BRAGA, 2005)



Imagem 25: Gabrielle Chanel (esquerda) em seu ateliê com cliente que veste seu icônico *tailleur*. Fonte: Xico Gonçalves

Após a Primeira Guerra, as mudanças nos costumes, e consequentemente na moda, começam a aparecer. O trabalho, o esporte, o lazer e a dança fizeram com que o vestuário se modificasse para se adaptar aos novos hábitos da mulher moderna, contribuindo principalmente para o encurtamento das saias. Os anos 1920 foram inovadores, mudanças drásticas e rápidas aconteciam. As saias tipo barril, os cabelos curtos, visual andrógono, o hábito de fumar em público e até dirigir. De acordo com Braga, como referência de criadores de moda dessa época, temos a já renomada Chanel, Madame Pequin, Jean Patou, Madeleine Vionet, Jeanne Lanvin e Lucien Lelong.

De acordo com James Laver (2006), em 1940, Paris foi derrubada pelo exército alemão, em meio à Segunda Guerra, porém a moda se manteve erguida, apesar da escassez de tecidos, mão de obra e até de meios de confecção. Tecidos caros não podiam mais ser encontrados e acabamentos mirabolantes e à mão simplesmente, não poderiam ser feitos. Contudo, em 1945, estilistas parisienses, incluindo Balenciaga, Balmain, Dior, Givenchy e Jacques Fath, juntamente com o governo,



Imagem 26: *New Look* de Dior, 1947.

Fonte: Constanza Who.

mostraram na exposição “*Le théâtre de la mode*”, o quanto estavam empenhados em reerguer o mercado da moda e alta-costura parisienses. “Paris novamente se transformou no centro da moda, mas a Inglaterra e os Estados Unidos já haviam começado a criar suas próprias indústrias de moda, cada vez mais independentes.” (LAVÉ, 2006)

Buscando abandonar as linhas rígidas e masculinizadas que foram adquiridas na Guerra, por causa da forte produção de uniformes, acontece, em 1947, o *New Look* de Dior que, apesar da desaprovação do governo por estar em meio a um racionamento de roupas, as mulheres o aceitaram muito bem e estavam dispostas a voltarem para a modelação corporal com cintas para caber nos padrões do *new look* (Imagem 26). De acordo com James Laver, após o *New Look* foram dez anos de intensa criação no mundo da moda e Dior manteve sua liderança na indústria até sua morte em 1957. Todas as inovações criadas pelos principais e mais tradicionais costureiros podem ser entendidas como uma forma de manter um domínio sobre a alta costura e ignorar as novas influências que estavam surgindo, como por exemplo Yves Saint Laurent, que após a criação do célebre vestido trapézio desfilado em 1958, muda drasticamente a silhueta e, em 1959, cria uma coleção para a Dior sem repercussões populares, mas que “marcou o fim do apogeu da alta costura parisiense” (LAVÉ, 2006).

Dior continuou a reinar na moda francesa e novos padrões foram por ele lançados seguindo sempre o aspecto de luxo e glamour, resgatando a feminilidade perdida nos anos da guerra. Inúmeras foram as propostas de volumes e comprimentos lançados por ele durante os anos de 1950. As saias ficavam justas ou ampliavam-se, ficavam mais

retas e longas ou mantinham-se abaixo dos joelhos com volumes. (BRAGA, 2005, p.84-85)

Na década de 1960, a Inglaterra estava sob influência jovem, as meninas não queriam mais vestir versões das modas de suas mães, queriam uma moda própria, trazendo referências do *sportswear* (roupa esportiva, tradução nossa), unissex e alternativa, totalmente diferente da atmosfera de sofisticação que ainda percorria pelas ruas de Paris. A indústria do *prêt-à-porter* (pronto para vestir, em tradução nossa. Roupas feitas industrialmente em série, ao contrário da alta-costura que produz roupas à mão e sob medida) ganha força, “democratizando as criações dos estilistas, tornando ideias mais acessíveis financeiramente” (BRAGA, 2005).

Saint Laurent, agora trabalhando sozinho, trouxe o beatnik da década de 50 para a de 60 com seu look da Rive Gauche em visom preto e cetim *ciré*. Os recém-chegados eram Emmanuelle Khanh, uma das criadoras do look “menina”, e Courrèges, cuja coleção para a primavera de 1964 deliciou o mundo com suas roupas da era espacial, brancas, em quadrados e com botas de pelica de cano alto – as primeiras botas da moda a terem longa vida. Paco Rabanne chocou e encantou com suas roupas de argolas de metal e discos de plástico, usadas com enormes brincos também de plástico que se transformaram em moda rapidamente e os penteados com cortes retos. (LAVER, 2006, p.265)

Paco Rabanne, outro nome de extrema importância, foi mais inusitado ainda ao trocar o tecido, a linha e a agulha por placas de metal, arame e alicate, sendo carinhosamente chamado por Chanel de “o metalúrgico”. (BRAGA, 2005). Françoise Hardy, cantora e figura influente da moda e música francesas (que será evidenciada na linha temporal do subcapítulo 1.5, página 32) usou um vestido de Rabanne em 1969, considerado o vestido mais

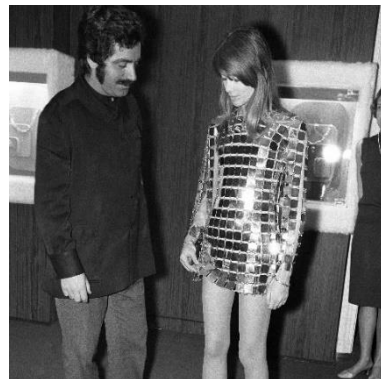


Imagem 27: Cantora Françoise Hardy usando vestido de Paco Rabanne, ao lado do estilista, 1969. Fonte: Vogue US online.

caro da época, pesava nove quilos, contendo mil placas de ouro e trezentos quilates em diamantes (Imagem 27). Rabanne também produziu diversas peças para o figurino do filme cult futurista *Barbarella*, estrelado por Jane Fonda (Imagem 28).



Imagem 28: Jane Fonda em foto promocional para o filme *Barbarella*, 1969. Fonte: Casa Vogue

Nos dias de hoje, ressaltamos, além das já consagradas *maisons* (“casas” em francês, tradução nossa – casas de moda eram chamadas de *maisons*), duas novas marcas francesas que para traduzem com perfeição o estilo de vida da garota parisiense moderna: Jacquemus e Rouje.

A marca Jacquemus, criada em 2009, fundada e dirigida por Simon Porte

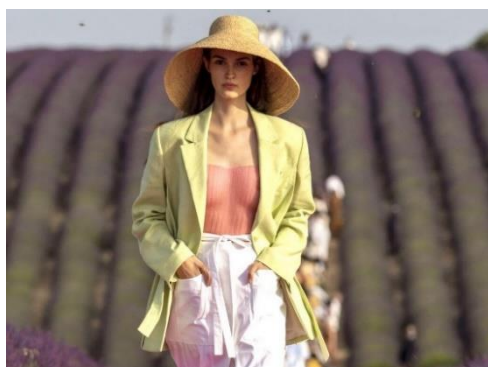


Imagem 29: Desfile "*Coups de soleil*", Jacquemus, 2019. Fonte: Site oficial Jacquemus.

Jacquemus, com 29 anos e nenhuma formação acadêmica, aprendeu o que sabe sobre moda na prática e na coragem, enquanto trabalhou como vendedor em uma loja da Comme des Garçons, fundada em 1969 por Rei Kawakubo. De acordo com Farfetch (2018) um canal de vendas on line de marcas de moda de luxo nacionais e internacionais, a marca recebe o sobrenome

de solteira da mãe de Simon, que morreu precocemente e foi a primeira influenciadora do futuro designer ainda na infância. Sempre imprevisível e surpreendente, já foram distribuídos jalecos aos espectadores de um de seus desfiles para que somente as roupas na passarela chamassem atenção.



Imagem 30: Bolsa Chiquito da marca Jacquemus. Fonte: Revista Glamour

Já conquistando nomes como a cantora e formadora de opinião Beyoncé, o estilista Pierre Cardin, a também cantora, formadora de opinião e empresária Rihanna e milhares de influenciadoras digitais, o estilo de Jacquemus é “fresco” – numa alusão ao estilo jovem, simples, mas ao mesmo tempo com cores vibrantes e acessórios chave, como os enormes chapéus “Le Grand Chapeau Bomba” que viraram febre no Instagram em 2018 (imagem 29) ou as micro bolsas Chiquito (Imagem 30).

O segredo dele? Conseguir transpor para as roupas um ar solar e sexy do sul da França, sua maior inspiração, e ao mesmo tempo brincar com elementos quase surrealistas, vistos nos grandes chapéus e sapatos Jacquemus, por exemplo. “Queria criar algo para essa nova garota francesa que eu não via na passarela: a garota que consegue ver poesia moderna em uma camiseta branca.” (FARFETCH, 2018)

Rouje
PARIS

Imagem 31: Logotipo Rouje. Fonte: site oficial Rouje Paris.

Criada pela influenciadora digital e *it girl* (são garotas/mulheres que possuem carisma, tradução nossa) a francesa Jeanne Damas

(Imagem 32), uma das melhores amigas de Simon Porte Jacquemus, a marca Rouje (imagem 31), de acordo com a Forbes (2018), surgiu de uma necessidade dela de criar um guarda-roupa ideal para refletir o estilo “garota francesa”, composto de peças para o dia-a-dia inspiradas em mulheres que passaram pela vida, ou pelos olhos, de Jeanne, como sua mãe, que é considerada sua primeira influência de moda pelas lembranças de seu estilo em sua infância. Com estética descrita pela designer como despretensiosa, chique e atemporal, palheta de cores clássicas e formas simples, Rouje transmite para o mundo exatamente a ideia do *je ne sais quoi* francês e o torna, de certa forma, viável para mulheres de outras partes do



Imagem 32: Jeanne Damas usando vestido Rouje. Fonte: Vogue US online.

planeta. “O que torna Rouje diferente é não se tratar de peças tendência ou etiquetas de quatro dígitos, na verdade, as roupas são bem sutis e pé no chão.” (VOGUE, 2016. Tradução livre).

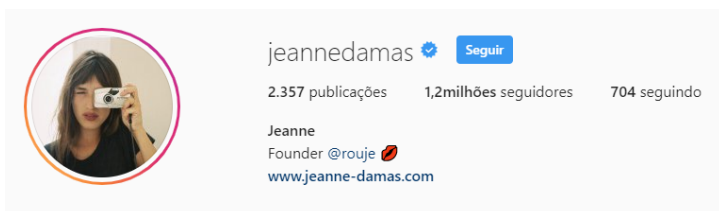


Imagem 33: Foto da tela inicial do Instagram de Jeanne Damas. Fonte: Instagram.

através de seu perfil no Instagram com mais de 1 milhão de seguidores (Imagem 33) e um livro lançado em 2017.

Quando falamos de personalidades importantes da moda francesa, não podemos esquecer de Inès de la Fressange - ex-modelo, a primeira a assinar um contrato de exclusividade com a marca Chanel, ícone e símbolo da elegância e estilo francês, dona de sua própria marca de roupas, como apresentada no capítulo 2 - (Imagem 34). De acordo com Malva (2011), Inès de la Fressange é de Saint-Tropez, porém se mudou para Paris para estudar em uma das

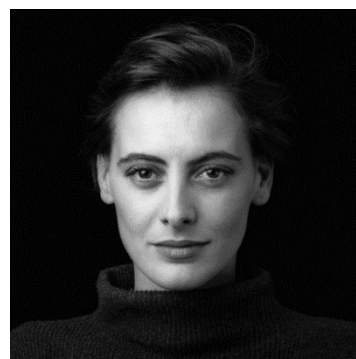


Imagem 34: Inès de la Fressange. Fonte: Finíssimo

melhores instituições parisienses, mas após finalizar os estudos, decidiu seguir seu sonho de tornar-se modelo, e após alguns importantes trabalhos, a francesa ficou conhecida como o “manequim que fala”. Na década de 1980, “Karl Lagerfeld enviou Inès de la Fressange para as passarelas como a nova embaixatriz da imagem Chanel” (FONSECA, 2008) por ser considerada fisicamente parecida com Gabrielle Chanel (MALVA, 2011).

Em 1991, a moça cansou de modelar e foi investir em sua própria marca “Inès de La Fressange” que surgiu em formato boutique, na Avenue Montagne. A boutique de Inès nasceu de uma parceria com o Grupo Louis Vuitton e vendia artigos de luxo, roupas de redy-to-wear e perfumes. O sucesso foi tanto que a loja expandiu para os Estados Unidos e Japão. (MALVA, 2011)

Hoje Inès de la Fressange é consultora de imagem na grife Roger Vivier, já lançou dois guias de estilo e viver parisienses e é considerada uma das mulheres mais elegantes do mundo, símbolo do *savoir-vivre* (o saber viver bem, em tradução nossa) parisiense. Ao longo do trabalho trataremos sobre a influência de Jeanne Damas, Inès de la Fressange e outras personalidades, com maior aprofundamento. Outra área da cultura repleta de ícones é o campo fonográfico, como veremos a seguir, destacaremos as artistas mais emblemáticas para a pesquisa.

1.5- Música

Neste capítulo, ao falar de música francesa, seguiremos a linha cronológica a partir de 1935, iniciando com Edith Piaf se estendendo até os dias de hoje. A escolha de Piaf não é ocasional e nem aleatória, trata-se de relacionar Piaf com a cronologia estudada nesta pesquisa, se iniciando na Belle Époque, como já visto anteriormente, pontuando a presença de Piaf no Moulin Rouge, passando pelo movimento *yé-yé*⁶(derivado do *yeah, yeah* inglês – onomatopeia utilizada em músicas pop), estilo musical surgido na França, Itália e Portugal na década de 1960, com influências diretas do *rock'n'roll*⁷ e do pop anglo-saxão. Paris é considerada uma das cidades mais românticas do mundo, senão a mais, muito pelo idioma falado – idioma que vem a ser também da diplomacia, a intensidade sentimental dos franceses, as luzes da cidade, os inúmeros filmes contendo histórias de amor locadas em Paris, mas também muito pela música francesa, que reflete esta forma intensa do povo. As letras de amor cantadas de forma profunda, sentimental, e melodias que embalam a atmosfera que exala o romance e a paixão francesas, características muito perceptíveis aos olhos estrangeiros e que, de certa forma, influencia o resto do mundo em vários campos das artes e modos de viver.

⁶ “A definição de *yéyé* no dicionário é que, no início da década de 1960, foi inspirada pelos ritmos das canções anglo-saxões adaptadas em francês geralmente contendo a onomatopeia dupla “sim”, traduzida em *yé yé*.”(EDUCALINGO,2020)

⁷ “Estilo de música dançante e popular, originado na década de 1950, nos Estados Unidos, que possui batidas altas, fortes e simples que se repetem.” (CAMBRIDGE DICTIONARY, 2020. Tradução nossa)

Nascida como Edith Giovana Gassion, Piaf (Imagem 35) não teve uma vida comum nem fácil, segundo o jornal O Globo (2015), seus pais, artistas e cantores de rua, que despertaram nela o amor pelos palcos, porém delegando sua criação à sua avó materna, que a submetia às condições de maus-tratos, por



Imagem 35: Edith Piaf. Fonte: The Guardian.

isso, pouco tempo depois, sua criação se voltou à sua avó paterna, que era dona de um bordel. Aos 15 anos, já cantava nas ruas para obter sustento após uma emancipação precoce, neste mesmo período engravidou de sua filha, que faleceu de meningite 2 anos depois. Em 1936, Piaf gravou seu primeiro disco e continuou a fazer sucesso até seus últimos dias, mesmo com a saúde física e mental seriamente debilitada, seu vício em álcool e morfina. Piaf faleceu em 1963 no sul da França e foi representada pela atriz Marion Cotillard no filme *Piaf – Um Hino ao Amor* (2007), que lhe rendeu o Oscar de melhor atriz (Imagem 36), e hoje é embaixadora da icônica fragrância Chanel Nº 5, da *maison* Chanel e lançará sua primeira campanha para o perfume no fim de 2020 (HARPERS BAZAAR, 2020).



Imagem 36: Marion Cotillard como Edith Piaf no filme *Piaf - Um hino ao amor* (2007).Fonte: Catraca Livre.

Após Edith Piaf, na década de 1960 temos Serge Gainsbourg. De acordo com Luciano Trigo (2011), nascido como Lucien Ginzburg, foi um escritor, cantor, compositor e poeta, que marcou época como boêmio, símbolo da música francesa e sedutor.



Imagem 37: Serge Gainsbourg e Jane Birkin. Fonte: BBC.



Imagem 38: Serge Gainsbourg e Juliette Gréco. Fonte: Aliança Francesa



Imagem 39: Serge Gainsbourg e Brigitte Bardot. Fonte: Getty Images

Autor da frase “A feiura é superior à beleza, porque dura para sempre”, Serge teve romances com algumas das mulheres mais bonitas de sua época como Jane Birkin (Imagem 37), Juliette Gréco (Imagem 38) e Brigitte Bardot (Imagem 39), mesmo sendo, de acordo com Luciano Trigo para o site de notícias G1 (2011), “feio e franzino, narigudo e orelhudo, tinha olheiras e dentes podres. Além disso, vivia bêbado, fumava sem parar e consumia drogas em volumes industriais”. Serge sempre foi um homem polêmico, seu romance com Jane Birkin, por exemplo, foi repleto de polêmicas. Os dois se conheceram no set de gravação do filme *Slogan* em 1968, quando Jane tinha 22 anos e Serge, 40, após seu relacionamento com Brigitte Bardot. Gravaram a música “*Je t’aime, moi non plus*”, proibida na época em diversos países, inclusive o Brasil, por conter “gemidos de prazer explícito.” (TRIGO, 2011). O relacionamento dos dois durou 13 anos e dele nasceu a atriz francesa Charlotte Gainsbourg que em 1986, aos 15 anos de idade gravou um álbum com seu pai, intitulado “*Lemon Incest*”, no qual o videoclipe da canção de mesmo nome, mostra sugestivamente, pai e filha deitados numa cama, ele sem camisa e ela sem calça, evidentemente polêmico para a época e provavelmente seria vetado nos dias de hoje, porém a atriz declarou recentemente, já em sua

fase adulta, que hoje vivemos tempos mais puritanos que há três décadas e que não havia problema nenhum com a letra da música. (VICENTE, 2017).

Nunca houve qualquer dúvida sobre o que a letra dessa música diz. Meu pai fala de um amor não consumado. Parece uma pena que você não possa falar sobre certos problemas, mesmo quando eles são sérios. Penso que hoje seria impossível gravar uma música assim. (Charlotte Gainsbourg para o jornal El País, 2017)

Também na década de 1960 e sendo uma das personalidades mais marcantes do movimento yé-yé francês e um ícone da moda, falaremos de Françoise Hardy.

Nascida em 1944 e desde a década de 1960, quando fazia parte da cena yé-yé francesa, Françoise Hardy (Imagem 40) é considerada um ícone da moda. De estilo simples, chique e natural, símbolo da “garota francesa”, que é sempre citado e já serviu de inspiração para diversos designers como Yves Saint Laurent, Paco Rabanne, citado anteriormente como figurinista de filmes como *Barbarella* (1968) e referência para o cineasta Stanley Kubrick, e a marca Comme des Garçons, que foi nomeada através de uma de suas músicas mais famosas, a



Imagem 40: Françoise Hardy, 1968. Fonte: The Guardian

“*Tous les garçons et les filles*”, de 1962 (BLOCK, 2018) e também admirada por músicos como Bob Dylan e Mick Jagger que a consideravam sua “mulher ideal”. ” Aos 74 anos, ela ocupa um lugar singular na cultura pop, sendo um ícone de estilo duradouro e uma cantora cujas músicas se prestam à reavaliação constante de várias gerações de fãs e críticos.” (O’HAGAN, 2018 - tradução nossa). É notório que estas personalidades que foram tão importantes tanto para o mercado fonográfico francês, quanto para a música em geral, também influenciaram fortemente outras áreas da cultura ocidental, seja a moda, estilo de vida, cinema e até o próprio mercado fonográfico de outros países.

Para fortalecer nossas afirmações faremos uma análise das personalidades femininas apresentadas neste capítulo a partir de um painel imagético (Imagem 41) pontuando suas influências na cultura francesa.



Imagem 41: Painel Imagético com as mulheres influentes evidenciadas no decorrer do capítulo 1. Fonte: Elaborado pela autora

Retomaremos brevemente os pontos principais explicando a razão de cada uma das mulheres evidenciadas serem importantes para a cultura da França e, portanto, pertinentes acerca do foco desta pesquisa. Seguindo a linearidade apresentada no capítulo 1, Mistinguett (indicada pelo número 1 na imagem 41) é a primeira mulher a ganhar destaque como famosa vedete do Moulin Rouge, figura de grande importância para a série de influências francesas que o Rio de Janeiro recebia no período da Belle Époque carioca. Vanguardista de questões relacionadas ao comportamento feminino que perduram até hoje como símbolo de feminilidade no mundo ocidental.

A seguir, Sarah Bernhardt (indicada pelo número 2 na imagem 41), atriz francesa que ganhou renome mundial se tornando símbolo do movimento artístico Art Nouveau com os cartazes personalizados de suas peças. Foi também figura de grande importância nas influências francesas no Rio de Janeiro na época da Belle Époque Carioca, ganhando uma coluna fixa sobre ela no Diário de Notícias.

As musas da Nouvelle Vague (indicadas respectivamente pelos números 3,4 e 5 na imagem 41) como Anna Karina, Brigitte Bardot e Jean Seberg, seu visual moderno e jovial, se destacando das musas do cinema hollywoodiano da época foi responsável pelo lançamento de tendências que se tornaram clássicos e nunca saem de moda, virando símbolo da elegância e estilo franceses. Cortes de cabelo com franja ou estilo “joãozinho”, maquiagem leve ou com o clássico delineador gatinho e batom vermelho, o estilo marinheira, o uso de echarpes e cachecóis e a beleza natural e despretenciosa ainda muito valorizadas na França.

Coco Chanel (indicada pelo número 6 na imagem 41), vanguardista e visionária da moda feminina, há mais de 60 anos criou e popularizou o uso do *tailleur* feminino, tornando-o símbolo não só da *maison* Chanel, mas de elegância e *status* que, sempre sendo renovado, perdura até hoje.

Inês de la Fressange (indicada pelo número 7 na imagem 41), primeira modelo a assinar um contrato de exclusividade com a Maison Chanel, se tornou embaixatriz da marca por sua similaridade física com Coco Chanel. Conhecida como o manequim que fala, hoje a ex modelo é consultora de Imagem da Roger Vivier, já escreveu dois guias sobre os segredos parisienses, desde o estilo, a forma de viver, se comportar, até que lugares a parisiense frequenta. É considerada uma das mulheres mais elegantes do mundo e símbolo do *savoir-vivre* parisiense.

Jane Birkin e Françoise Hardy (indicadas respectivamente pelos números 8 e 9 na imagem 41), ambas são até hoje ícones de estilo e da típica garota francesa, com visual moderno, casual e boêmio, mas chique e natural, pode facilmente ser reproduzido nos dias de hoje, umas das maiores responsáveis pela reafirmação do estilo de vida leve e despretensioso das francesas, como veremos no decorrer do capítulo 2.

2- O *Je ne sais quoi* e o estilo de vida francês

Tendo em vista o universo de influências apresentados anteriormente, a partir daqui focaremos no estilo da mulher francesa e entender o que as define, de acordo com o que é propagado por elas para que, esta forma de viver e se comportar, se transforme quase um “item de desejo” entre as mulheres de outros países.

Fora da França, isso é uma fonte infinita de curiosidade. De onde vem esse jeito blasé, esse modo de ser chique sem parecer se esforçar nada para isso? Como elas cultivam essa forma tão particular de cabelo despenteado? Como conseguem despertar tantas fantasias nos homens ao mesmo tempo que exigem a igualdade entre os sexos? (BEREST; DIWAN; MAIGRET; MAS. 2014. P.1)



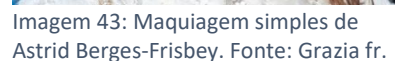
Imagem 42: Inês de La Fressange.
Fonte The Telegraph

De acordo com a tradução no início da pesquisa, o significado da expressão *je ne sais quoi* – ‘eu não sei o que’: é uma expressão positiva de sensação de bem estar, é um estado de espírito livre, descontraído, romântico e glamoroso que é promovido pelas próprias parisienses.

De acordo com Fresange (2010) no guia que define o estilo da mulher francesa, é priorizar a qualidade à quantidade, os clássicos às tendências, e não estar disposta a gastar muito por uma etiqueta, preferindo peças de qualidade que não ostentem marca. Como dito pela jornalista de moda e blogueira do *lifestyle*

francês, Camille Charrierre, é bom ter uma bolsa que não ostente um designer ou marca. Garotas francesas não necessariamente querem que você saiba onde elas compraram algo. Elas sabem o que lhes serve bem, o que combina com seu estilo, seu corpo e seu cotidiano e permanecem com este estilo. Seu segredo é se sentir confortável dentro das roupas para transparecer confiança, usar as tendências de forma sutil, a seu favor e não ser uma vítima da moda. Ela tem o hábito de sair para fazer compras, ao invés de comprar online e seu objetivo enquanto compra itens de vestuário é adquirir uma peça que permanecerá em seu guarda roupa por muito tempo.

No quesito beleza, a mulher francesa nunca exagera na maquiagem (Imagem 43), prefere a naturalidade sempre e como gosta das contradições, a parisiense se maquia e se arruma para sair de dia e para a noite, sai fresca e natural. Fressange (2010) pontua, de forma tradicionalista, de acordo com costumes presenciados por ela em sua vivência e herança francesas, interpretados de forma pessoal, aqui somente transcritos, 10 itens para ficar sempre bela:



Estilo parisiense

A collage of ten fashion images illustrating Parisian style. The images show various outfits: a woman with a headscarf, a woman with goggles, a woman in a red top and jeans, a woman in a black dress, a woman in a striped shirt, a woman in a plaid blazer, a woman in a red top and jeans, a woman in a black dress, a woman in a striped shirt, and a woman in a plaid blazer.

46

Como pode-se analisar no painel imagético acima (Imagem 44), alguns itens clássicos do estilo parisiense, estão a elegância com sobriedade, o uso de cores como bege, preto, branco e azul marinho é bastante comum; não ostentar marcas ou logotipos, mostrar o corpo mas sem exageros; não se usar fenda e decote ao mesmo tempo, por exemplo. Apostar nos clássicos sempre, e analisar muito bem quais tendências serão aderidas, baseando-se em seu estilo pessoal. Usar poucos acessórios, mas com personalidade, podendo incluir também itens do vestuário masculino para um ar *cool* (legal, tradução nossa) e despretensioso, mas sem perder a feminilidade. A parisiense sempre parece confiante com o que usa e por isso nunca perde a naturalidade, além do comportamento, a naturalidade transparece nos cabelos meio bagunçados e na maquiagem leve, mesmo que com o batom vermelho, marca do estilo francês, que virou símbolo de feminilidade mundial.

Tudo que é um pouco imperfeito, nós mantemos, gostamos. Nós não queremos usar muita maquiagem, não queremos esconder imperfeições, nós queremos um pouco de rugas, não gostamos de parecer perfeitas. Não queremos parecer bonecas de plástico, não queremos parecer que estamos usando um filtro. (CHARRIERE, 2019)
(Tradução nossa)

De acordo com entrevistas feitas às mulheres parisienses pelo canal I Love Paris (2017), a alimentação da mulher parisiense é um ponto crucial em seu estilo de vida leve e descomplicado, embora seja levado muito a sério. É importante focar nos sabores e quantidades do que se come, sem distrações como televisão e celular, dividindo as refeições entre entrada, prato principal e sobremesa, mastigando devagar e assim, facilitando a digestão e o metabolismo. Os franceses de modo geral comem muitas frutas, legumes e proteínas variadas, muitos sendo adeptos da dieta mediterrânea, que pode resumir muito bem os hábitos alimentares franceses, consistindo na priorização de alimentos frescos, descartando os industrializados e enlatados; muito consumo de peixes, consumo esporádico de carne vermelha e frango, nunca fritos, muitos legumes e frutas, azeite de oliva, nozes, castanhas e amêndoas, grãos integrais, laticínios e, por fim, vinho. Por aqui identificamos a dieta alimentar como Mediterrânea. Como visto nas entrevistas, é importante cozinhar todos os dias e não comer *fast food* (Comida pronta, industrializada. Tradução nossa), ingerir muitas frutas, legumes, peixe, pouco sal e açúcar, portanto evitando alimentos industrializados

e bebidas açucaradas como refrigerantes, raramente frituras e uma taça de vinho por dia acompanhando a refeição. O segredo é comer bem pela manhã, no almoço balancear legumes, proteína e carboidrato e à noite sopas ou comidas leves. Os franceses caminham ou andam de bicicleta para todos os lugares e o tema academia é tabu entre as conversas francesas:

Nós não gostamos de falar sobre isso. É claro que mulheres francesas vão à academia, mas elas não falam sobre isso. Elas não iriam à academia com roupas de ginástica, elas mudam na academia. (CHARRIERRE, 2019, tradução nossa)



Imagem 45: Painel imagético fazendo um paralelo entre as dietas francesa e brasileira.
Fonte: Elaborado pela autora

Como pode-se analisar no painel imagético acima (Imagem 45), fazendo um paralelo visual entre as dietas francesa e brasileira, podemos ver claramente algumas similaridades, mas também diferenças. Na dieta brasileira, a “entrada” é uma salada simples, e é nela que consumimos legumes, folhas e azeites. O prato principal brasileiro, ao contrário da dieta francesa, é composto de partes iguais de carboidratos, grãos (arroz e feijão) e uma proteína, a alternativa mais comum a esse prato é a massa da culinária italiana. Consumimos muitas frutas

assim como os franceses, porém nosso consumo de proteínas é muito maior e mais variado devido ao tradicional churrasco brasileiro. Nossos cafés da manhã e lanches são majoritariamente compostos de pão “francês” (apesar do nome, o pão que comemos é bastante diferente da tradicional *baguette* francesa), café preto e uma porção de fruta. Ao contrário dos franceses, nós brasileiros mostramos com orgulho os exercícios que fazemos na academia, gostamos muito de cuidar da saúde do corpo e manter um físico bem definido.

Na alimentação, cada estação tem suas frutas, legumes e queijos específicos. A forma de preparação e os pratos se adaptam às temperaturas. Na primavera e verão nada mais gostoso que fazer um piquenique ou almoçar um sanduíche leve nos parques e praças da cidade. No inverno privilegiamos as comidas pesadas, com molhos espessos. Pratos famosos como *fondue* e *raclette* são verdadeiros rituais que ajudam, inclusive, a aquecer o ambiente. (CONEXÃO PARIS, 2019)

Ela gosta de ser diferente, exclusiva e até contraditória. Quanto menos conhecido for aquilo que ela gosta, melhor. É esnobe e arrogante, inunda o mundo com seus conselhos de vida. Além disso, ela adora que lhe peçam conselhos. Normal, ela já fez de tudo na vida, viu de tudo e entendeu tudo (BEREST, DIWAN, MAIGRET, MAS. 2014).

De acordo com os objetivos dessa monografia, mostraremos infográficos para ilustrar de forma sucinta e leve pontos do estilo de vida da mulher parisiense. A França, por ser um país com as quatro estações muito bem definidas, torna os hábitos e ocasiões de cada estação muito peculiares e diferentes umas das outras, seja na forma de vestir, se alimentar ou aproveitar as horas de lazer. Os infográficos a seguir foram elaborados pelo site Conexão Paris em parceria com a Galeria Lafayette Paris Haussmann, mostrando o comportamento da parisiense em duas estações bem distintas: verão e outono.

No verão, o foco no campo da cultura e entretenimento são os festivais de música ao ar livre. “Os mais tradicionais passam as férias de verão no Mediterrâneo, os mais aventureiros na Ásia (Camboja, Vietnã etc.).” (CONEXÃO PARIS, 2019)

Neste momento da pesquisa, apresentaremos infográficos selecionados acerca do estilo de vida, vestimenta e turismo parisienses, a fins de podermos analisar

os modelos e informações presentes para então realizarmos os infográficos próprios desta pesquisa sobre a mulher carioca.



Imagem 46: Infográfico *A Parisiense no Verão: Como ela se veste? O que ela faz? O que come e bebe?* Fonte: Conexão Paris e Galeria Lafayette Paris Haussmann.

No infográfico (Imagem 46) pode-se ler como a francesa se veste em diferentes ocasiões durante o verão. Para o trabalho, usa-se uma camiseta ampla, cardigã leve, calça de linho e alpargatas. Para o look *apéro*⁸, um vestido leve, pashmina (tecido de lã muito usado como xale ou echarpe) leve, bolsa grande e sandálias *tropézienne* (Imagem 47), sandália rasteira feita de tiras de couro, criado em 1927, em Saint



Imagem 47: Sandálias *Tropézienne*. Fonte: Consuelo Blog

⁸ Significa o momento de happy hour da parisiense. Acompanhado de cocktails e aperitivos. Fonte: Conexão Paris

Tropez por Dominique Rondini (CONEXÃO PARIS, 2019), e para a praia, chapéu de palha, maiô, bolsa de palha e sandália *tropézienne*. Ela prefere tecidos naturais e cores sóbrias como o bege, branco e um pouco de azul marinho. No verão passa as férias no mediterrâneo, as tardes nas calçadas dos cafés, vai aos festivais de música ao ar livre, anda de bicicleta, faz piqueniques às margens do rio Sena e toma sol nos jardins parisienses.

Outra grande atração do verão parisiense são os festivais de música ao ar livre que acontecem em Paris e imediações. Há festivais para todos os gostos: de rock a música erudita passando pelo jazz, pelo electro e pelo techno. A parisiense roqueira tradicional (como a *it girl* Caroline de Maigret) vai ao Rock En Seine ou ao Lollapalooza. A parisiense roqueira alternativa (como a cantora e atriz Lou Doillon) vai ao Days Off (onde sua irmã, Charlotte Gainsbourg, se apresenta esse ano). E todas vão ao Paris Jazz Festival. (CONEXÃO PARIS, 2019)

No verão a parisiense costuma comer as frutas e legumes da estação como tomates, pêssegos, damasco, melão, figo e cereja, para as refeições, seguindo um cardápio mediterrâneo, ela gosta de melão com presunto cru, *tapenade* (*Patê de azeitonas, alcaparras e anchovas, originário da região de Provença na França*), *ratatouille*, salada *niçoise* (*salada clássica francesa, originária da região de Nice* feita de tomates, ovos cozidos, azeitonas e anchovas ou atum, temperado com azeite de oliva), peixes e legumes grelhados, alcachofra e aspargos. Nos *apéros* os queijos da estação são o *saint-nectaire*, *reblochon*, *cantal*, *tomme de savoie*, *ossau-iraty* e o *époisse*. As bebidas são o vinho *rosé* e o champagne.

Este a seguir, fala sobre a parisiense em sua forma de vestir, lazer e comer no outono, estação marcada pela melancolia do fim do verão, início dos meses mais frios, a volta do ano letivo, fim das férias e recomeço da temporada cultural (CONEXÃO PARIS, 2019).



Imagem 48: Infográfico *A Parisiense no Outono: Como ela se veste? O que ela faz? O que ela come e bebe?* Fonte: Conexão Paris com Galeria Lafayette Paris Haussmann

No infográfico (Imagem 48) pode-se ler como ela se veste em diferentes ocasiões no outono e que o mais indicado é se vestir em camadas leves, “roupa cebola”. O traje de trabalho ideal é composto por camisa branca, suéter leve estilo marinheiro, calça jeans reta, sobretudo, echarpe leve, tênis branco e bolsa tiracolo de couro. Para jantar, ela usa vestido com meia calça, sobretudo meia estação e sapato Oxford e para sair à noite, para a balada por exemplo, usa um suéter de gola rolê, blazer preto amplo, calça *skinny* (justa ao corpo) preta e *ankle boots* (botas curtas, na altura dos tornozelos) de salto grosso.

Por ser o retorno dos eventos culturais em Paris, no outono a parisiense costuma frequentar esses eventos como óperas e balés, reencontra seus amigos e conta sobre as férias, passeia pelos parques para ver as árvores douradas e descobre novos restaurantes. Come maçãs, peras, uvas, castanhas portuguesas

assadas, mexerica, toranja, abóboras, cogumelos, queijo *mon d'or* assado, tortas de maçã e a sobremesa *poire belle hélène* (pera cozida com calda quente de chocolate e sorvete de baunilha, tradução nossa), frutos do mar como ostras e vieiras e esquece o vinho *rosé* e volta para o tinto e o branco.



Imagem 49: Infográfico guia do clima em Paris. Fonte: Conexão Paris

No infográfico acima (Imagem 49) demonstra-se as características de Paris em cada estação, os prós e contras de visitar a cidade em tais condições, o que fazer, como se vestir, dicas, o período de cada estação e as temperaturas médias que ajudam o turista a escolher a melhor época para viajar, baseado em suas próprias preferências.



Imagem 50: Infográfico "onde fazer pedido de casamento em Paris?". Fonte: Conexão Paris

No infográfico (Imagem 50) apontam-se lugares tradicionalmente românticos para se realizar um pedido de casamento, visto que Paris é uma das cidades mais românticas do mundo e palco de milhares de pedidos de casamento (CONEXÃO PARIS, 2017). Sendo este o objetivo de muitos turistas, a construção de um infográfico para auxiliar o viajante a tomar sua decisão, baseando-se no seu orçamento e personalidade, é uma ótima forma de passar a ele uma pequena sensação de como a experiência de estar em Paris pode ser.

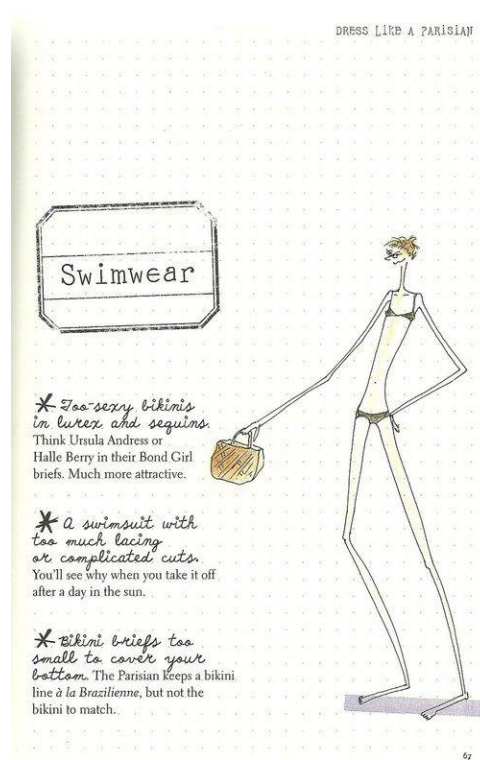


Imagem 51: Foto da página 67 do livro *A Parisiense*, Fressange (2010).

Na imagem 51 podemos ver uma página retirada do livro *A Parisiense*, contendo dicas do que não se fazer para obter um visual mais parisiense em como usar “Roupa de Banho”, tradução nossa.

- Biquinis muito sexys em lurex ou paetês: Pense em Ursula Andress ou Halle Berry em seus trajes de Bond Girl. Muito mais atraente (numa referência aos filmes do agente secreto inglês James Bond, onde lindas mulheres fazem parte do contexto do personagem).
- Um maiô com muitos laços ou cortes complicados: Você verá o porquê após passar um dia no sol.
- Biquinis que não cobrem o bumbum: a parisiense mantém a depilação similar à da brasileira, mas não usa seu biquini.



Imagem 52: Lista de dicas do guia *A parisiense*. 10 maneiras de se vestir como uma parisiense.
Fonte: Simple Luxe Living

Na imagem 52 podemos ver uma lista com 10 itens contendo formas de combinar peças de forma não óbvia e divertida para atingir um visual mais interessante e mais parisiense. Dicas retiradas do guia *A Parisiense* com ilustrações de Caitlin McGauley. De cima para baixo, pode-se ler, em tradução nossa:

- 10- Jeans com sandálias de pedrarias (e não tênis)
- 9- Saia lápis com sapatilhas (e não saltos)
- 8- Um suéter bordado com calça masculina (e não saia)
- 7- Um colar de diamantes com saia jeans, durante o dia (e não num vestido preto à noite)
- 6- Mocassins com shorts... e até com meias (não com calça comprida e sem meias)
- 5- Um vestido de noite com rasteirinha de dedo-de-fora (e não sandália com pedrarias de festa)
- 4- Um colar de pérolas com uma camiseta de banda de rock (e não vestido)
- 3- Um vestido estampado de chiffon com botas de motoqueiro de couro (e não sapatilhas)

2- Um paletó de *smoking*⁹ com tênis (e não saltos de *femme fatale* – mulher fatal, tradução nossa)

1- Um vestido de noite com uma bolsa de mão de palha (e não uma carteira dourada)



Imagem 53: Páginas 44 e 45 do livro *My Little Paris*, com ilustrações mostrando a manhã do dia dos namorados para os homens e as mulheres. Fonte: PECHIODAT; PECHIODAT; BRUNET (2011)

Um modelo um pouco diferente, mas muito didático e divertido de demonstrar os hábitos das parisienses é através de ilustrações como as encontradas no livro *My Little Paris*, como se vê a partir das imagens 53, 54 e 55, onde pode-se ler, em tradução nossa “o dia de São Valentin” que mostra os homens comprando flores no dia dos namorados e as mulheres comprando *lingerie*.

⁹ “Conjunto masculino usado em festas de gala, feito em tecido nobre, composto por paletó com gola acetinada e calças galonadas de cetim nas costuras laterais (...) Posteriormente, foi adotado como uma vestimenta informal que os homens utilizavam para fumar, com o propósito de proteger as roupas do cheiro do tabaco. Em 1966, Yves Saint Laurent criou um dos ícones da libertação feminina, o terninho Le Smoking, com referência a esse traje masculino.” (USEFASHION, ca.2018)

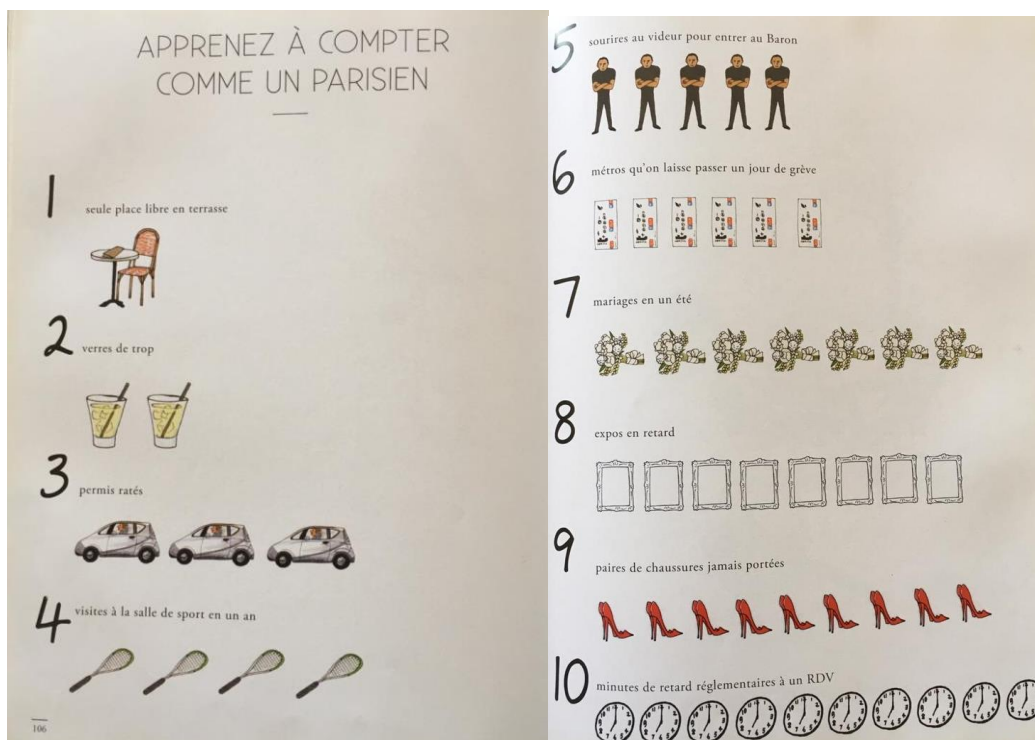


Imagem 54: Páginas 106 e 107 do livro *My little Paris*. "Aprender a contar como um parisiense". Fonte: PECHIODAT; PECHIODAT; BRUNET (2011)

Mais uma ilustração divertida retirada do livro *My Little Paris*, com o título "Aprender a contar como um parisiense" (imagem 54) mostra, de um a dez, alguns hábitos parisienses e nas legendas com tradução nossa pode-se ler:

Um único lugar no terraço

Dois de muitos copos

Três licenças com falhas

Quatro visitas à academia em um ano

Cinco sorrisos ao segurança para entrar no Baron

Seis metrô que deixamos passar num dia de greve

Sete casamentos em um verão

Oito exposições atrasadas

Nove pares de sapato nunca usados

Dez minutos de atraso para uma consulta



Imagem 55: Respectivamente páginas 103, 102 e 104 do livro *My little Paris. "A parisiense Ama"*. Fonte: PECHIODAT; PECHIODAT; BRUNET (2011)

Outro modelo (imagem 55) que também poderia ser utilizado como um infográfico diferenciado, as ilustrações ditam quatro coisas que a parisiense ama, lendo-se em tradução nossa, da esquerda para a direita, de cima para baixo: Tomar um café enquanto finge ler o jornal *Le Monde*; Quando a elogiamos por suas roupas; Se bronzear no intervalo do almoço aos primeiros raios de sol; Jogar para o alto ou jogar fora as meias-calças assim que a primavera chegar.

De acordo com o guia *Como ser uma Parisiense em qualquer lugar do mundo*, em suma, o importante não é saber de tudo e sim dominar algumas coisas, mas é importante que ela saiba fazer algo complexo para impressionar os amigos. Além disso, a mulher francesa não deve parecer estar consumida pela situação, tem que parecer sem esforço, mantendo a aparência de simplicidade e, ao mesmo tempo, esnobismo. Por exemplo, A parisiense conhece uma receita de família, transmitida de geração em geração, que leva muito tempo para fazer. O mais importante é sempre dizer “não é nada demais, fiz em cinco minutos”, e nunca passar a receita (BEREST, DIWAN, MAIGRET, MAS. 2014). Ou seja, é muito importante manter um certo mistério, distância e altivez nas coisas do dia a dia, a parisiense cultiva a impressão de estar sempre certa, de superioridade e admite: é claro que assim você corre o risco de terminar sozinha, presa em um lugar muito frio. Tudo isso por não ter prestado atenção no homem que passou,

por ter menosprezado aquela garota. Mas no final das contas, não reclame. Você procurou por isso. (BEREST, DIWAN, MAIGRET, MAS. 2014).

Neste momento da pesquisa constatamos alguns pontos que influenciaram a cultura francesa como os campos das artes, o comportamento e a sociedade, tornando-se cruciais para uma promoção eficaz do estilo de vida que ainda desperta muita curiosidade entre pessoas ao redor do mundo, servindo como tema para livros, guias, discussões e estudos com o passar das décadas, até os dias de hoje.

Com este tópico, podemos traçar um paralelo com a mulher brasileira e seu “borogodó”, que seria um termo paralelo ao “*je ne sais quoi*” parisiense. Nos próximos capítulos analisaremos o estilo de vida da mulher carioca, sua relação com o “borogodó” e como este estilo, também enigmático à sua maneira, se comporta aos olhos estrangeiros.

3- Entrevistas

Neste capítulo analisaremos a mulher francesa, assim como a carioca, mais diretamente. A partir de entrevistas feitas a mulheres francesas, que residem no Brasil, mulheres francesas que residem na França, mulheres brasileiras que já residiram na França, mulheres francesas que residem na França a maior parte de suas vidas e, por fim, mulheres cariocas residentes do Rio de Janeiro. Serão 4 modelos de questionário diferentes adaptados às compreensões de cada grupo. Contudo, iremos previamente analisar as definições dos formatos de pesquisa quantitativa e qualitativa, compreendendo então o formato utilizado neste trabalho. Posteriormente, destacaremos palavras e elementos para estabelecer semelhanças ou elos na construção de infográficos sobre a mulher carioca, baseados nos modelos analisados da cultura parisiense, como forma de contribuição para um estilo de vida, construindo uma imagem positiva sobre a cidade e a mulher carioca, despertando a curiosidade e atraindo os olhares estrangeiros positivamente para o Rio de Janeiro.

3.1- Pesquisa quantitativa e qualitativa

Primeiro pontuaremos as características que diferem uma pesquisa qualitativa de uma quantitativa, para então identificar os métodos utilizados neste trabalho. De acordo com Dias (2000), a pesquisa quantitativa é mais apropriada quando existe a possibilidade de quantificar os dados obtidos, usando medidas e padrões numéricos para criar estatísticas ou comprovar dados testados. Já a pesquisa qualitativa caracteriza-se, principalmente, pela ausência de medidas numéricas e análises estatísticas, examinando aspectos mais profundos e subjetivos do tema em estudo. Utilizando métodos de observação, registro e análise de informações. Dias (2000 apud CALDER, 1977) conclui que, a pesquisa qualitativa proporciona um conhecimento mais profundo das pessoas e na prática pode ser entendido como entrevista de grupo focal.

O contraponto feito entre a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa é o de estudar um determinado fenômeno no seu contexto natural *versus* estudá-lo no laboratório. A primeira estratégia – da pesquisa qualitativa – implica em relativa falta de controle de variáveis estranhas ou, ainda, a constatação de que não existem variáveis interferentes e irrelevantes. Todas as variáveis do contexto são consideradas como importantes. Na segunda estratégia – da pesquisa quantitativa – tenta-se obter um controle máximo sobre o contexto, inclusive produzindo ambientes artificiais com o objetivo de reduzir ou eliminar a interferência de variáveis interferentes e irrelevantes. Entre as variáveis irrelevantes e potencialmente interferentes, incluem-se tanto atributos do pesquisador, por exemplo, seus valores, quanto variáveis contextuais ou atributos do objeto de estudo que "não interessam" naquele momento da pesquisa. (GÜNTHER, 2006)

Portanto, a partir dessas breves definições, podemos classificar a metodologia utilizada nesta pesquisa como qualitativa, envolvendo pesquisa de observação iniciada previamente, busca e análise de dados e entrevista com grupos focais no decorrer deste capítulo, com o objetivo de um entendimento mais preciso das características estudadas ao longo do trabalho. Partindo dessas conclusões, este capítulo apresenta entrevistas de caráter qualitativo realizadas com dois grupos focais diferentes: mulheres relacionadas com Paris e mulheres relacionadas com o Rio de Janeiro.

3.2- Entrevistas sobre a mulher parisiense

Neste momento, serão apresentadas entrevistas aplicadas à 4 mulheres diferentes diretamente ligadas com a França. Mulheres brasileiras, que moram ou já moraram em Paris e uma mulher francesa residente do Rio de Janeiro há 4 anos. Ao final de cada grupo de entrevistadas, destacaremos palavras-chave para nos auxiliar na construção dos infográficos sobre a mulher carioca. Nota-se que em todas as entrevistas do capítulo, contêm a foto de suas respectivas entrevistadas, com exceção desta primeira, Fanny, pois no momento de sua entrevista não me atentei a tirar sua fotografia e, logo após, as leis de isolamento social entraram em vigor, portanto não foi possível obter seu registro visual.

Fanny, francesa, 27 anos, mora no Rio de Janeiro há 4 anos

Como é, na sua opinião, o estilo de vida parisiense?

- Bom, não sou de Paris, mas do meu ponto de vista, a mulher parisiense é bem elegante, sóbria, mas elegante e roupas de marca tem um peso a mais. Usam roupas não muito justas ao corpo, mas também não muito largas. A sobriedade também está nas cores, como preto, branco e bege, ao contrário do Brasil onde as roupas são bem coloridas.

Você acha que tem muita diferença entre a mulher de Paris e a mulher dos demais lugares da França?

- Eu diria que a parisiense tem um estilo próprio, por ser uma cidade grande, a capital, eles têm uma cultura própria. No imaginário do parisiense eles são parisienses antes de ser franceses, talvez, tem um senso de identidade muito grande.

O que é para você o “*je ne sais quoi*” da mulher parisiense?

- Eu entendo que há um toquezinho francês, mas não sei dizer ao certo o que seria. Acho que voltaria na questão da elegância com sobriedade, que é alcançar um nível de elegância sem ser ostentativo. Uma coisa bem francesa, que vale tanto para mulheres quanto para homens é o uso do cachecol, por exemplo, o que não é comum aqui na América do Sul, por causa do clima, mas fora isso, o uso do cachecol ou echarpe, mais leve no verão, é um acessório que carrega estilo. Eu, por exemplo, adoro cachecol e mesmo aqui, no verão carioca continuo usando mesmo que só colocando ao redor dos ombros pois acho muito elegante.

Quais as maiores similaridades e diferenças entre as mulheres Carioca e Parisiense?

- O clima influencia muito na forma de se vestir, então o Rio por ser quente, o estilo de roupa é muito mais leve, colorido e usam roupas mais curtas que mostrem o corpo. O carioca tem a cultura do corpo e de se mostrar, da sensualidade, que é uma coisa que não é tão vista na França, lá é mais sutil, voltando a questão da sobriedade, essas são as maiores diferenças.

Não sei muito bem como explicar as similaridades, mas sei que as duas culturas possuem muita afinidade, o Francês quando vem para o Rio, por exemplo, gosta muito da espontaneidade do carioca, da cultura calorosa, que atrai muito os franceses. E o brasileiro se dá muito bem com o Francês pois apesar de tudo,

são duas culturas latinas, de língua latina, então é como se fôssemos primos, não temos a mesma cultura, mas temos algumas similaridades, que talvez não tenha tanto com um alemão ou japonês. Nós temos muita afinidade. Na França nós temos um “jeitinho” também, nós falamos muito do “jeitinho” brasileiro e eu acho que a França possui também um jeito que pode se assemelhar com o brasileiro, talvez não nos mesmos contextos ou na mesma intensidade, mas temos sim alguma coisa disso.

Considerações Finais?

-Acho que é importante salientar que existe afinidade entre o estilo de vida francês e o brasileiro. A maioria dos franceses que eu conheço e vem para o Rio gostam muito, talvez pelo clima, pela cultura calorosa e espontaneidade do carioca que dá uma alegria a mais no dia-a-dia. Há muitos casais franco-brasileiros, eu mesma sou um exemplo, viajei para cá, conheci um carioca, casei e fiquei e sei que existem muitos outros, então há sim uma afinidade. Acho que acima de ser uma questão de diferenças e similaridades é uma questão de complementaridade.

Manon Salles, Carioca, 56 anos, professora universitária e conservadora de acervos de moda. Ex- residente em Paris.



Imagem 56. Fotografia da entrevistada Manon Salles, fornecida pela própria.

Como é para você o estilo de vida parisiense?

- Acho que de uma maneira geral eles dão muita importância à parte estética das coisas, desde quando você vai à uma *boulangerie* comprar pão eles se preocupam com a embalagem, a vitrine, e essa referência estética é usada para tudo, então acho que a moda faz parte desse contexto por existir sempre uma visão e preocupação estética sempre apurada.

O que é para você o “*je ne sais quoi*” da mulher parisiense?

- Em relação ao corpo, elas são mais magras, sempre preocupadas com a estética corporal, são mais longilíneas. Ao contrário da italiana, por exemplo, quando a mulher casa, tem seus filhos e começa a envelhecer, ela tem tendência a engordar, enquanto a parisiense se mantém magra mesmo idosa. Esta é uma referência corporal delas, se manter magra pois ser magra é chique, pois tudo lhe cai bem em termos de roupa. Em segundo lugar, elas têm um charme especial na maneira de se produzir. Ainda hoje, mesmo depois da massificação da moda e da globalização, onde todo mundo é meio parecido, você consegue observar nas ruas de Paris uma preocupação com combinações, elegância no vestir na maneira de se portar, de sentar, na forma gentil de falar e se comportar, então acho que isso ficou mesmo depois da massificação americana pós segunda-guerra. Então acho que o diferencial delas é manter um charme e uma elegância, se preocupando com sua estética corporal, procurando bons acessórios e roupas boas que tem a ver com seu estilo pessoal, valorizando o que se tem de melhor em si mesma. Por exemplo, se é muito alta, ou baixa se tem cabelo curto, ou longo, esses atributos são sempre valorizados, tentando melhorar ao máximo quem elas são por natureza.

Quais as maiores similaridades entre a mulher parisiense e a mulher carioca?

-Aqui no Rio se vê uma influência imensa da França desde a vinda da missão francesa, a belle époque carioca, isso tudo é muito forte. Mesmo depois da massificação americana, o Rio guarda essa herança, seja na arquitetura, na maneira de falar, na belle époque os cariocas falavam francês no seu dia a dia. Das regiões brasileiras, o Rio foi a que mais sofreu influências da França, e isso se perpetuou. A mulher carioca procura se arrumar de um jeito que não fique muito enfeitada, procura valorizar mais o corpo dela, o jeito meio descompromissado de ser, que é diferente por exemplo de uma mulher gaúcha que é muito enfeitada e maquiada, então é uma beleza mais natural, por influência da praia, seu jeito mais solto, acho que esta forma descontraída de viver é uma grande similaridade com a mulher parisiense.

E sobre as diferenças, aqui as mulheres gostam muito dos cabelos compridos e lá as mulheres têm preferência pelos cabelos curtos, com bom corte, bom design, por exemplo. Mas a maior diferença seria a questão da nudez, que aqui

é comum e na França não tanto. A carioca é muito mais sensual, talvez em função do calor na maior parte do ano, aqui mostrar o corpo é muito natural, lá não, mesmo no verão as mulheres francesas usam lenços, echarpes.

Como você acha que o “*je ne sais quoi*” das parisienses se assemelha com o “borogodó” das cariocas?

- Principalmente com a maneira mais natural de ser. Primeiro essas mulheres buscam investir no corpo delas, tendo um corpo bom, tudo cai bem. A carioca possui uma grande preocupação em estar magra, malhada, estar em forma, que a francesa também tem. Então se parte daí, primeiro ter um corpo bom para então pensar nas roupas e como vai se produzir. E ter um certo charme, se preocupar com sua produção, os acessórios, as roupas.

Considerações finais:

- A importância dessa ligação entre França e Brasil é justamente pela influência que tivemos aqui, mesmo que tenha passado muito tempo, a herança cultural ainda é muito forte e muitos costumes continuam.

Lucília Wuillaume, franco-brasileira, 61 anos, tradutora. Mora em Paris há 15 anos



Imagem 57. Fotografia da entrevistada Lucília Wuillaume, fornecida pela própria.

Você conhece o termo “*je ne sais quoi*”? O que você acha que é o “não sei o que” a mais que a mulher parisiense possui?

Conheço. Elegância, cultura, intelectualidade, *savoir-vivre*.

Quais as particularidades do estilo de vida, moda e comportamento da mulher parisiense?

A mulher parisiense privilegia a elegância em vez da sensualidade (sexualidade) no vestir. Para ela, a moda é, antes de tudo uma expressão cultural, a arte de combinar cores, materiais, formas. São mulheres bem menos expansivas do que as latinas e que preferem chamar atenção pela cultura, a educação, a competência profissional. A mulher parisiense adora sair, mas também adora (assim como o homem) cozinhar para os amigos e recebê-los em casa.

Você conhece o livro “*La Parisienne*” de Ines de la Fressange? Se sim, acha que o que está escrito acerca das parisienses é pertinente? Ex.: a mulher francesa é despretensiosamente elegante e pode passar horas se arrumando, mas vai fazer parecer que não teve nenhum trabalho, que simplesmente acordou daquele jeito.

Conheço, mas não li. Essa frase me parece pertinente, de acordo com a personalidade da parisiense. Elas odeiam parecer fúteis.

A França sempre foi referência cultural para o mundo inteiro, principalmente na moda, mas também na forma de viver. Você acha que a mulher francesa como referência de elegância ainda é algo pertinente mesmo depois da globalização?

Com certeza, principalmente na capital!

Quais as similaridades e as diferenças entre o estilo de vida da mulher parisiense e da mulher carioca?

A similaridade, na minha opinião, é que nas duas culturas, as mulheres gostam de estar bonitas. A diferença é a forma pela qual cada uma vê a beleza.

Anna Clara Esteves, 20 anos, brasileira, estudante. Mora em Paris há 15 anos



Imagem 58. Fotografia da entrevistada Ana Clara Esteves, fornecida pela própria.

1- Você conhece o termo “*je ne sais quoi*”? O que você acha que é o “não sei o que” a mais que a mulher parisiense possui?

Eu acho as mulheres parisienses muito charmosas. Elas têm tendência a ter uma certa elegância que as francesas do sul ou do norte não tem.

2- Quais as particularidades do estilo de vida, moda e comportamento da mulher parisiense?

Elas costumam frequentar cafés (o lugar que geralmente vão encontrar com amigos), ou bares à noite. Infelizmente o cigarro faz muito parte da cultura parisiense também. Para mim a moda parisiense é uma roupa sóbria, mas elegante, com cores mais escuras (dependendo da estação, no verão usam-se cores mais claras). E sobre o comportamento, são mulheres um pouco frias (com uma certa tendência a ser antipáticas quando não conhecem a pessoa), mas são muito verdadeiras e diretas que não gostam de hipocrisia.

3- Você conhece o livro “*La Parisienne*” de Ines de la Fressange? Se sim, acha que o que está escrito acerca das parisienses é pertinente? Ex.: a mulher francesa é despretensiosamente elegante e pode passar horas se arrumando, mas vai fazer parecer que não teve nenhum trabalho, que simplesmente acordou daquele jeito.

Acho que é pertinente sim porque as parisienses se maquiam de forma que não dê muito para perceber que elas estão maquiadas (acho que nessa parte todas

as francesas são bem parecidas). Fora o batom vermelho, costumam usar cores próximas das cores naturais do rosto.

4- A França sempre foi referência cultural para o mundo inteiro, principalmente na moda, mas também na forma de viver. Você acha que a mulher francesa como referência de elegância ainda é algo pertinente mesmo depois da globalização?

Com a globalização, tem certamente muito mais diversidade o que acho ótimo porque é bom ver como as pessoas são diferentes umas das outras. Gosto da cultura francesa, mas gosto muito também de outras culturas e em termos de estilo de vida, acho que o mundo talvez esteja idealizando um pouco a cultura aqui da França. Porém na moda, acho pertinente sim, que a França seja uma referência.

5-Quais as similaridades e as diferenças entre o estilo de vida da mulher parisiense e da mulher carioca?

Não conheço muito a mulher carioca porque vivi por muito pouco tempo no Rio, mas tenho algumas amigas do Rio e noto muitas diferenças. Tenho a impressão de que a carioca é muito mais simples e natural que a francesa. Vou de férias para o Rio de vez em quando e quando encontrava as minhas amigas, elas raramente estavam usando maquiagem, quando eu sempre estava. A francesa usa maquiagem no dia a dia e a brasileira usa em certas ocasiões. E o estilo de vida é muito diferente sim, mas acho que também está muito ligado a temperatura, lá (no Rio de Janeiro) faz calor e as pessoas vão à praia e aqui (em Paris) vamos a cafés (o que a gente chama de “*en terrasse*”) porque as vezes faz frio e não podemos ficar do lado de fora.

Palavras-chave sobre a parisiense:

Elegância – sobriedade – naturalidade – descontração – beleza – charme – identidade – echarpes – estética corporal – cafés – charme – savoir-vivre.

3.3- Entrevistas sobre a mulher carioca

Neste momento, serão apresentadas entrevistas aplicadas a diferentes mulheres cariocas, suas respostas nos auxiliarão na a criar uma identidade desta mulher do Rio de Janeiro para a construção dos infográficos.

**Mariana Escobar, 22 anos, figurinista.
Mora na Barra da Tijuca**



Imagem 59. Fotografia da entrevistada Mariana Escobar, fornecida pela própria.

1- Você conhece a expressão

“borogodó”? Se sim, o que você acha que é este borogodó que a mulher carioca possui?

- Conheço e amo essa expressão, acho que a mulher carioca possui uma leveza e uma descontração que independente de estilo, bairro ou qualquer coisa ela tem. Para mim, o borogodó da carioca é o *je ne sais quoi* da francesa.

2- O que é ser uma mulher carioca? O que destacaria no estilo de vida, moda e comportamento?

- Acho que ser carioca é lidar com a vida agitada e independente, ter uma conexão com a cultura do Rio de Janeiro. Se não for do samba, é do funk, da bossa, da nova cena eletrônica. Ser mulher carioca é ser irreverente e solar.

3- Como você acha que a carioca se difere das mulheres de demais regiões do Brasil?

- Acho que se diferencia pelo jeito que olha a vida, é como se o mundo estivesse acabando, a carioca surta, mas vai dar um jeito. Está acostumada com o mundo acabar numa noite e começar na manhã seguinte, e tudo isso sorrindo e brincando.

4- Você destacaria alguma personalidade ou figura pública que poderia ser a “personificação” da mulher carioca? Qual e por quê?

- Acho que depende muito, porque a carioca é muitas em uma só. Desde pequena achava que a Fernanda Abreu era o símbolo da “carioquice” e depois descobri que ela representa muito bem a carioca da zona sul. Porém, quando penso na carioca também penso na Tati Quebra Barraco, na Leila Diniz, na Juliana Paes e na Viviane Araújo. A carioca é várias em uma, por isso tão completas.

Fernanda Abreu, 58 anos, cantora. Mora no Jardim Botânico.



Imagem 60. Fotografia da entrevistada Fernanda Abreu. Fonte: Prefeitura de Santos, 2018.

1- Você conhece a expressão borogodó? Se sim, o que você acha que é este borogodó que a mulher carioca possui?

- Conheço. Quando se diz que alguém tem borogodó, é que essa pessoa tem um charme a mais, um carisma diferente que seduz.

2- O que é ser uma mulher carioca? O que destacaria no estilo de vida, moda e comportamento?

- Acho que a mulher carioca tem uma personalidade forte, independente, livre, diz o que pensa, com boa autoestima e beleza natural, usa maquiagem

na medida certa. É a própria “Garota Carioca Suingue Sangue Bom”! E como diz a letra: “Dá gosto de ver a inteligência movendo um corpinho como esse!”

3- Como você acha que a carioca se difere das mulheres de demais regiões do Brasil?

-É que a mulher carioca é cheia de borogodó! Esse é o diferencial!

4- Você destacaria alguma personalidade ou figura pública que poderia ser a “personificação” da mulher carioca? Qual é por quê?

- Fernanda Abreu (ela mesma), Anitta, Carolina Dieckman, Isabel do vôlei, Iza, Regina Casé, Fernanda Gentil...

Renata Moraes, 20 anos, estudante. Mora na Tijuca.



Imagem 61. Fotografia da entrevistada Renata Moraes, fornecida pela própria.

1- Você conhece a expressão borogodó? Se sim, o que você acha que é este borogodó que a mulher carioca possui?

- Sim, conheço. Acredito que o borogodó da mulher carioca está no próprio ser, como a palavra mesmo já diz. É algo único, uma espontaneidade e sensualidade baseado principalmente nas coisas simples, como o andar e o jeito de falar. É uma mulher não só calorosa e atrevida, dona de si, mas ao mesmo tempo amorosa.

2- O que é ser uma mulher carioca? O que destacaria no estilo de vida, moda e comportamento?

-Ser carioca é gostar do *glamour* mas apreciar e valorizar as coisas simples, seu estilo de vida é um mergulho no mar e uma caminhada na orla descalça, tomar uma água de coco e estar vestida apenas com um biquíni. Quanto à moda e comportamento, a mulher carioca fez o seu próprio luxo, onde o jeito de vestir complementa o seu jeito de agir. Para ela a moda não é apenas uma roupa, está além disso... a moda se tornou a essência dessa mulher. Ela é a moda, como disse anteriormente, a simplicidade de um short jeans e uma regata com havaiana misturada com o gingado e o sotaque carioca.

3- Como você acha que a carioca se difere das mulheres de demais regiões do Brasil?

- Acho que minhas outras respostas já diferem bastante a mulher carioca não só em relação às outras mulheres do Brasil, mas também do mundo. Pouco lugares ou até mesmo nenhum, consegue fazer essa mistura de simples se tornar luxuoso como a mulher carioca mesmo. Por exemplo a mulher do sul do Brasil acaba sendo uma mulher que se produz mais em questão de vestimentas, se “embeleza” mais, arruma o cabelo e coisas do tipo. A mulher carioca, consegue ser apreciada, é vista como exemplo de feminilidade apenas com um cabelo pós praia, uma maquiagem bem básica e muitas vezes com um simples short e chinelo como disse anteriormente.

4- Você destacaria alguma personalidade ou figura pública que poderia ser a “personificação” da mulher carioca? Qual é por quê?

- Sim, a atriz Juliana Paes. Sem dúvidas ela representa a mulher carioca, ama praia e estar em contato com a natureza e possui uma sensualidade natural... corpo, tom de pele, espontaneidade e o sorriso encantador são os quatro complementos da Juliana Paes e da mulher carioca

**Jessica Serbeto Baldez de Souza, 24 anos,
figurinista e pesquisadora de indumentária.
Mora no bairro de Vila Kosmos**



Imagem 62. Fotografia da entrevistada Jessica Serbeto, fornecida pela própria.

1- Você conhece a expressão borogodó? Se sim, o que você acha que é este borogodó que a mulher carioca possui?

Sim. A maneira de viver, somos mais despojadas tanto no comportamento quanto na maneira de se vestir.

2- O que é ser uma mulher carioca? O que destacaria no estilo de vida, moda e comportamento?

É ser mais leve, mais risonha e criar intimidade com uma pessoa em cinco minutos de conversa, temos lábia. Utilizamos muitas cores e estampas, nas peças, as preferências são vestidos e shorts, por conta do clima, diria que também pouca maquiagem, mas muitos acessórios rs.

3- Como você acha que a carioca se difere das mulheres de demais regiões do Brasil?

Por vivermos num local balneário, nós geralmente somos mais casuais. Diferente das regiões mais frias ou cosmopolitas como são Paulo, onde o padrão de beleza é diferente, utilizam mais maquiagem, mais sandálias de salto alto e parecem estar produzidas até para ir ao mercado.

4- Você destacaria alguma personalidade ou figura pública que poderia ser a “personificação” da mulher carioca? Qual é por quê?

Não sei, talvez a Fernanda Lima, mesmo não sendo carioca, ela fala com muitas gírias, ela é despojada na maneira de ser... Mas acho que se pudesse citar a junção de duas marcas que dariam a personificação da moda Carioca, acho que seria um mix do público da Cantão com o da Farm...

Catarina Pereira Cavalcanti, 21 anos, estudante. Mora em Jacarepaguá



Imagem 63. Fotografia da entrevistada Catarina Cavalcanti, fornecida pela própria.

1-Você conhece a expressão “borogodó”? Se sim, o que você acha que é este borogodó que a mulher carioca possui?

- Conheço. Acho a mulher carioca tem o borogodó da leveza e intensidade ao mesmo tempo.

2- O que é ser uma mulher carioca? O que destacaria no estilo de vida, moda e comportamento?

- Não acho que existe uma regra do que as mulheres são. Mas o que fica na minha visão são mulheres alto astral, que amam um sol ou então odeiam. São marcadas pela necessidade de serem espertas e atentas, são apesar de tudo como uma brisa de verão por assim dizer. A dança, espírito aventureiro, ama uma praia, trilha, mas ao mesmo tempo cosmopolita. Algumas com uma vida difícil que apesar de tudo são resilientes. A desigualdade cria mulheres muito fortes. E outras bastante alienadas. Um estilo leve, com tecido que deixa o corpo "respirar". Não

vemos muito tecido no corpo das cariocas por causa das altas temperaturas.

3- Como você acha que a carioca se difere das mulheres de demais regiões do Brasil?

- Acho que as cariocas são mulheres de cidade grande com hábitos de pessoas que moram em cidades mais próximas da natureza. Espírito de interior? Não. Mas aventureira.

4- Você destacaria alguma personalidade ou figura pública que poderia ser a “personificação” da mulher carioca? Qual e por quê?

- Uma apenas é difícil. Mas acho que Dona Ivone Lara. Ela era enfermeira, mas também sambista e começou a tocar cavaquinho desde pequena. Uma das primeiras mulheres a entrar no carnaval. Foi a primeira mulher a compor um samba-enredo na história. Mas também falaria Gloria Maria, Fernanda Montenegro e Cecília Meireles.

Daniela Amorim, 26 anos, profissional de educação física. Morou em Copacabana por 25 anos e atualmente mora em Porto, Portugal.



Imagem 64. Fotografia da entrevistada Daniela Amorim, fornecida pela própria.

1- Você conhece a expressão “borogodó”? Se sim, o que você acha que é este borogodó que a mulher carioca possui?

- Conheço! Na minha opinião, uma mulher com borogodó é uma mulher simpática, engraçada, extrovertida e charmosa.

2- O que é ser uma mulher carioca? O que destacaria no estilo de vida, moda e comportamento?

- O estilo da mulher carioca para mim é o meu! Short jeans, camisa fresca e chinelo ou rasteirinha e vestidos fresquinhos. Roupas sempre bem leves! Que vai à praia de vez em quando nem que seja só para dar uma caminhada e que ama o cheirinho do mar!

3- Como você acha que a carioca se difere das mulheres de demais regiões do Brasil?

- Acho que a mulher carioca tem BORO-GODÓ! Não que as de outras cidades não tenham, mas somos diferentes.

4- Você destacaria alguma personalidade ou figura pública que poderia ser a “personificação” da mulher carioca? Qual e por quê?

- Não consigo pensar em ninguém. Acho que quando destacamos alguém aquela pessoa se torna uma referência estética e eu sou completamente contra isso!

Eduarda de Seabra Coelho Xavier, 22 anos, freelancer de moda. Mora no bairro do Engenho Novo.



Imagem 65. Fotografia da entrevistada Eduarda Coelho, fornecida pela própria.

1- Você conhece a expressão “borogodó”? Se sim, o que você acha que é este borogodó que a mulher carioca possui?

Conheço a expressão. E para mim significa que as cariocas têm algo dentro delas, talvez até mítico, onde qualquer pessoa nos reconhece, talvez um charme, um jeito, um andar.

2- O que é ser uma mulher carioca? O que destacaria no estilo de vida, moda e comportamento?

Ser uma mulher carioca é ser forte, ter fé não importa qual. É não desistir, e por isso a carioca geralmente é representada como sol, e o estilo de vida é leve, sempre sorri. Somos leves, vibrantes, seja na cor, nos modelos (modelagens fluidas), pois para mim, até looks pretos e brancos são “alegres”. Carioca é ser alegre.

3- Como você acha que a carioca se difere das mulheres de demais regiões do Brasil?

Creio que as cariocas são mais espontâneas, receptivas, conversam com qualquer pessoa, fazem amizade fácil. E ajudam sem olhar a quem.

4- Você destacaria alguma personalidade ou figura pública que poderia ser a “personificação” da mulher carioca? Qual e por quê?

A Thaís Araújo, pois essa mulher literalmente tem o “borogodo” é o ‘sol’ em pessoa, a felicidade, o bom humor, simpatia e muito trabalhadora.

Ana Beatriz Vogel, 22 anos, estudante. Mora no bairro do Irajá.



Imagem 66. Fotografia da entrevistada Ana Beatriz Vogel, fornecida pela própria.

1- Você conhece a expressão “borogodó”? Se sim, o que você acha que é este borogodó que a mulher carioca possui?

- Sim, é um traço que reflete em todos os quesitos que compõem a mulher carioca, trazendo um jeito único de se imporem em relação aos acontecimentos da vida num geral, dos mais banais aos mais complexos, que fazem com que elas sejam notadas. Não é algo físico ou comportamental especificamente, mas reflete nessas camadas também.

2- O que é ser uma mulher carioca? O que destacaria no estilo de vida, moda e comportamento?

- É acordar todos os dias sem saber o que te espera, é correr atrás dos próprios sonhos e diariamente provar que é capaz de realizar o que deseja. O estilo de vida da mulher carioca é diferente, mais leve, busca aliar obrigações ao lazer, tentar tirar um pouco da sobriedade do dia-a-dia, da rotina cansativa, envolve muitos programas ao ar livre, sejam bares abertos, parques, praças ou shows, ambientes mais informais de um modo geral. Quanto a moda eu destacaria a informalidade, mas sem renunciar a um *look* bonito. As combinações trazem peças com tecidos mais leves, confortáveis e práticos. Tem um “Quê” bem despojado que combina com o clima praiano da cidade, mas não largado.

O comportamento é também bem informal, intimista, acolhedor e carregado de gestos, expressões e gírias típicas da cidade.

3- Como você acha que a carioca se difere das mulheres de demais regiões do Brasil?

- Definitivamente a personalidade forte, o jeito de quem não se surpreende com quase nada, exige respeito, mostra sua fragilidade e necessidades do dia-a-dia, mas que é decidida e sabe o que quer e o que não quer.

4- Você destacaria alguma personalidade ou figura pública que poderia ser a “personificação” da mulher carioca? Qual e por quê?

- Sempre lembro da atriz Cris Vianna (embora ela seja paulista), não sei dizer por que, só vem a minha mente.

Palavras-chave sobre a mulher carioca:

Descontração – leveza – agitação – espontaneidade – sensualidade – jeito intenso – força – independência – simplicidade – praia – cores – alegria – informalidade.

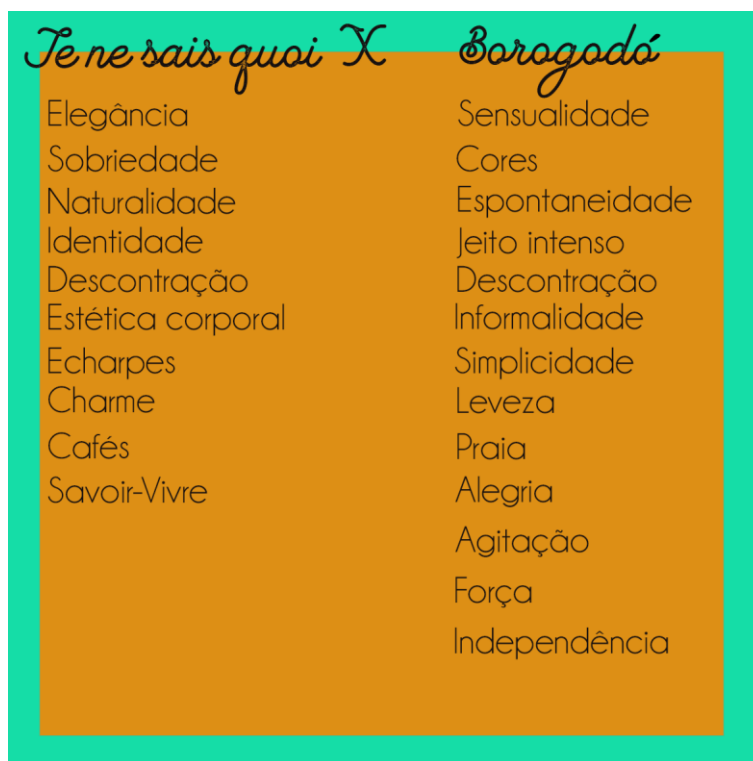
Para fazermos uma síntese das entrevistas foi necessário elaborar um painel identitário resumido (imagem 67), seguindo a ordem do percurso dos capítulos anteriores, da cidade do Rio de Janeiro, que será apresentado no próximo capítulo.



Imagem 67: Painel Imagético representando pontos citados nas entrevistas sobre o Rio de Janeiro. Fonte: laborado pela autora.

Concluindo, neste capítulo podemos ver como mulheres de dois países diferentes se posicionam acerca de um assunto que, de certa forma, se refere a elas mesmas e com isso, confirmar ou rever alguns conceitos já estudados no decorrer do capítulo 1. Ressaltando a fala de uma das entrevistadas, Mariana Escobar, “para mim, o borogodó da carioca é o *je ne sais quoi* da francesa”, ao analisar as respostas obtidas no decorrer do capítulo, sim, o *je ne sais quoi* da francesa está para o borogodó da carioca, pois ao fazer o contraponto com as entrevistadas cariocas, vemos claramente similaridades, até mesmo em suas

diferenças. Elaboramos um painel comparativo com as palavras-chave selecionadas a partir das entrevistas (imagem 68):



<i>Je ne sais quoi X</i>	<i>Borogodó</i>
Elegância	Sensualidade
Sobriedade	Cores
Naturalidade	Espontaneidade
Identidade	Jeito intenso
Descontração	Descontração
Estética corporal	Informalidade
Echarpes	Simplicidade
Charme	Leveza
Cafés	Praia
Savoir-Vivre	Alegria
	Agitação
	Força
	Independência

Imagem 68: Painel comparativo entre *Je ne sais quoi* e Borogodó. Fonte: Elaborado pela autora.

Por exemplo, enquanto a mulher parisiense valoriza a elegância com sobriedade, cobrindo o corpo, mesmo no verão com o uso de echarpes, a mulher carioca gosta de usar roupas coloridas, tecidos leves e soltos, curtos e decotados, além, claro, do biquini e as idas frequentes à praia, mostrando muito mais seu corpo numa aura de sensualidade que é “inata”, desta forma, mantendo a naturalidade, assim como a parisiense. Ambos os grupos têm forte senso de identidade, talvez por serem de cidades cosmopolitas, que são referências; elas sentem que são diferentes das mulheres de demais regiões de seus países. A parisiense se diz de Paris antes de se dizer da França e a mulher carioca sente que leva um estilo de vida mais leve e descompromissado que as demais mulheres brasileiras.

Notamos também que ambos os grupos levam um estilo de vida boêmio e informal, descompromissado à sua maneira e valorizam esta forma leve de viver, seja caminhando na praia no fim da tarde ou se reunindo com os amigos em um

café *en terrasse*, a carioca também usufrui do *savoir vivre* que a parisiense possui.

O próprio termo “canícula”, usado pelos franceses para se referir ao calor forte, mostra que esse calor os faz sofrer. Intimamente ligado às condições climáticas, esse pudor do corpo parece muito mais interiorizado na França do que no Brasil e é esse sentimento em relação ao corpo que, acredito, faz com que se evite cuidadosamente a exposição ao olhar do outro, fato que está no centro das diferenças entre as culturas somáticas francesa e brasileira tanto no que diz respeito às ritualizações da aparência quanto aos usos sociais do corpo. (MALYSSE, 2002. P.111)

Ambos os grupos se preocupam com sua estética corporal, em questão de vestimenta e do próprio corpo em si. Por exemplo, confirmamos que faz parte da cultura da mulher parisiense manter a elegância com certa sobriedade, enaltecendo características individuais de cada pessoa e estilo. Manter um físico magro e esguio, mas sem transparecer que qualquer esforço foi aplicado a ele, odeiam parecer que investem tempo em sua aparência, ao invés de investir em cultura e intelecto, pois pode ser entendido como futilidade. Por outro lado, vimos que a mulher carioca é muito preocupada também com sua aparência e forma física, muito pela cultura praiana e uso frequente de roupas que expõem o corpo, mas ao contrário da parisiense, ela se orgulha de mostrar que investe em si mesma, pois significa cuidado, vaidade e amor próprio, como veremos no decorrer do próximo capítulo.

4- Rio de Janeiro e a mulher carioca

A partir das informações coletadas, analisadas e comparadas no capítulo anterior, nesta etapa da pesquisa pontuaremos quesitos que definem e consagraram o estilo de vida e a mulher carioca em si. Contudo, antes de dar início ao capítulo, gostaríamos de ressaltar algumas mudanças que precisaram ser feitas. Inicialmente, as entrevistas realizadas no capítulo 3 sobre a mulher parisiense, seriam realizadas *in loco*, contendo imagens e observações pessoais. As entrevistas realizadas com as mulheres cariocas seriam feitas pelas ruas do Rio de Janeiro, abordando mulheres pedestres, também contendo observações e fotografias próprias. Porém foi necessária uma mudança de planos em decorrência da pandemia do Covid-19 que nos deixou reclusos e por medidas de segurança, durante praticamente todo o tempo destinado à segunda etapa desta pesquisa. As entrevistas tiveram de ser *online*, e as pesquisas inteiramente digitais, aproveitando ao máximo os recursos que possuímos em casa. Portanto, neste capítulo traremos uma pesquisa bibliográfica inteiramente digital e, obviamente, contendo memórias de observações visto também que a autora do projeto é carioca.

Enfim, podemos iniciar esta nova etapa transcrevendo o significado, de acordo com o dicionário Michaelis, da palavra *borogodó*, citada anteriormente:

“Atrativo físico especial e irresistível. Manifestação delicada de apreço ou de amor; carinho.”

Apresentamos também uma linha temporal dos assuntos abordados no decorrer deste capítulo. Esta linha foi construída em ordem cronológica e não na ordem em que os tópicos estão apresentados no capítulo.

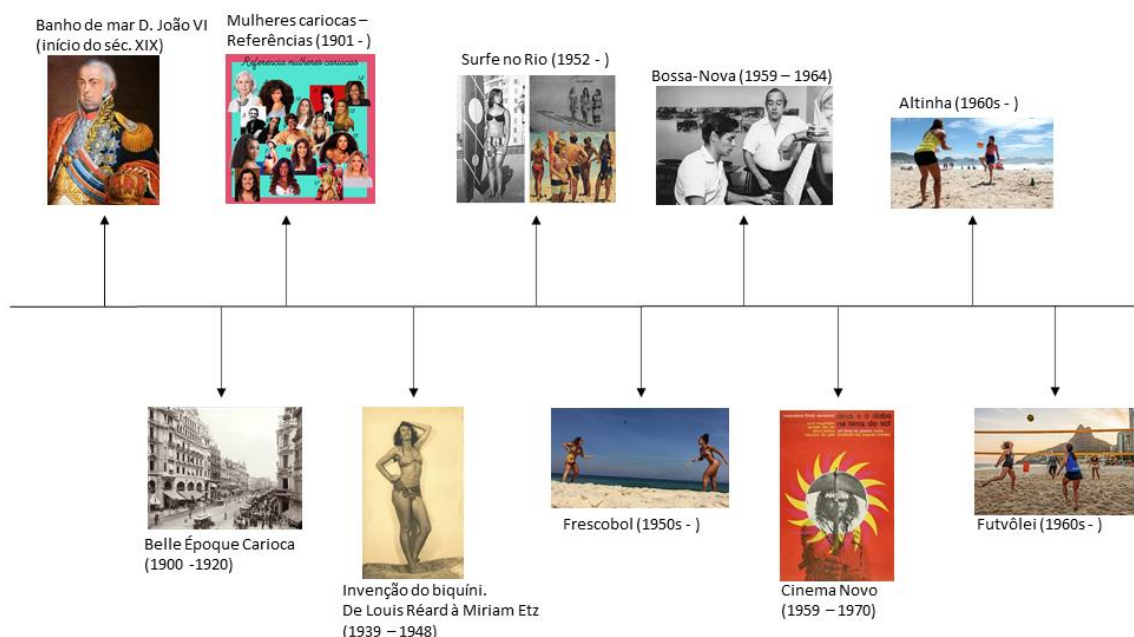


Imagem 69: Linha do tempo dos tópicos citados no capítulo 4. Fonte: Elaborado pela autora.

Tendo a praia como referência central do estilo de vida carioca, podemos iniciar este capítulo apresentando o início do hábito do banho de mar. Teria sido introduzido nos costumes do brasileiro de forma medicinal, no início do século XIX, quando, de acordo com Andreatta, Chiavari e Rego (2009) “o médico de D. João VI recomendou o banho de mar como cura para uma doença que afligia Sua Majestade”. Desde então, as praias passaram a se tornar espaço de lazer aos habitantes da cidade, que continuariam a se espelhar nas modas europeias. Este espelhamento da Europa, principalmente da França, introduzindo a interseção entre os dois países, se torna ainda mais forte no período da Belle Époque carioca, como já dito anteriormente, buscou transformar a então capital do Brasil em polo cultural internacional.

No âmbito das transformações sociais, por exemplo, a repressão por decreto de certos hábitos considerados atrasados, como andar descalço, o entrudo, ou a imposição de outros hábitos de influência europeia, desde a maneira de se vestir a introdução das festas das flores e os estilos na arquitetura e na decoração. O objetivo na “belle époque” tropical era fazer do Rio de Janeiro uma capital moldada pelos padrões internacionais. (ANDREATTA, CHIAVARI, REGO. 2009. P.6)

De acordo com Mallmann (2010) as modificações arquitetônicas e estruturais da cidade do Rio, construção e alargamento de avenidas, a construção da Avenida Central, atual Rio Branco, seus comércios de luxo, onde as modas europeias

chegavam primeiro ao Brasil, construção de praças e prédios ao estilo francês, a demolição de cortiços expulsando a população mais pobre e também recém alforriada, dos centros, os jogando às margens, como forma de elitizar estes espaços, simbolizavam modernidade e aproximação dos modelos de civilização europeus, tentando transformar o Rio de Janeiro em uma “Paris tropical”.

O traçado largo, seus jardins e edificações, a organização espacial e os prédios do Teatro Municipal, Biblioteca Nacional, Escola de Belas Artes, e dos Poderes Legislativo e Judiciário deram também importância e caracterizaram a Avenida Central como marco importante da *Belle Époque* no Rio de Janeiro. Além disso, proporcionou um verdadeiro desfile de modas, com a população exibindo vestimentas de estilo europeu. (MALLMANN, 2010)

Dando um salto temporal, porém ainda apresentando interseções entre a França e o Brasil, podemos citar a invenção do biquíni, peça símbolo do estilo de vida carioca, mas que, de acordo com Prado e Braga (2011) sua invenção foi atribuída ao francês Louis Réard para o verão de 1946, apesar de haver registros visuais do “maiô de duas peças” na Revista Fon-fon, de 1939 na praia de Copacabana, como pode-se ver na imagem 70.

Aqui em Terra Brasilis, sob os auspícios de um litoral e um calor imensos – em algumas regiões, durante todo o ano-, o biquini não só foi bem integrado como se tornou ícone nacional. (PRADO; BRAGA, 2011. P.266)

Esta peça, composta “por duas grandes partes, sendo que a de baixo cobria toda a altura do estômago e escondia, devidamente, os resquícios umbilicais das banhistas” (PRADO; BRAGA, 2011), apareceria no corpo de Miriam Etz (Imagem 71), que acordo com Castro (1999), alemã de 22 anos, desde os 13 moradora de Ipanema e precursora do uso do biquini no Brasil - no Arpoador no verão de 1948, quando ela cortou um pedaço da parte inferior da peça, mostrando completamente seu umbigo, trazendo então o biquini definitivamente para as praias brasileiras.



Imagem 70: Fotos da revista *Fon-fon* de 1939 mostrando o uso do maiô de duas peças. Fonte: Elaborado pela autora.

Aos poucos o biquini, de cintura baixa como o de Miriam Etz, tomou seu espaço como item de moda e símbolo da cultura carioca de praia. “Ou seja, como bem definiu a jornalista Regina Guerreiro e a história de nossa moda comprovou: nós (brasileiros) somos bons de nudez.” (PRADO; BRAGA, 2011), Segundo Lonely Planet (2016) enquanto nos anos 1940, estrelas do cinema frequentavam o bairro de Copacabana, ao fim da década de 1950, a praia de Ipanema começa a ganhar lugar de destaque nos destinos cariocas graças à Tom Jobim, Vinícius de Moraes e demais astros da bossa-nova.



Imagem 71: Miriam Etz usando biquini, 1948. Fonte: História da moda no Brasil

Sua orla encantadora atrai uma ampla gama de cariocas – surfistas, jogadores de vôlei, boêmios, rapazes sarados – a cada posto, como o famoso Posto 9, onde ainda passa a linda e cheia de graça garota de Ipanema. As principais atividades durante o dia são observar o vaivém das pessoas, caminhar pela praia e assistir ao pôr do sol – mais bonito se visto do Arpoador, na ponta esquerda de Ipanema. (LONELY PLANET, 2016. P.7)

A Bossa-Nova, gênero musical que nasceu e é a cara de Ipanema, de acordo com Nunes (2015), teve seus primeiros sinais na década de 1950, composta por jovens compositores, músicos e intelectuais amantes do jazz americano e da música erudita, conseguindo produzir um ritmo brasileiro animado com a sofisticação



Imagem 72: Tom Jobim (ao piano) e Vinícius de Moraes. Fonte: SJSP

dessas influências. Pode-se dizer que o pontapé inicial para a propagação da Bossa-nova foi em 1959, quando o primeiro LP de João Gilberto intitulado Chega de Saudade foi lançado, trazendo composições inéditas de Tom Jobim e Vinícius de Moraes (Imagem 72), alcançando rapidamente notoriedade nacional e então internacional. Segundo Nunes (2015), bem antes disso, o Rio de Janeiro já vivia um raro momento de florescimento artístico que foi muito proveitoso para o surgimento da Bossa-nova. Na década de 1950 o Brasil vivia um período de crescimento econômico que foi muito promissor para várias áreas, na literatura, poesia, no futebol, quando em 1958 a Seleção Brasileira de Futebol conquistou sua primeira Copa do Mundo, no teatro, nas artes plásticas e no cinema, quando em 1957 estreou o filme Rio Zona Norte, de Nelson Pereira dos Santos, um dos primeiros representantes do Cinema Novo, movimento artístico que trataremos mais à frente.

Segundo Ruy Castro, Alfredo José da Silva ou Johnny Alf como ficou conhecido, foi o verdadeiro pai da Bossa Nova e essa sua composição, Rapaz de Bem, é considerada a primeira obra desse movimento. Tom Jobim era seu grande admirador e tinha colocado em Johnny o apelido de “Genialf”. (NUNES, 2015, p.2)

Tom Jobim, segundo Nunes (2015) apesar de nascido na Tijuca, era um típico jovem de Ipanema, bairro onde cresceu e se tornou músico, após desistir da escolha tradicional pela faculdade de Arquitetura. Em 1949, já casado com sua primeira mulher, Tom ganhava a vida tocando piano em casas noturnas da zona sul, onde em uma delas, no Clube da Chave, em 1953, conheceu Vinícius de Moraes, que ficou impressionado com o talento de Tom. Os dois foram formalmente apresentados um ao outro no dia seguinte, se tornando então grandes parceiros de composição. A chegada de Vinícius ao Rio foi um grande marco para a Bossa-nova, sua casa na Avenida Henrique Dumont, em Ipanema

era aberta à todos, músicos, compositores, artistas e intelectuais frequentemente se reuniam nela, o movimento de entra-e-sai de pessoas na casa era constante de manhã até a noite.



Imagem 73: Helô Pinheiro, Garota de Ipanema. Fonte: Folha de São Paulo

E foi nas ruas de Ipanema, mais especificamente na Rua Montenegro, atual Rua Vinícius de Moraes, na varanda do Veloso, que Tom e Vinícius avistaram Helô Pinheiro (Imagem 73), de apenas quinze anos na época, caminhando à caminho do mar. Inspirados pela garota, Tom compôs uma melodia e, mais tarde, Vinícius escreveu a letra do que se tornou o maior hino da Bossa-Nova nacional e internacionalmente, a Garota de Ipanema.

A Bossa Nova logo se profissionalizou. O movimento deixara de ser um episódio carioca e tomava conta das rádios e televisões de todo o Brasil. Por todo o país violões passaram a ser vendidos como nunca. Músicos e compositores começaram a aparecer as grandes e pequenas cidades, alegrando a música brasileira com a mensagem do amor, do sorriso e da flor. (NUNES, 2015, p.32)

Outro movimento artístico de extrema importância, que tem relação direta com a França, é o Cinema Novo. Originado pelas influências do neorrealismo italiano e referências da Nouvelle Vague francesa, na década de 1950, formado por um grupo de jovens cineastas, principalmente por nomes como Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade, Paulo César Saraceni, Leon Hirszman, Cacá Diegues e David Neves. Começaram todos de forma muito parecida: eram “cinéfilos, membros de cineclubes, depois passando à crítica para, em seguida, experimentarem a realização de curta-metragem”. (MASCARELLO, CARVALHO, 2010, p.290)



Imagem 74: Glauber Rocha dirigindo o filme "Deus e o diabo na terra do sol".
Fonte: Rede Brasil Atual



Imagem 75: Painel Imagético demonstrando algumas similaridades entre o Cinema Novo, a Nouvelle Vague e o Neorealismo italiano. Fonte: Elaborado pela autora

Como pode-se analisar a partir do painel imagético acima (Imagem 75), os filmes do Cinema Novo, apesar de apresentar uma precariedade técnica, falta de recursos e de dinheiro, eram compostos por movimentos de câmera na mão, dando uma atmosfera documental aos filmes e temas pertencentes à realidade em que o povo estava inserido, (como no neorrealismo italiano e na nouvelle vague francesa), que os grandes estúdios na época não representavam,

estúdios esses como o Vera Cruz, que produzia filmes de drama com orçamentos altos e o estúdio Atlântida, no Rio de Janeiro, que produzia as super populares comédias e paródias chanchadas.

A baixa qualidade técnica dos filmes, o envolvimento com a problemática realidade social de um país subdesenvolvido, filmada de um modo subdesenvolvido, e a agressividade, nas imagens e nos temas, usada como estratégia de criação, definiriam os traços gerais do Cinema Novo. (MASCARELLO, CARVALHO, 2010, p.290)

Os temas abordados pelos filmes geralmente rondam as críticas sociais, políticas e culturais, retratando com certa explicitação a violência no Nordeste, o período escravista e todo o aspecto religioso muito forte nos interiores do país, além de temas políticos como a modernização dos centros urbanos. Filmes como *Ganga Zumba*, *Rei de Palmares* (1963) e *Os herdeiros* (1970), de Carlos Diegues; *O desafio* (PAULO CÉSAR SARACENI, 1965); *Deus e o diabo na terra do sol* (1964) (Imagem 76), *Terra em transe* (1967) e *O dragão da maldade contra o santo guerreiro* (1969), de Glauber Rocha (MASCARELLO, CARVALHO, 2010, p.292).



Imagem 76: Pôster do filme *Deus e o diabo na terra do sol*, Glauber Rocha, 1964. Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural.

Enquanto Cacá Diegues produzia filmes mais voltados à questões históricas como o Quilombo de Palmares no filme *Ganga Zumba, o rei dos Palmares*, Glauber Rocha com o filme *Deus e o diabo na terra do sol*, “causa impacto ao usar os beatos e cangaceiros historicamente presentes no Nordeste como suporte para a discussão de problemas sociais contemporâneos” (MASCARELLO, CARVALHO, 2010, p.293). E então, na terceira temática abordada pelo Cinema Novo, tem a política em filmes como *Terra em transe*, *Os herdeiros* e *O desafio*. Neste último, faz quase uma “história imediata”, quando se trata do impacto causado pelo golpe militar de 1964 sobre jovens intelectuais que acreditaram em uma revolução popular no país” (MASCARELLO, CARVALHO, 2010 p.294).

A partir dessa ocupação de Ipanema, o aparecimento do biquini e da cultura praiana na Zona Sul carioca que hoje podemos definir como um “espírito” da cidade do Rio de Janeiro, como descrito por Goldenberg (2002) corpo seminu, praia, sol, carnaval, festa, juventude, liberdade, sexualidade, alegria, irreverência, descontração, humor, informalidade, criatividade e hedonismo. Com a cultura da praia, chega ao Brasil também a cultura dos esportes na praia. Entre eles temos o surfe (Imagem 77), de acordo com Freire (2016) o surfe chega ao Rio de Janeiro em 1952, a partir de um grupo de amigos conhecidos como Lemann Bróders que popularizaram o esporte na cidade. Entre as meninas (pioneiras) do surfe carioca estão Fernanda Guerra e Maria Helena “Moradoras da Zona Sul, aos treze anos conheceram os Lemann Bróders num verão no arpoador, e a partir dali, começaram a surfar todos os dias.” (FREIRE, 2016)

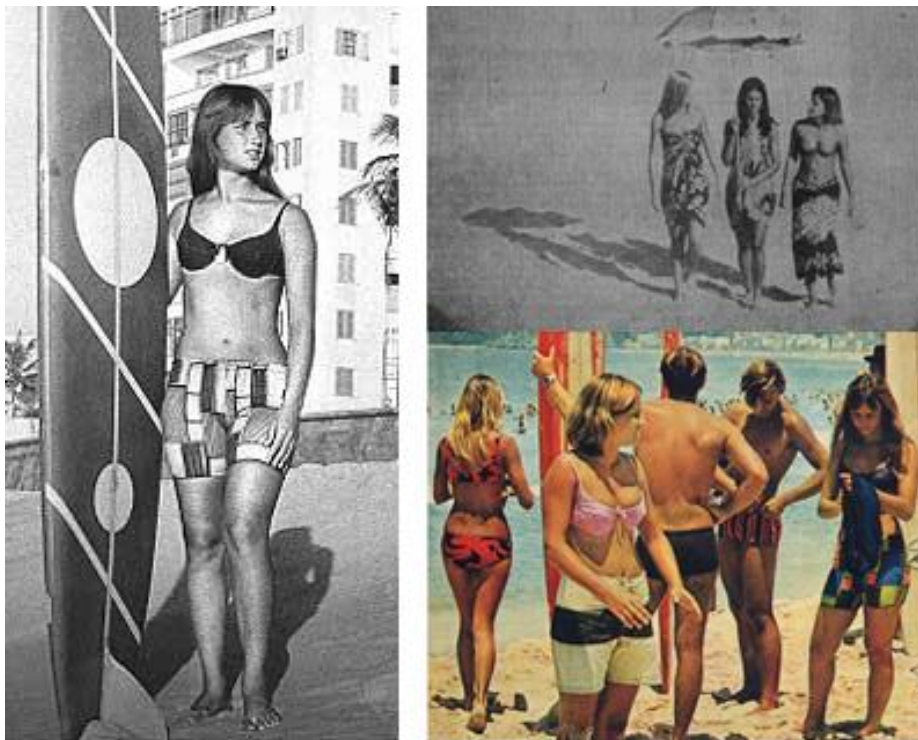


Imagem 77: A moda surf carioca dos anos 1960. Fonte: Elaborado pela autora, a partir de imagens retiradas da monografia de MARINA AMMON VILLANOVA FREIRE, 2016.

A moda surfe, principalmente a feminina, sendo algo incomum na época, exigia que as meninas surfistas se virassem como podiam:

As primeiras peças foram o pareô ou sarongue, vinham do Taiti ou do Hawai, e eram cangas com amarrações. Com essas peças, a chilena Soledad criou biquínis das mesmas estampas dos pareôs/sarongue.

Naquela época os biquínis eram de bojo e estruturados, o que acabava machucando as meninas na hora da prática, pois machucava o braço quando roçava na lateral. Com isso, Maria Helena criou o primeiro biquíni de triângulo, sem serem esses de “cortinha” que vemos atualmente: era apenas a forma de triângulo que amarrava nas costas. Ao perguntar sobre a nacionalidade das famílias dessas surfistas, tive o retorno que esperava, que eram famílias francesas, americanas e alemãs, o que explica essa liberdade que na verdade as mulheres cariocas não tinham na época. (FREIRE, 2016. p.22)

Também há o Frescobol (Imagem 78), esporte criado nas praias cariocas, mais especificamente, em Copacabana, surgiu, de acordo com Mendonça ([201-?]), na década de 1950 quando o arquiteto Caio Rubens Romero Lyra, que costumava jogar tênis com seus amigos na praia,



Imagem 78: Atriz Aline Riscado jogando Frescobol. Fonte: Ego

decidiu substituir suas raquetes de tênis, que estavam sempre sendo destruídas pela maresia, por raquetes de madeira. Apesar de se parecer com o tênis de quadra, o Frescobol é um esporte tipicamente carioca: simpático, à beira do mar, cooperativo, onde não há adversários e sim, parceiros, não há perdedores, somente a satisfação de quebrar o próprio recorde contando com a parceria do outro jogador, que por sinal, muitas vezes é um completo estranho, mostrando mais uma vez a característica do Carioca de ser espontâneo e fazer amizades rapidamente. Mesmo que elas durem apenas até o pôr-do-sol.

Outro esporte de praia tipicamente carioca é a Altinha (Imagem 79), que como o nome já sugere, consiste em manter a bola no alto. Surgiu pela primeira vez na praia de Ipanema, na década de 1960, onde os jogadores formam um círculo e, utilizando as pernas, pés, cabeça e peito devem



Imagem 79: Atriz Fernanda Paes Leme jogando Altinha na praia. Fonte: Globo Esporte

manter a bola sempre no alto, de forma colaborativa, assim como o frescobol, não havendo vencedores.

Em outras palavras, a Altinha é como um “aquecimento” ou um “treinamento” para o futevôlei que é um esporte bem mais complexo. E reúne em si três paixões cariocas: a praia, o futebol e a beleza. Porém, mais que isso, é o passe da bola com classe, com criatividade,

com aquele talento para com a bola que só os brasileiros têm. (MENDONÇA [201-?])

Mais um esporte praticado tradicionalmente na praia é o Futvôlei (Imagem 80). De acordo com Mendonça ([201-?]), o esporte surgiu na praia de Copacabana na década de 1960, quando um grupo de amigos foi proibido pela polícia de jogar altinha, por desrespeito à uma lei da época. Migrando a partida para os campos de Vôlei do calçadão, nascendo assim a junção destes dois esportes.



Imagem 80: Futvôlei na praia do Leblon. Fonte: Veja

Como no jogo de vôlei de praia, o esporte pode ser jogado em duplas, trios ou quartetos. Cada time pode dar até 3 toques na bola, sendo que um jogador não pode tocar duas vezes seguidas tal como no vôlei de praia. A bola precisa passar para o outro lado da rede com a ajuda de qualquer parte do corpo, exceto os braços, antebraços e as mãos, como no futebol. (MENDONÇA [201-?])

Com a cultura do banho de mar, dos esportes na praia e o uso de biquínis cada vez menores, percebe-se também o culto ao corpo, muito presente entre os cariocas. Manter uma forma física “malhada”, através das idas à academia ou pela cirurgia plástica em ascensão, significa cuidado com si mesmo.

Cada indivíduo é responsável (e culpado) por sua juventude, beleza e saúde: só é feio quem quer e só envelhece quem não se cuida. Cada um deve buscar em si as imperfeições que podem (e devem!) ser corrigidas (...) O corpo “em forma” se apresenta como um sucesso pessoal, ao qual qualquer mulher ou homem pode aspirar, se realmente se dedicar a isso. (GOLDENBERG, 2002. P.9)

Ressaltando a fala da entrevistada Manon Salles,

“Primeiro essas mulheres (a francesa e a carioca) buscam investir no corpo delas, tendo um corpo bom, tudo cai bem. A carioca possui uma grande preocupação em estar magra, malhada, estar em forma, que a francesa também tem. Então se parte daí, primeiro ter um corpo bom para então pensar nas roupas e como vai se produzir.”

Podemos reafirmar esta fala com a de Malysse (2002) “No Brasil é o corpo que parece estar no centro das estratégias do vestir” “expõem o corpo e reduzem a roupa a (...) uma espécie de ornamento”. Diz também que as francesas se vestem com roupas que valorizem seus corpos de forma a disfarçar ou reestruturar algumas características.

Acredito que a tendência das adolescentes francesas a se vestir rapidamente como mulheres – como suas mães – mostra que a roupa, na França, participa de um processo de envelhecimento da aparência, enquanto no Brasil, pelo contrário, a tendência é vestir-se como “jovem” até bem tarde, mesmo que esse fenômeno seja menos visível nas classes superiores que nas classes populares. (MALYSSE, 2002. P.110)

A questão da sensualidade carioca é diretamente relacionada com o borogodó, fazendo parte dessa mítica a espontaneidade e o *sex appeal* natural, no comportamento e também na forma de vestir, realçando curvas e atributos físicos que, em contraponto com o *je ne sais quoi*, a sensualidade é vista de forma muito mais sutil e a vestimenta, ao contrário do Brasil não é necessariamente usada para realçar o corpo que é vestido ou transmitir mensagens de sensualidade ou sexualidade. Para ilustrar o bem humorado borogodó da mulher carioca, foi solicitado às entrevistadas no capítulo 3.3 que elas citassem personalidades ou figuras públicas que seriam a personificação do borogodó, mesmo que nem todas sejam cariocas. Neste momento nos aprofundaremos nas mulheres citadas, buscando compreender a escolha das entrevistadas. Nos guiaremos pelo painel imagético (Imagem 81), seguindo a ordem das enumerações.



Imagem 81: Painel Imagético com mulheres citadas como referência nas entrevistas. Fonte: Elaborado pela autora

1- Fernanda Montenegro:

Segundo Fuks (2019), nascida como Arlette Pinheiro Esteves da Silva, em Cascadura, no subúrbio do Rio de Janeiro, no dia 16 de outubro de 1929. Com carreira ilustre, que ultrapassa os 70 anos na dramaturgia brasileira, tendo atuado no cinema, teatro, televisão e dublagens, Fernanda teve sua estreia como atriz aos 8 anos ao atuar em uma peça da igreja onde frequentava, depois, aos 15 se tornou redatora e locutora na rádio Ministério da Educação e Cultura. Estreia no teatro em 1950, ao lado de seu futuro marido, Fernando Torres. Em 1951 se torna a primeira atriz contratada da emissora de televisão TV Tupi, no Rio de Janeiro, onde atua em 80 peças e em 1959, juntamente com seu marido e alguns amigos, monta a companhia de teatro Teatro dos Sete, que durou até 1965. Estreou na TV Rio em novelas e sua estreia no cinema foi como dubladora no filme Mãos Sangrentas (1955) e, como atriz, em A Falecida (1965). De acordo com Fuks (2019) em 1998 concorreu ao Oscar de melhor atriz pela sua atuação no filme Central do Brasil de Walter Salles Jr. Ao lado de grandes atrizes internacionais como Meryl Streep, Gwyneth Paltrow e Cate Blanchett. Segundo G1 (2019) em 2012, protagoniza a série Doce de Mãe que a rende um Emmy de melhor atriz. Na novela Babilônia em 2015, sua personagem e a de Natália Timberg, viviam um romance e as duas protagonizaram um beijo bastante repercutido na época, por ser entre duas mulheres idosas.

2- Taís Araújo:

De acordo com o site Pure People, Taís Bianca Gama de Araújo Ramos nasceu dia 25/11/1978 no Rio de Janeiro, formou-se em jornalismo, porém nunca exerceu a profissão. Teve sua primeira aparição na TV na novela Tocaia Grande da antiga Tv Manchete e então, fez história sendo a primeira mulher negra a protagonizar uma novela na televisão brasileira, com Xica da Silva, em 1996, aos 17 anos. Foi também a primeira mulher negra a protagonizar uma novela da Rede Globo em Da Cor do Pecado, 2004, e a primeira mulher negra a protagonizar uma novela em horário nobre, sendo também a primeira Helena negra do autor Manoel Carlos, em Viver a Vida, em 2009. Além de trabalhos na televisão, atuou também

no cinema em diversos filmes como Caminhos dos Sonhos, Drama Urbano, O Maior Amor do Mundo, Nzinga, A Guerra dos Rocha e interpretando a cantora Elza Soares no filme Garrincha – Estrela Solitária, entre outros.

3- Cecília Meireles:

De acordo com Frazão (2019), Cecília Benevides de Carvalho Meireles, nasceu no Rio de Janeiro no dia 07/11/1901. Perdeu o pai antes mesmo de nascer e a mãe logo após completar 3 anos, sendo criada por sua avó materna. Foi poetisa, pintora, professora e jornalista, sendo a primeira voz feminina da literatura a ganhar verdadeiro destaque, com mais de 50 obras publicadas. Em 1919 lança seu primeiro livro, aos 18 anos, intitulado “Espectros”, em 1922 na Semana de Arte Moderna, ela se uniu ao grupo da revista Festa que defendia a preservação de alguns valores tradicionalistas na poesia.

Cecília Meireles estudou literatura, folclore e teoria educacional. Colaborou na imprensa carioca escrevendo sobre folclore. Atuou como jornalista em 1930 e 1931 e publicou vários artigos sobre educação. Fundou em 1934 a primeira biblioteca infantil no Rio de Janeiro. O interesse de Cecília pela educação se transformou em livros didáticos e poemas infantis. (FRAZÃO, 2019)

Entre 1936 e 1938 lecionou literatura luso-brasileira na UFRJ e em 1938 seu livro “Viagem” recebe o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras. Em 1940 leciona sobre literatura e cultura brasileira na Universidade do Texas, em Lisboa e em Coimbra. Em 1942 torna-se sócia do Real Gabinete Português de Leitura e viaja pelo mundo fazendo conferências sobre literatura, educação e folclore. Aos 63 anos, em 9 de novembro de 1964, faleceu em decorrência de um câncer.

4- Iza:

Isabela Lima, de acordo com Fuks (2019) nasceu em Olaria, subúrbio do Rio de Janeiro, em 3 de setembro de 1990. A cantora e apresentadora, desde criança gostava de se apresentar para a família, fazendo espetáculos com ingressos custando R\$1. Aos 14 anos se apresentava na igreja que frequentava e então começou a gravar vídeos *covers* para o YouTube, o que impulsionou sua visibilidade. Em 2014 fez uma pequena participação na série Nada Será Como Antes (FUKS, 2019) e em 2016

assinou o contrato com a gravadora Warner Music Brasil. Em 2018 lançou seu primeiro álbum, *Dona de Mim*, sendo indicado ao Grammy Latino de Melhor Álbum Pop Contemporâneo em Língua Portuguesa. Iza foi jurada na sétima temporada do programa *The Voice Brasil*, na Rede Globo e também atuou como dubladora da leoa Nala no *remake live action* de *O Rei Leão*.

5- Regina Casé:

De acordo com Frazão (2020), Regina nasceu no Rio de Janeiro, em 25 de fevereiro de 1954, neta de Ademar Casé, um dos pioneiros do rádio brasileiro. Atriz, comediante e apresentadora com extensa carreira, começou a estudar teatro em 1970 e criou o grupo de teatro “Asdrúbal Troxe o Trambone”, que ganhou destaque na cultura nacional, ganhando prêmios como O Governador do Estado “Atriz Revelação” e em 1977 o Prêmio Molière “Melhor Atriz”. Em 1983 faz sua estreia na televisão na novela “Guerra dos Sexos” e faz uma participação no “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, dirigido por seu pai, Geraldo Casé, no mesmo ano. No ano seguinte atua em “Vereda Tropical” e no infantil “Pluct Plact Zuum”.

Em 1986 atua na novela *Cambalacho*, em 1988 no humor da Tv Pirata e em 1991 se torna apresentadora do “Programa Legal” que a rende um prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte, na categoria humor em 1991 e o “Troféu Imprensa de Melhor Humorístico da Televisão” em 1992, mesmo ano que ganha o Troféu Imprensa como Comediante do ano (FRAZÃO, 2020).

Em 1995 passa a apresentar o programa “Brasil Legal”, em 1998 o “Muvuca” e em 2001 o programa “Um pé de que?”, mesmo ano em que volta a atuar, na novela “As filhas da mãe”. Segundo Frazão, 2020, em 2002 Regina estreia como autora e diretora de televisão, assinando diversos episódios de seriados desde então. Em 2006 passa a apresentar o programa “Central da Periferia”, em 2007 atua na minissérie “Amazônia” e em 2011 assume o programa dominical “Esquenta!”.

No cinema, Regina atuou em diversos filmes desde 1978, o filme “Que Horas Ela Volta?” de 2014 participou do Festival Internacional de cinema, na Suíça, foi indicado ao festival Internacional de Berlim, recebendo o “Prêmio de Melhor Filme”. Regina recebeu o Prêmio de “Melhor Atriz” no

Festival de Sundance, nos Estados Unidos (FRAZÃO 2020). Em 2019 atuou no filme “Três Verões”, lançado no Festival Internacional de Cinema de Toronto, que também lhe rendeu o Prêmio de Melhor Atriz no “Antalya Golden Orange Film Festival”. Atualmente Regina atua na novela “Amor de Mãe” da Rede Globo.

6- Tati Quebra-Barraco:

Tatiana dos Santos Lourenço, nasceu na favela-bairro Cidade de Deus, no Rio de Janeiro. Aos 12 anos começou a frequentar os bailes funk da comunidade onde rapidamente aprendeu as coreografias e então, começou a cantar. Em entrevista ao site Ig (2012), Tati disse que foi mãe aos 13, avó aos 29 e busca dar à seus filhos as oportunidades de estudo que não teve “E não tive porque não quis. Hoje me arrependo muito porque não sei nem dar autógrafo. Quando me pedem, aviso que não sei escrever e falo: “é de coração, então não me pergunta o que tá escrito”. Com músicas carregadas de palavreado afiado e a clássica batida do “tamborzão” do funk, Tati se intitula uma “funkeira de raiz” por não adequar seu estilo a o que a mídia e as rádios geralmente promovem. Declara que seu maior feito foi levar a música da periferia ao Palácio de Berlim na Alemanha, em 2004, rendendo bis da audiência. Em setembro de 2019 Tati subiu ao palco do festival de música Rock In Rio ao lado da também funkeira MC Carol, sendo as primeiras MCs a subirem aos palcos do festival.

7- Leila Diniz:

De acordo com Frazão (2019) Leila Diniz nasceu em Niterói, Rio de Janeiro em 25 de março de 1945. Foi atriz de cinema e tv e vedete do teatro Rebolado. “musa de Ipanema, irreverente e escandalosa, rompeu barreiras da sociedade conservadora de seu tempo.” (FRAZÃO, 2020) Aos 14 anos fugiu de casa e aos 15 começou a trabalhar como professora primária. Aos 17 anos, em 1962, conhece o cineasta Domingos de Oliveira, com quem mora junto até 1965, neste tempo trabalhou como modelo de propagandas e atuou em peças infantis. Em 1963 trabalhou como corista em espetáculos de Carlos Machado, atuou em alguns filmes e peças. Em 1965, separa-se de Domingos e casa-se com o cineasta Ruy Guerra, proporcionando-a diversos papéis em novelas, fazendo sua

estreia na televisão. Atua em diversos filmes, conquistando o Prêmio Air France de Melhor Atriz em 1967. Em tempos de censura, seu jeito extrovertido e informal de falar deu a ela fama de “vedete que abusa dos palavrões para ser notada” (FRAZÃO, 2020) tendo uma entrevista sua no jornal repleta de asteriscos reprimindo suas palavras. No fim de 1970 Leila, grávida de sua primeira filha é fotografada na praia de Ipanema usando um biquíni pequeno, o que causou bastante repercussão na mídia e sociedade conservadoras da época. No carnaval de 1971 foi declarada Rainha de Bateria da Banda de Ipanema e logo depois de ter sua filha, saiu no desfile da escola de samba Império Serrano. Segundo Frazão (2020) em 1972, Leila viaja a Austrália para a Premiação de Cinema de Melbourne, com saudade de sua filha, de ainda sete meses, decide voltar para casa mais cedo, embarcando em um avião da Japan Airlines que cai em Nova Deli na Índia sem deixar sobreviventes.

8- Isabel Salgado – Isabel do vôlei

Nascida em Ipanema, em 1960, Isabel foi uma típica garota de praia na época em que Ipanema estava no auge de ser o antro de jovens artistas, intelectuais e pessoas à frente de seu tempo. De acordo com Só (2016), é neta Geraldo Barrozo do Amaral, o Dodô, boêmio eternizado em crônicas de Manuel Bandeira como “o Bom Gigante”. Marcou sua época sendo a primeira “musa do vôlei”, virou capa da revista Veja em uma época que não era comum mulheres como capa deste tipo de revista, levando visibilidade ao esporte e às esportistas mulheres, rotulada de rebelde pelas mídias da época, é uma mulher que soube lutar pelo seu lugar em um meio dito masculino, contestando as misoginias cotidianas apenas sendo ela mesma. Foi mãe aos 17 anos, casou-se e separou em menos de um ano e com a filha ainda bebê foi jogar um a temporada sozinha na Itália, ela e sua filha. É a primeira esportista de sua família, diz, em entrevista à revista Trip que a adrenalina de atividades físicas surgiu quando mergulhava na praia com seu pai e então, aos 12 anos começou a jogar no Flamengo. Gosta de jogar e praticar esportes mas não de falar sobre eles, prefere outras áreas da cultura, convivia na praia com pessoas em ascensão de diversas áreas como Regina Casé e os

atores do grupo Astrúbal, Gabeira, Cazuza, Pedro Bial e que viver em Ipanema nesta época foi um privilégio que moldou a pessoa que ela se tornou.

9- Dona Ivone Lara

Yvone Lara da Costa, compositora, instrumentista e cantora, nasceu dia 13 de abril de 1921, no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro. De acordo com a Enciclopédia Itaú Cultural (2019), nasceu em família musical sua mãe cantora, seu pai violinista e sempre frequentou as rodas de chorinho organizadas na casa de seu tio, que influenciam sua musicalidade. Aos 17 se muda para o subúrbio, para o bairro de Inhaúma onde aprende a tocar cavaquinho com seu tio. Consegue uma bolsa de estudos na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, exerce a função de plantonista de emergência por um tempo e, já formada, em 1943 é contratada pelo Instituto de Psiquiatria de Engenho de Dentro, onde trabalha por 30 anos, até sua aposentadoria, ao lado de Nise da Silveira.

Nas folgas de seu trabalho formal, Ivone sempre frequentou rodas de samba e de choro, muitas organizadas por seu tio com a presença de Pixinguinha e Jacob do Bandolim. Segundo a Enciclopédia Itaú Cultural (2019), em 1947 compõe o samba-enredo Nasci Pra Sofrer da escola de samba Prazer da Serrinha, com o qual a escola desfilou neste ano. Com o fim da Prazer da Serrinha, passa a compor alguns sambas para a Império Serrano, ganhando muito reconhecimento da escola e do bairro de Madureira, onde a escola está sediada. Vencendo preconceitos, passa a fazer parte da ala dos compositores, até então restrita aos homens.

Em 1970, adota o nome artístico de Dona Ivone Lara. Nesse ano, participa do disco Sargentelli e O Sambão, gravado ao vivo, com as faixas Agradeço a Deus e Sem Cavaco Não, ambas feitas em parceria com Mano Décio da Viola (1909-1984). A gravação de discos consolida a carreira de Dona Ivone Lara, que é identificada pela crítica, na década de 1970, como uma das melhores compositoras de samba do Brasil. (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2019)

Na década de 1980 faz uma temporada de shows na África, ganhando o apelido de “Mãe da Angola” e torna-se conhecida em outros continentes após o lançamento de seu LP Ivone Lara (1985) rendendo show pelos

Estados Unidos, Japão e Europa. Em 2018, aos 96 anos, Ivone faleceu de insuficiência cardíaca.

10- Anitta

Larissa de Macedo Machado nasceu em 1993 no subúrbio do Rio de Janeiro, em Honório Gurgel. Hoje cantora, compositora, dançarina e empresária, de acordo com Fuks (2019) aos 8 anos de idade, Anitta já se apresentava no coral de sua igreja. Aos 15 começou a dar aula de dança e se apresentar em bailes de dança de salão. Aos 16 começou a postar vídeos cantando e dançando na internet que logo chamaram a atenção da Furacão 2000, grande empresa no ramo do funk, que produz sua primeira música *Eu Vou Ficar*, de grande sucesso no mercado. Anos depois, em 2013, lança o single *Show das Poderosas*, que alcança 1 milhão de visualizações no videoclipe em apenas uma semana no ar. Desde então sua carreira ganhou cada vez mais notoriedade inclusive internacionalmente. Segundo Fuks (2019) a música *Vai Malandra* fez parte de um projeto chamado *CheckMate* em que foram lançados quatro músicas e seus respectivos videoclipes, todas de gêneros diferentes e com parcerias internacionais, alavancando sua carreira no exterior. Anitta então participou como entrevistada no programa *The Tonight Show*, com Jimmy Fallon, um dos *talkshows* de maior audiência dos Estados Unidos. Em 2018 lançou uma série documental autobiográfica no *streaming* Netflix, mostrando o dia-a-dia da cantora durante o projeto *CheckMate*. Sendo sua própria empresária e agente, Anitta afirma que conseguiu chegar mais longe quando decidiu agir por conta própria:

“Já tive algumas pessoas gerenciando minha carreira, mas elas não trabalhavam da maneira que eu julgava correta. Por isso, decidi que eu assumiria, com a ajuda do meu irmão, todas as grandes decisões profissionais da minha vida.”(ANITTA, 2019)

Hoje ela gerencia mais de 50 pessoas nacional e internacionalmente, planeja os próximos passos de sua carreira visando o futuro. Atualmente, além da carreira na indústria fonográfica, possui a própria série na Netflix, como citado anteriormente, é apresentadora de programas de televisão como o *Anitta Entrou Pro Grupo*, do Multishow e possui sua série animada infantil, o *Clube da Anittinha*. Foi também a primeira artista de funk a

cantar no Palco Mundo (principal palco do festival) no festival Rock In Rio, em 2019.

11-Fernanda Abreu

Fernanda Sampaio de Lacerda Abreu nasceu dia 8 de setembro no Rio de Janeiro. Segundo Ferreira (2020), começou a carreira musical como vocalista da banda Blitz nos anos 1980 e após, em carreira solo, conquistou espaço na música nacional após o sucesso de sua canção de maior notoriedade, Rio 40 Graus em que exalta e critica a cidade do Rio de Janeiro ao mesmo tempo. Deixa de lado o estilo pop rock da Blitz, focando em uma mistura de gêneros americanos com o ritmo da música brasileira, mistura o samba, o disco, rap, funk e o funk carioca. Em seu álbum Da Lata (1995), nome inspirado no acontecimento conhecido por Verão da Lata¹⁰ canções de grande sucesso como Brasil É O País do Suingue, Veneno da Lata e Garota Sangue-Bom (cujo trecho é citado por Fernanda em sua entrevista no capítulo 3). O álbum Amor Geral (2016) marca o retorno de Fernanda ao mercado fonográfico após 10 anos, desde a gravação de seu cd e dvd para a série “MTV ao vivo”.

12-Glória Maria

Gloria Maria Matta da Silva, de acordo com o site Pure People, nasceu no Rio de Janeiro, de origem humilde, aprendeu a falar outras línguas e formou-se em jornalismo, hoje sendo um dos nomes mais importantes da imprensa nacional. Sua estreia como repórter na televisão foi em 1971 na cobertura do desabamento do Elevado Paulo de Frontin. Foi a primeira repórter a entrar na TV ao vivo em 1977, no Jornal Nacional, cobrindo uma matéria sobre o trânsito carioca (PURE PEOPLE ca.2020). Trabalhou em jornais como o Jornal Hoje, Jornal Nacional, Bom Dia Rio, RJTV, entrevistou personalidades influentes do mundo como Madonna, Michael Jackson, Leonardo DiCaprio, entre outros e também conseguiu entrevistas com os chefes de estado do período do regime militar. Fez

¹⁰ O Verão da Lata ocorreu no ano de 1987 quando os tripulantes do Solana Star, ao serem perseguidos pela Marinha, tiveram de jogar ao mar, próximo de Ilha Grande, no litoral do Rio de Janeiro, aproximadamente 15 mil latas recheadas de maconha, segundo relatos, de alta qualidade, totalizando aproximadamente 22 toneladas da droga. O resultado foi milhares de latas hermeticamente fechadas nas praias do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, para a satisfação dos banhistas e desespero dos policiais. (HISTORY, ca.2020)

cobertura de acontecimentos importantíssimos como a Guerra das Maldivas, a invasão da embaixada brasileira no Peru por terroristas, conseguiu driblar a segurança dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984, quando, de acordo com o Memória Globo “o velocista Carl Lewis, então campeão mundial dos 100 m rasos, antecipou parte do juramento olímpico, com exclusividade, para o Fantástico”. Há rumores também de que Glória teria presenciado o assassinato de Tancredo Neves, primeiro presidente eleito após 21 anos de ditadura militar no Brasil (VASCONCELOS, 2020). Desde 2010 Glória faz parte do programa Globo Repórter, viajando o mundo inteiro, passando por experiências muitas vezes extremas, sem renunciar à reportagem para mostrar a cultura de diferentes povos e países.

13-Carolina Dieckmann

Carolina Dieckmann nasceu no Rio de Janeiro, em 1978. De acordo com o site Pure People (ca.2020) sua carreira teve início quando foi descoberta por uma agência de modelos enquanto estava na praia em Búzios. Em 1993 foi chamada para fazer parte do elenco de “Sex Appeal” revelando outras atrizes como Camila Pitanga, Danielle Winits e Luana Piovani. E então começou a participar de novelas como Fera Ferida, Tropicaliente, a primeira edição de Malhação, Vira-Lata, Por Amor, ao lado de atores renomados como Antônio Fagundes, Regina Duarte e Suzana Vieira. Em 2000 ganhou destaque ao interpretar Camila, que descobre ter leucemia na novela Laços de Família, ao lado de Vera Fischer e Reynaldo Gianecchini, para a personagem, Carolina raspa a cabeça, resultando na clássica e dramática cena e participou também de outro clássico da teledramaturgia brasileira, interpretando a filha de Suzana Vieira em Senhora do Destino (2004). Além de novelas, atua também em peças de teatro.

14-Fernanda Gentil

Fernanda Gentil nasceu no Rio de Janeiro em 23 de novembro de 1986 e se formou em jornalismo pela Pontífica Universidade Católica do Rio de Janeiro. Iniciou sua carreira em 2009 como repórter do canal SporTv e ali

virou apresentadora do programa “É Gol”. Segundo o site PurePeople, participou da cobertura da Copa das Olimpíadas de Inverno, Copa do Mundo 2010 e Copa América 2010. Ganhou o título de musa da Copa das Confederações em 2013, após se destacar na cobertura ao vivo da Seleção Brasileira. Em setembro de 2014 se torna apresentadora fixa do programa Globo Esporte do Rio de Janeiro. Em 2016 assume o Esporte Espetacular até 2018. Além dos destaques no jornalismo esportivo, Fernanda lançou o livro “Gentil Como A Gente” (2016) e atuou no filme “Ela Disse, Ele Disse” (2018).

15-Cris Vianna

Atriz, modelo, cantora e rainha de bateria, nasceu na cidade de São Paulo em 1977. De acordo com o site Pure People, estreou como atriz na televisão na novela América (2005), logo em seguida atuou em Sinhá Moça (2006) e O Profeta (2006). Além do sucesso na carreira na televisão, atuou no cinema, no filme Besouro (2009) e em Última Parada 174 (2008), drama baseado no episódio real do sequestro ao ônibus da linha 174, no Rio de Janeiro. Já foi rainha de bateria da escola de samba Grande Rio em 2011 e atualmente é rainha de bateria da Imperatriz Leopoldinense.

16-Fernanda Lima

Fernanda Lima nasceu dia 25 de junho de 1977 em Porto Alegre. De acordo com seu site oficial, inaugurou sua carreira de modelo ao posar para a capa da revista Capricho em 1991, depois de anos como modelo, ingressa sua carreira na televisão com o programa Mochilão na MTV em 1999. Em 2000 foi contratada pela Rede Tv e inicia sua carreira como apresentadora em programas como Tv Escolha e Interligado, quando, retorna à MTV apresentando o programa “Fica Comigo?”, seu primeiro contato com a temática de amor e sexo na televisão. Em 2001, ainda na MTV apresentou o “Luau MTV” o “Verão MTV” e volta a apresentar o “Mochilão”. Em 2004, de acordo com seu site oficial, atua no cinema em dois filmes: “Didi Quer Ser Criança” e “A Dona da História”. Em 2005 se muda para o Rio de Janeiro e ingressa na Rede Globo substituindo a apresentadora Angélica durante sua licença no quadro Video Game do programa Video Show. Neste mesmo ano atua na novela BangBang e em

2006 na novela “Pé na Jaca”. Em 2009 estréia o programa “Amor & Sexo” transmitido em horário nobre e cadeia nacional falando sobre os tabus do tema de forma bem humorada.

(Em 2013) Ao lado do marido Rodrigo Hilbert, Fernanda apresentou o sorteio dos grupos da Copa de 2014. Em um deslumbrante vestido dourado, foi vista apresentando o evento em um inglês invejável por mais de 500 mil espectadores de 200 países. A beleza – e o “decote de ouro profundo” – transformou a apresentadora em notícia internacional, ofuscou o futebol e elevou Fernanda ao posto de “Musa da Copa do Mundo” e gerou polêmica. Considerado excessivamente sensual, o vestido da gaúcha fez com que a transmissão ao vivo do sorteio fosse proibida em países como o Irã, classificado para a competição. Mas rendeu a Fernanda uma posição na lista da BBC Brasil dos 10 brasileiros que mais se destacaram no noticiário internacional de 2013. (SITE OFICIAL DE FERNANDA LIMA, 2020)

Em 2014 apresentou o Ballon d’Or da FIFA, dois dias antes do início da Copa do Mundo. Devido à repercussão no sorteio da Copa, ela foi convidada a apresentar em Londres, o National Television Awards, o maior prêmio da televisão britânica. Ainda de acordo com seu site oficial, em 2014 ganhou o Prêmio Extra de Televisão como Melhor Apresentadora da Televisão Brasileira. Seu restaurante Maní oi considerado um dos 50 melhores restaurantes do mundo pela publicação inglesa The Restaurant Magazine.

17-Viviane Araújo

Viviane Araújo nasceu dia 25 de março de 1975 no Rio de Janeiro. De acordo com Frazão (2012) iniciou sua carreira como modelo participando de campanhas publicitárias e concursos de beleza, mas foi em 1994 que ganha destaque ao ganhar o concurso Pantera Negra do Carnaval e ser eleita a Garota do Fantástico. Em 1995 participa do concurso para entrar no grupo de axé “É o Tchan”, sem sucesso, porém neste mesmo ano entra para o elenco do programa humorístico Escolinha do Professor Raimundo. Em 2002 se torna rainha de bateria da Mocidade Independente de Padre Miguel e então da Mancha Verde de São Paulo. Sua participação mais duradoura na televisão foi com a personagem Tetê no programa de humor Zorra Total entre 2005 e 2008. Em 2008 lança sua carreira como cantora de forró na banda Viviane Araújo e Chamego de

Menina e neste mesmo ano se torna rainha de bateria do Salgueiro, ganha um campeonato pelo Salgueiro em 2009 e permanece na escola até hoje.

18-Juliana Paes

De acordo com Frazão (2015) Juliana Couto Paes nasceu em Rio Bonito, no Rio de Janeiro em 26 de março de 1979. Sua carreira como atriz começou quando interpretou a empregada doméstica Ritinha na novela Laços de Família (2000) e então fez sucesso em diversas novelas como O Clone (2001), Celebridade (2003), Caminho das Índias (2009) e recentemente em A Dona do Pedaço (2019).

Juliana Paes, em 2004, foi capa da revista Playboy, tornando-se um dos maiores símbolos sexuais da década de 2000 no Brasil. Foi considerada pela revista VIP como a "Mulher mais Sexy do Mundo" em 2006 e 2007. Em 2006 foi garota propaganda da cerveja Antártica com a campanha publicitária "Sou da Boa". (FRAZÃO, 2015)

Em 2012 atuou em um episódio da minissérie As Brasileiras e neste mesmo ano protagonizou a refilmagem da novela "Gabriela".

No próximo capítulo selecionaremos as informações reunidas ao longo deste capítulo, sobre a história do estilo de vida carioca e características das mulheres que foram citadas como referência e personificação do borogodó no capítulo 3, assim como as informações obtidas com as entrevistas.

5- Construção dos infográficos

Neste ponto da pesquisa, a partir das informações coletadas nas entrevistas, as comparações feitas durante o trabalho com o estilo de vida parisiense e a pesquisa do último capítulo 4, podemos pontuar o que se enquadra no estilo de vida da mulher carioca. Aqui oferecemos estes infográficos aos turistas da cidade do Rio de Janeiro como forma simplificada e atrativa de entender um pouco sobre o estilo de vida da cidade e desta mulher enigmática que a pertence. A partir da pesquisa de infográficos selecionados sobre a mulher parisiense, apresentada no capítulo II, tiraremos proveito de algumas características deles para a construção de infográficos sobre nosso próprio povo. Reafirmo que a mulher carioca apresentada nas pesquisas e interpretada nos infográficos reflete a mulher da Zona Sul, com o estilo de vida praiano muito notado pelos turistas estrangeiros, ou seja, é uma visão estereotipada e genérica da mulher carioca, que é tão plural e tantas em uma só, como pudemos ver a partir das entrevistas no capítulo 3 . Porém com o intuito de se fazer um paralelo direto com o *je ne sais quoi* da mulher francesa, também estereotipado, faremos dessa forma, para atrair a atenção internacional.

No primeiro bloco de infográficos abaixo (Imagens 82 a 85), buscamos unir o estilo da autora do presente projeto de narrativa e desenho com as ilustrações e design dos infográficos inspirados no livro *My Little Paris*, expostos anteriormente no capítulo 2. Buscamos dispor as informações de forma lúdica e leve, destacando graficamente alguns costumes da mulher carioca como analisados nos capítulos 3 e 4.

Um sábado de sol da carioca

9h... café da manhã

Geralmente composto por café preto ou suco, uma porção de fruta e pão "francês" ou pão de queijo.



11h... correr no calçadão

Também pode ser andar de bicicleta, praticar algum esporte ou passear com o cachorro...Desde que seja atividade física e na beira da praia, é claro.



13h... passar o dia na praia

A carioca ama passar o dia todo na praia, até o pôr-do-sol.



20h... chope na Lapa

Aproveitar a noite agitada da Lapa é quase obrigatório para a carioca e um chope com as amigas é só o começo da noite.



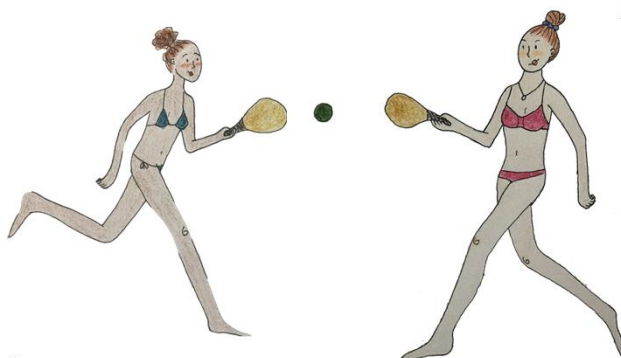
Imagem 82: Infográfico 1. "Um sábado de sol da carioca". Fonte: Elaborado pela autora

O que a carioca faz na praia

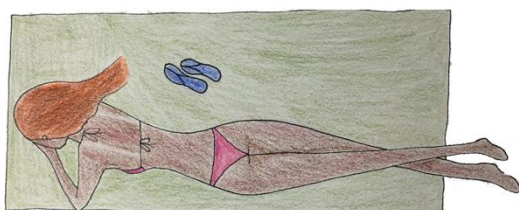
Bebe mate gelado comendo biscoito "Globo"



Joga frescobol



"Pega sol"



Toma banho de mar



Imagem 83: Infográfico 2. "O que a carioca faz na praia". Fonte: Elaborado pela autora.

A carioca ama...



escolher qual biquíni comprar do guarda-sol na praia



quando viaja para outro estado e se sente uma celebridade

A carioca ama...



pegar o metrô vazio na hora do rush



quando o vendedor de mate dá um "chorinho"

No próximo modelo de infográficos (Imagem 86), buscamos referência nos apresentados no capítulo 2 da Conexão Paris em conjunto com a Galeria Lafayette Paris Haussmann. Contendo mais informações acerca do estilo da mulher carioca, mostrando as peças de forma mais minimalista. Mostra como a carioca se veste em diferentes ocasiões, optamos por eventos que exigem códigos vestimentares diferenciados. Como estamos vivendo um cenário de recesso mundial, seria uma boa forma de impulsionar o turismo no Rio de Janeiro, mesmo fora de épocas festivas como carnaval e ano novo. Por estas questões ofereceríamos também uma versão dos infográficos com apenas duas cores, visando diminuir os custos de impressão, caso este seja o caso, para as agências de viagem. Outra questão interessante é que, embora apresentemos os infográficos de um só lado, o verso dos mesmos poderia ser impresso em outra língua, ou mesmo contendo outras informações, como é o caso das imagens 88 a 95 e informação de algum tipo de serviço ou evento cultural.

Retomando a descrição dos infográficos, no trabalho geralmente há regras e uma formalidade maior, portanto, escolhemos retratá-la como uma mulher que vai trabalhar de calça e blusa social, *scarpin* (sapato feminino fechado na parte da frente e atrás, pode ter bico fino, arredondado ou quadrado, sempre de salto a partir de 4cm, se o scarpin tem 10cm de salto ou mais pode ser chamado de stiletto) e busca praticidade, mas mesmo em um ambiente formal, consegue expressar seu estilo através dos acessórios. Já quando a carioca é convidada à uma festa de casamento, geralmente sendo um evento que exige uma certa preocupação com a forma de vestir, ela quer estar elegante, mas também alegre e sensual, nunca *overdressed* (arrumada demais, tradução nossa). Ela opta por vestidos midi (comprimento de saia logo abaixo dos joelhos) ou curtos; cabelos soltos, maquiagem marcante nos olhos e escolhe um acessório diferenciado para chamar atenção. Sua sandália de salto alto eventualmente será trocada pelo chinelo, distribuído geralmente na abertura da pista de dança, pelos anfitriões da festa como lembrança do evento. Em seu dia de folga, a carioca geralmente sai para almoçar, vai à praia, ao cinema, ao museu ou aproveitar os eventos ao ar livre na cidade. Ela sempre se veste de forma casual, confortável e fresca, para conseguir aproveitar os dias de muito sol e calor do Rio de Janeiro. Geralmente usa vestidos leves, *short* jeans, regatas ou blusas de algodão, sandálias rasteiras ou tênis e, claro, óculos de sol. Para sair à noite, ela prefere

o brilho no lugar das cores fortes, geralmente nos acessórios, como brincos ou colares. Usa vestidos curtos, de alça e/ou decotados, sandálias de salto alto, bolsas pequenas e por baixo, uma lingerie sensual, assim como sua maquiagem e seus cabelos soltos. A seguir um segundo modelo de infográfico inspirado no modelo tal do capítulo 2:

Como a carioca

se veste em diferentes ocasiões



No trabalho

- Terninho
- Scarpin
- Bolsa grande
- Acessórios menos chamativos
- Pouca maquiagem, cabelo prático

Ela veste blusas sociais de tecidos leves como cetim e seda, off-white, com amarração no pescoço, como uma echarpe, e com a parte frontal para dentro da calça social, de tons mais vibrantes como o terracota ou verde-musgo.

Casamento como convidada

- Vestido curto ou midi e fresco
- Sandália de salto
- Acessório marcante
- Bolsa tipo carteira
- Para dançar, troca o salto pelo chinelo, muitas vezes oferecido pelo anfitrião da festa

Ela veste vestido midi com fenda frontal e barrado assimétrico, de alças finas e com recorte modelo império realçando o busto, de tecido leve e brilhoso como a seda na cor grafite. Bolsa clutch de tom neutro, como o cinza claro ou preto, sandálias de salto alto em tons vibrantes como o laranja, pink ou verde-limão



Dia de folga

- Short jeans
- Blusinha de algodão
- Tênis ou sandália rasteirinha
- Bolsa pequena, transpassada
- Óculos de sol

Ela veste t-shirt de malha, geralmente com estampas coloridas, usada para dentro do short jeans, curto e simples, de lavagem clara. Bolsa transpassada de couro-sintético e tênis de tom neutro.



Balada

- Vestido curto e fresco, geralmente de alças e/ou decotado
- Sandália de salto confortável
- Bolsa pequena e prática
- Brincos grandes e marcantes
- Lingerie sensual

Ela veste vestido curto de alças com faixa de bordado central realçando o busto e a cintura, levemente godê, de tecido leve e preto. Maxi-brincos com bastante brilho, Sandálias com meiapata, bolsa de ombro pequena e lingerie de renda preta

Imagem 86: Infográfico 4. "Como a carioca se veste em diferentes ocasiões". Fonte: Elaborado pela autora.

Como a carioca

se veste em diferentes ocasiões



No trabalho

- Blusa e calça social
- Scarpin
- Bolsa grande
- Acessórios menos chamativos
- Pouca maquiagem, cabelo prático

Ela veste blusas sociais de tecidos leves como cetim e seda, off-white, com amarração no pescoço, como uma echarpe, e com a parte frontal para dentro da calça social, de tons mais vibrantes como o terracota ou verde-musgo.

Casamento como convidada

- Vestido curto ou midi e fresco
- Sandália de salto
- Acessório marcante
- Bolsa tipo carteira
- Para dançar, troca o salto pelo chinelo, muitas vezes oferecido pelo anfitrião da festa

Ela veste vestido midi com fenda frontal e barrado assimétrico, de alças finas e com recorte modelo império realçando o busto, de tecido leve e brilhoso como a seda na cor grafite. Bolsa clutch de tom neutro, como o cinza claro ou preto, sandálias de salto alto em tons vibrantes como o laranja, pink ou verde-limão

Dia de folga

- Short jeans
- Blusinha de algodão
- Tênis ou sandália rasteirinha
- Bolsa pequena, transpassada
- Óculos de sol

Ela veste t-shirt de malha, geralmente com estampas coloridas, usada para dentro do short jeans, curto e simples, de lavagem clara. Bolsa transpassada de couro-sintético e tênis de tom neutro.

Balada

- Vestido curto e fresco, geralmente de alças e/ou decotado
- Sandália de salto confortável
- Bolsa pequena e prática
- Brincos grandes e marcantes
- Lingerie sensual

Ela veste vestido curto de alças com faixa de bordado central realçando o busto e a cintura, levemente godê, de tecido leve e preto. Maxi-brincos com bastante brilho, Sandálias com meiapata, bolsa de ombro pequena e lingerie de renda preta

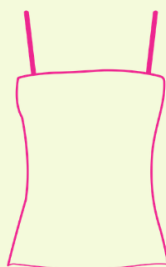
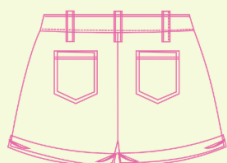
O VERÃO

da carioca

De Dezembro a Fevereiro a cidade do Rio de Janeiro ferve em todos os sentidos! É época dos dias de sol escaldante, de uma das festas de Ano Novo mais famosas do mundo e do carnaval, onde a cidade inteira se une para festejar por 4 dias.

O que ela veste?

A carioca passa os dias de verão da forma mais simples possível, chinelos são aceitos e até bem vistos na maioria dos lugares e ocasiões. Quer estação mais carioca que essa?



Do dia para a noite

- Camiseta de alças de algodão, malha ou viscose, tecidos leves e frescos e cores vibrantes sempre!
- Short jeans, curto, de lavagem clara
- Chinelos! Versáteis, confortáveis e despojados
- Por baixo da roupa, biquíni pequeno, colorido e NUNCA cobrindo o bumbum inteiro (isso é coisa de "gringo")

Imagem 88: Infográfico 5. "O verão da carioca". Fonte: Elaborado pela autora.

O que ela
come?



Frutas sejam elas
puras, no sacolé ou
com cachaça na
caipirinha



Peixes e frutos do
mar



Água de coco

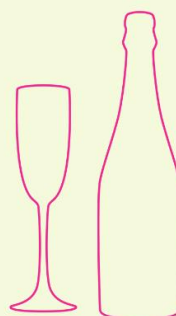


Gosta de viajar para
a região dos lagos e
aproveitar as praias

O que ela
faz?



Passa o dia e a noite
toda curtindo o
carnaval de rua



Assistir à queima de
fogos de ano novo
na praia de
Copacabana

Imagem 88: Infográfico 5. "O verão da carioca". Fonte: Elaborado pela autora.

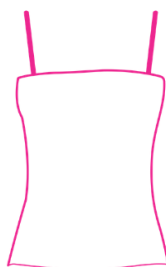
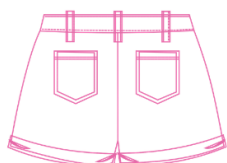
O VERÃO

da carioca

De Dezembro a Fevereiro a cidade do Rio de Janeiro ferve em todos os sentidos! É época dos dias de sol escaldante, de uma das festas de Ano Novo mais famosas do mundo e do carnaval, onde a cidade inteira se une para festejar por 4 dias.

O que ela veste?

A carioca passa os dias de verão da forma mais simples possível, chinelos são aceitos e até bem vistos na maioria dos lugares e ocasiões. Quer estação mais carioca que essa?



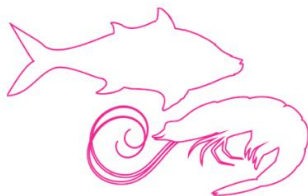
Do dia para a noite

- Camiseta de alças de algodão, malha ou viscose, tecidos leves e frescos e cores vibrantes sempre!
- Short jeans, curto, de lavagem clara
- Chinelos! Versáteis, confortáveis e despojados
- Por baixo da roupa, biquíni pequeno, colorido e NUNCA cobrindo o bumbum inteiro (isso é coisa de "gringo")

O que ela
come?



Frutas sejam elas
puras, no sacolé ou
com cachaça na
caipirinha



Peixes e frutos do
mar



Água de coco

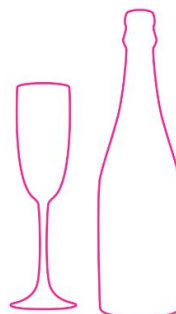


Gosta de viajar para
a região dos lagos e
aproveitar as praias

O que ela
faz?



Passa o dia e a noite
toda curtindo o
carnaval de rua



Assistir à queima de
fogos de ano novo
na praia de
Copacabana

O OUTONO

da carioca

Entre março e maio, os dias de sol intenso começam a se dissipar e as temperaturas ficam mais amenas, é hora da carioca começar a tirar os casacos do armário.

O que ela veste?

A carioca tenta combinar os dias mais frescos com a possibilidade de calor repentino.

Do dia para a noite

- Blusa de algodão de manga longa
- Saia godê curta em tons como vinho, marrom, cinza ou azul marinho
- Meia calça, geralmente preta, para que seu uso fique visível, caso contrário o visual fica antiquado
- Sapatilhas ou oxfords de couro sintético em tons terrosos



Imagem 90: Infográfico 6. "O outono da carioca". Fonte: Elaborado pela autora.

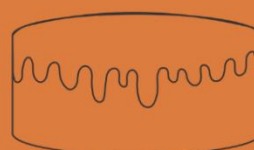
O que ela
come?



Muitos cafés e chás



Spaguetti ao molho
branco



Bolos e doces
caseiros



Gosta de visitar
museus no centro da
cidade

O que ela
faz?



Ir à peças de teatro
e espetáculos no
Theatro Municipal

Obs: aos domingos,
à preços populares

Imagem 90: Infográfico 6. "O outono da carioca". Fonte: Elaborado pela autora.

O OUTONO

da carioca

Entre março e maio, os dias de sol intenso começam a se dissipar e as temperaturas ficam mais amenas, é hora da carioca começar a tirar os casacos do armário.

O que ela veste?

A carioca tenta combinar os dias mais frescos com a possibilidade de calor repentino.

Do dia para a noite

- Blusa de algodão de manga longa
- Saia godê curta em tons como vinho, marrom, cinza ou azul marinho
- Meia calça, geralmente preta, para que seu uso fique visível, caso contrário o visual fica antiquado
- Sapatilhas ou oxfords de couro sintético em tons terrosos

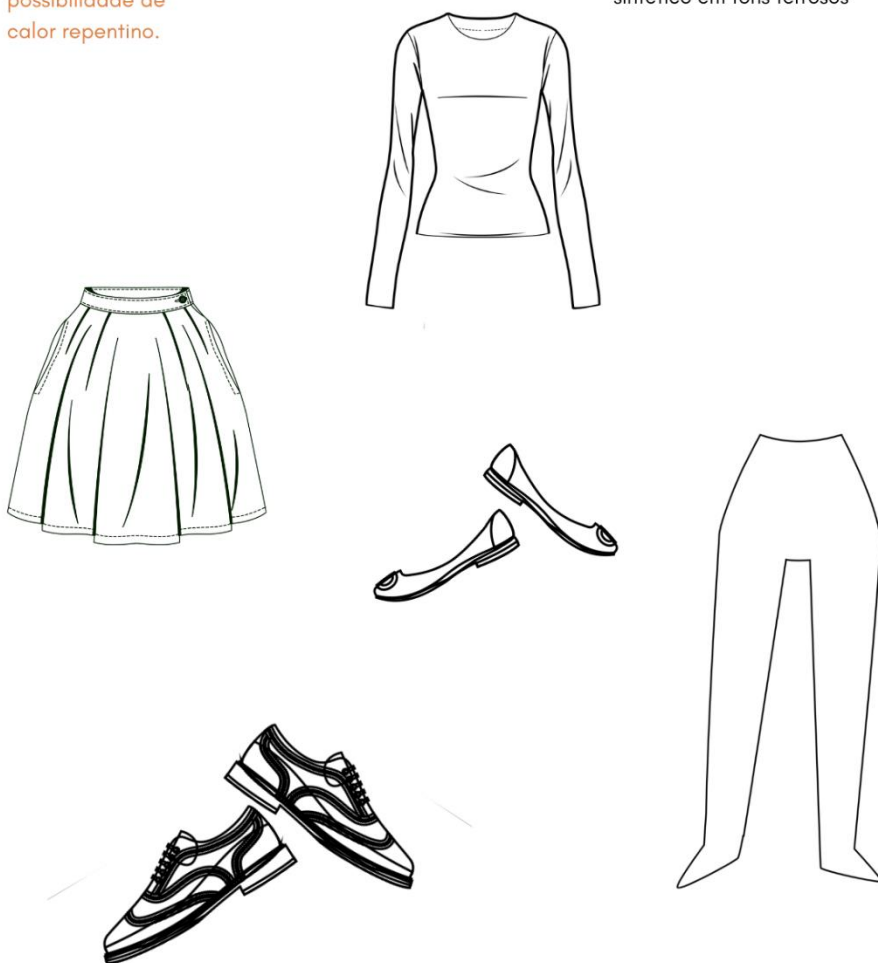
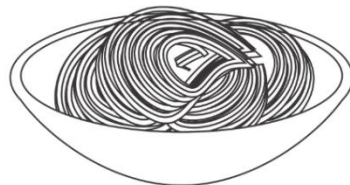


Imagem 91: Infográfico 6, versão 2. "O outono da carioca" versão com 2 cores. Fonte: Elaborado pela autora.

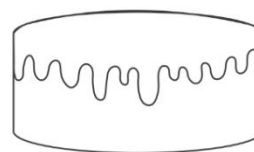
O que ela
come?



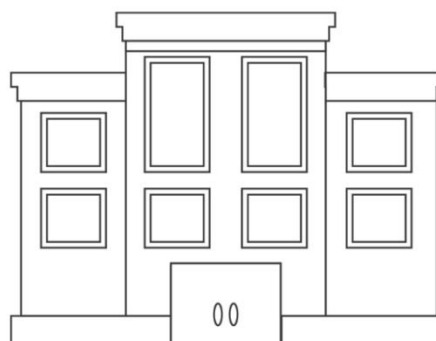
Muitos cafés e chás



Spaguetti ao molho
branco



Bolos e doces
caseiros



Gosta de visitar
museus no centro da
cidade

O que ela
faz?



Ir à peças de teatro
e espetáculos no
Theatro Municipal

Obs: aos domingos,
à preços populares

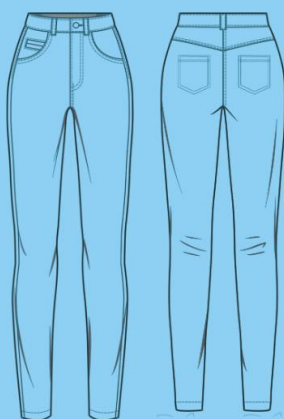
O INVERNO

da carioca

No fim de maio, quando as temperaturas despencam dos usuais 38°C para os gélidos 18°C a carioca precisa estar preparada para as próximas semanas de inverno.

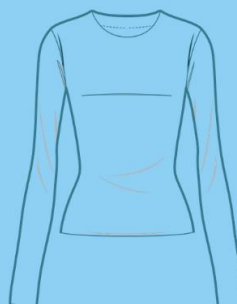
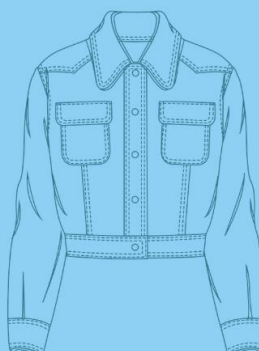
O que ela veste?

A carioca aproveita qualquer oportunidade para usar suas roupas de frio, que ficam guardadas a maior parte do ano.



Para sair à noite

- Calça jeans de lavagem escura azul ou preta
- Bota de cano curto de couro sintético
- Blusa de algodão de manga comprida
- Jaqueta de couro sintético



Quando o tempo começa a mudar

- Calça jeans de lavagem escura azul ou preta
- Tênis escuros
- Blusa de malha de manga curta
- Jaqueta jeans estilo bomber



Durante o dia, geralmente ela se desfaz da blusa de manga comprida, afinal nunca se sabe quando de repente o sol vai sair, nos fazendo tirar os casacos.



O que ela
come?



Sopas como a de
legumes e de ervilha
e caldos como o
caldo verde



Fondue de queijo
com carnes ou de
chocolate com frutas



Vinho tinto
acompanhando as
refeições quentes

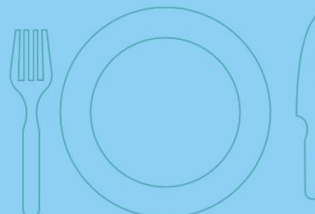


Gosta de viajar de
carro para as
cidadezinhas da
região serrana do
Rio



Frequenta várias
festas de São João
no mês de Junho (as
festas juninas podem
durar de Junho à
Agosto)

O que ela
faz?



Gosta de jantar em
restaurantes
aconchegantes

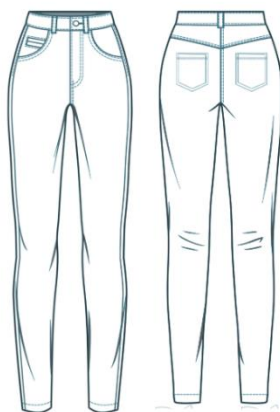
O INVERNO

da carioca

No fim de maio, quando as temperaturas despencam dos usuais 38°C para os gélidos 18°C a carioca precisa estar preparada para as próximas semanas de inverno.

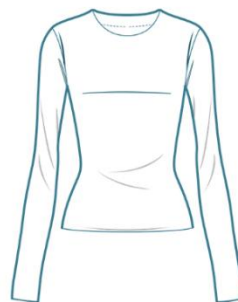
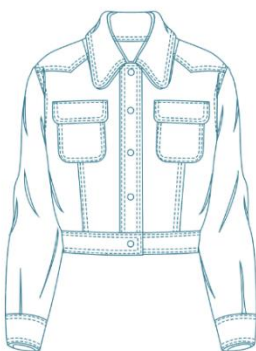
O que ela veste?

A carioca aproveita qualquer oportunidade para usar suas roupas de frio, que ficam guardadas a maior parte do ano.



Para sair à noite

- Calça jeans de lavagem escura azul ou preta
- Bota de cano curto de couro sintético
- Blusa de algodão de manga comprida
- Jaqueta de couro sintético



Quando o tempo começa a mudar

- Calça jeans de lavagem escura azul ou preta
- Tênis escuros
- Blusa de malha de manga curta
- Jaqueta jeans estilo bomber



Durante o dia, geralmente ela se desfaz da blusa de manga comprida, afinal nunca se sabe quando de repente o sol vai sair, nos fazendo tirar os casacos.



O que ela
come?

Sopas como a de
legumes e de ervilha
e caldos como o
caldo verde



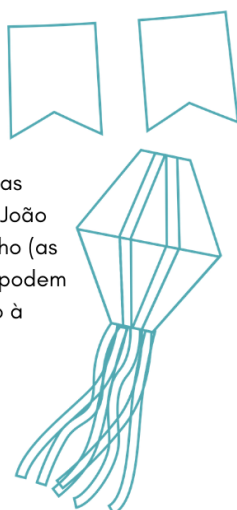
Fondue de queijo
com carnes ou de
chocolate com frutas



Vinho tinto
acompanhando as
refeições quentes

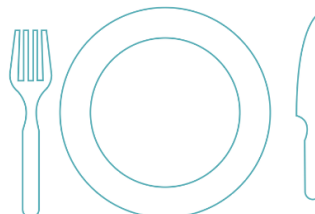


Gosta de viajar de
carro para as
cidadezinhas da
região serrana do
Rio



Frequenta várias
festas de São João
no mês de Junho (as
festas juninas podem
durar de Junho à
Agosto)

O que ela
faz?



Gosta de jantar em
restaurantes
aconchegantes

A PRIMAVERA

da carioca

Os meses de Setembro, Outubro e Novembro são marcados pela volta dos dias quentes, céu azul, árvores florescendo e época de aproveitar o tempo ao ar livre.

O que ela veste?

A carioca busca uma opção para os dias quentes mas ainda assim aproveitando a brisa fresca da primavera.

Para passar o dia ao ar livre

- T-shirt de malha em tons alegres como magenta, ciano ou com estampa colorida
- Jardineira curta jeans de lavagem clara, sobreposta à t-shirt
- Tênis em tons pastéis como branco, amarelo ou azul
- Óculos escuros para aproveitar os dias de sol
- Bolsa pequena transpassada

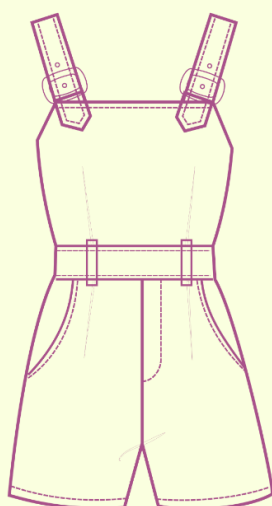
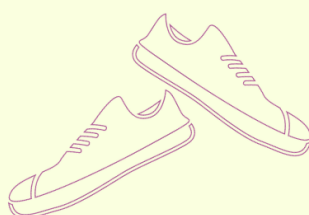
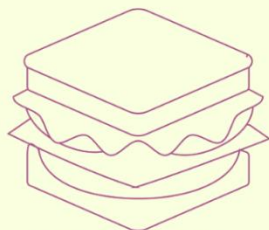


Imagem 94: Infográfico 8. "A primavera da carioca". Fonte: Elaborado pela autora.

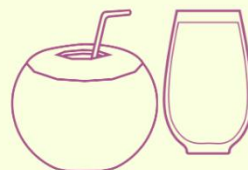
O que ela
come?



Frutas da estação
como bananas e
tangerinas.



Sanduíches naturais



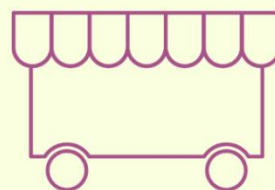
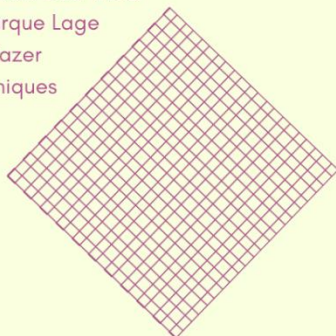
Suco de frutas e
água de coco



Fazer trilhas

O que ela
faz?

Gosta de visitar
parques como a
Quinta da Boa-Vista
e o Parque Lage
para fazer
piqueniques



À noite gosta de
comer nos food
trucks do píer Mauá

A PRIMAVERA

da carioca

Os meses de Setembro, Outubro e Novembro são marcados pela volta dos dias quentes, céu azul, árvores florescendo e época de aproveitar o tempo ao ar livre.

O que ela veste?

A carioca busca uma opção para os dias quentes mas ainda assim aproveitando a brisa fresca da primavera.

Para passar o dia ao ar livre

- T-shirt de malha em tons alegres como magenta, ciano ou com estampa colorida
- Jardineira curta jeans de lavagem clara, sobreposta à t-shirt
- Tênis em tons pastéis como branco, amarelo ou azul
- Óculos escuros para aproveitar os dias de sol
- Bolsa pequena transpassada

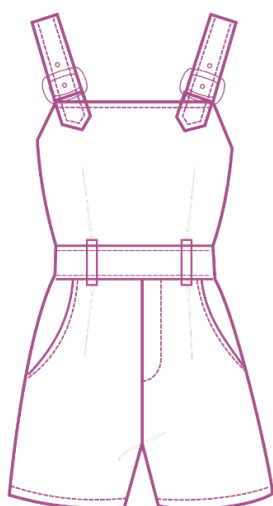
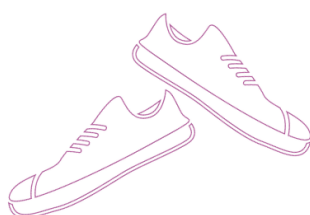
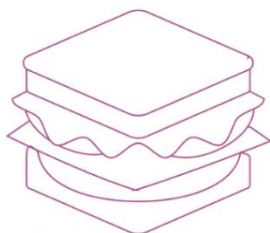


Imagem 95: Infográfico 8, versão 2. "A primavera da carioca" versão 2 cores. Fonte: Elaborado pela autora.

O que ela
come?



Frutas da estação
como bananas e
tangerinas.



Sanduíches naturais



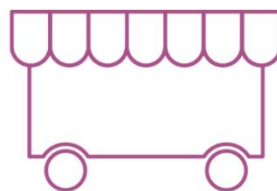
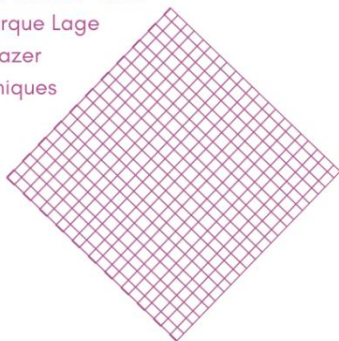
Suco de frutas e
água de coco



Fazer trilhas

O que ela
faz?

Gosta de visitar
parques como a
Quinta da Boa-Vista
e o Parque Lage
para fazer
piqueniques



À noite gosta de
comer nos food
trucks do píer Mauá

Concluindo, os infográficos desenvolvidos nesta pesquisa, caso levados à público, serviriam para situar a mulher turista, tanto estrangeira como brasileira de outras regiões, tornando-a mais familiarizada com os costumes da carioca, como ela se veste, o que gosta de fazer, o que come e os lugares que frequenta, dando uma sensação de proximidade com a cultura local fazendo-a se sentir menos deslocada, afinal acolher as pessoas com recepções calorosas é uma das maiores característica do carioca, além de claro, reaquecer o turismo local pós crise mundial. Os infográficos poderiam ser distribuídos em agências de viagem no Brasil e no mundo, oferecendo serviços e em eventos culturais, podendo inclusive ser impresso em outras línguas no verso ou em todo o conteúdo como forma de iniciar a experiência da viagem antes mesmo de chegar ao destino. Podem também fazer parte de sites de companhias aéreas, agências de turismo e até mesmo da própria prefeitura do Rio de Janeiro, como forma de aguçar a vontade de pessoas de outras cidades ou países e até mesmo de moradores locais cariocas, a aproveitar as experiências e pontos turísticos da cidade.

Considerações finais

Ao longo do projeto tive algumas dificuldades, grandes mudanças tiveram de ocorrer em decorrência da pandemia mundial do vírus Covid-19 e da situação de quarentena que eu, meus colegas, professores e a maior parte do mundo nos encontramos neste período. Ao fim do segundo capítulo, eu tinha um plano de viajar à Paris para realizaras entrevistas ao vivo, contendo observações e fotografias próprias, porém por muitas questões, esse plano não se desenvolveu. No capítulo 3 consegui realizar duas entrevistas ao vivo, sobre a mulher parisiense, os demais contatos tiveram de ser feitos via e-mail.

Em razão da quarentena causada pela pandemia viral, também não pude sair às ruas do Rio de Janeiro para fotografar, fazer observações e entrevistar mulheres de forma aleatória, tive de montar uma enquete nas minhas redes sociais, salvo Fernanda Abreu, que contato se deu através de sua filha, porém ainda por redes sociais. Todavia creio que as informações coletadas foram proveitosas.

Apesar de ter encontrado livros muito teóricos durante a minha busca por livros-guia de “como ser carioca” assim como há sobre a parisiense, foram estas teorias e fatos históricos que me auxiliaram e foram de extrema importância para o desenvolvimento do meu trabalho, como por exemplo, os fragmentos utilizados de livros interessantíssimos organizados por antropólogos, como foi o caso dos livros de Ruy Castro e Miriam Goldenberg. Talvez estes embasamentos que obtive na pesquisa podem ser uma possibilidade de dar continuidade à pesquisa, escrevendo meu próprio guia futuramente.

Com este trabalho pude entender alguns fatores que ajudaram a construir a imagem da mulher francesa no imaginário de pessoas ao redor do mundo. Acredito que o estilo de vida da mulher carioca tenha bastante potencial para se tornar o que o da parisiense é. Quando uma pessoa estrangeira pensa em Brasil, na maior parte das vezes é remetido a cidade do Rio de Janeiro, a vida na beira do mar, os biquinis, carnavais e festas, então creio que, ilustrar positivamente este estereótipo possa ser proveitoso para o turismo do País, consequentemente a sua economia e imagem internacional, bem como também informar sobre

festas e cultura local tão peculiar e cosmopolita que há tempos inflama com a sua alegria o mundo inteiro.

Futuramente gostaria de dar continuidade à pesquisa, aprofundando-a em um mestrado e então, torná-la mais dinâmica para a formatação de um guia prático de “como se comportar, vestir e viver como uma carioca”.

Referências:

ALIANÇA FRANCESA. **OS LUGARES PREFERIDOS DE SERGE**

GAINSBOURG. 2018. 1 fotografia. Disponível em:

<https://www.aliancafrancesa.com.br/novidades/lugares-preferidos-serge-gainsbourg/>. Acesso em: 30 mar. 2020.

ANDREATTA, Verena; CHIAVARI, Maria Pace; REGO, Helena. O Rio de Janeiro e a sua orla: história, projetos e identidade carioca. COLEÇÃO

ESTUDOS CARIOCAS, [s. l.], 2009. Disponível em:

http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/2418_O%20Rio%20de%20Janeiro%20e%20sua%20orla.pdf. Acesso em: 3 maio 2020.

BERENGUEL, Fernando. **Tati Quebra Barraco comemora 22 anos de carreira e fala sobre Anitta: “Por que não todas serem rainhas?”**. In:

OBSERVATÓRIO DE MÚSICA. Entrevista. [S. l.], 2019. Disponível em:

<https://observatoriodemusica.uol.com.br/entrevista/2019/08/tati-quebra-barraco-comemora-22-anos-de-carreira-e-fala-sobre-anitta-por-que-nao-todas-serem-rainhas-ne>. Acesso em: 25 maio 2020.

BEREST, Anne; DIWAN, Audrey; MAIGRET, Caroline de; MAS, Sophie. **Como ser uma parisiense**: em qualquer lugar do mundo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

BHATIA, Billie. **Jeanne Damas Abriu-nos as Portas do Seu Apartamento em Paris**: Este apartamento é a prova que há clichés que continuam a fazer sentido..

[S. l.]: Elle, 22 set. 2018. Disponível em: <https://www.elle.pt/stars/jeanne-damas-apartamento-paris/>. Acesso em: 3 out. 2019.

BLOCK, Marcelline. Françoise Hardy (1944-): The yé-yé girl who became the "ideal woman". In: ABECASSIS, Michaël. **An Anthology of French and Francophone Singers from A to Z**. Cambridge: Cambridge Scholars

Publishing, 2018. p. 320-323. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=VJ9fDwAAQBAJ&dq=francoise+hardy+paco+rabanne%27s+muse&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s. Acesso em: 12 out. 2019.

BLOCKER, Consuelo. **Rondini-Sandálias Tropeziennes**. [S. l.]: Consuelo

Blog, 2011. Disponível em: <https://www.consueloblog.com/rondini-sandalias-tropeziennes/>. Acesso em: 26 out. 2019.

BLOCKER, Consuelo. **Rondini-Sandálias Tropeziennes**. 2011. 1 fotografia.

Disponível em: <https://www.consueloblog.com/rondini-sandalias-tropeziennes/>. Acesso em: 30 mar. 2020.

BRAGA, João. **História da moda**: Uma narrativa. 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

BRASILIANA FOTOGRÁFICA. **Avenida Central, atual avenida Rio Branco, na altura da rua do Ouvidor com rua Miguel Couto**. 1906. 1 fotografia.

Disponível em:

<http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2549>. Acesso em: 10 set. 2019.

CARTER, Felicity. **Jeanne Damas on her label, Rouge**. [S. l.]: Forbes, 26 fev. 2018. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/felicitycarter/2018/02/26/jeanne-damas-on-her-label-rouge/#3af8b09a686a>. Acesso em: 3 out. 2019.

CASA VOGUE. **9 filmes com figurinos assinados por estilistas**. 2018. 1 fotografia. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/Colunas/Arte-do-Cinema/noticia/2018/03/9-filmes-com-figurinos-assinados-por-estilistas.html>. Acesso em: 30 mar. 2020.

CASARIN, Carolina. **"Caipirinha vestida por Poiret": o traje de Tarsila do Amaral na abertura de sua primeira exposição individual**. Seminário de Pesquisa em Artes, Cultura e Linguagens da UFJF.: [s. n.], 2014. 1 fotografia. Disponível em: https://www.academia.edu/24860683/_Caipirinha_vestida_por_Poiret_o_traje_de_Tarsila_do_Amaral_na_abertura_de_sua_primeira_exposi%C3%A7%C3%A3o_individual. Acesso em: 10 set. 2019.

CASTRO, Ruy. **Ela é carioca**. [S. l.]: Companhia das letras, 1999.

CHUNG, Alexa. **Alexa Chung learns how to dress the French way**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZRjKX1-ilwo>. Acesso em: 22 out. 2019.

CONEXÃO PARIS. **Temperatura em Paris: Prós e Contras das estações**. 21 fev. 2017. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.conexaoparis.com.br/clima-em-paris-pros-contras-cada-estacao/>. Acesso em: 4 abr. 2020.

CONEXÃO PARIS. **Onde fazer pedido de casamento em Paris**. 21 dez. 2017. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.conexaoparis.com.br/onde-fazer-pedido-de-casamento-em-paris/>. Acesso em: 7 abr. 2020.

CURCIO, Jenna. **PACO RABANNE MUSES THROUGHOUT HISTORY: THE WOMEN WHO INSPIRED THE SPANISH DESIGNER**. [S. l.: s. n.], 25 mar. 2019. Disponível em: <https://www.crfashionbook.com/fashion/g26897712/paco-rabanne-muses-throughout-history/?slide=4>. Acesso em: 16 set. 2019.

DIAS, Cláudia Augusto. GRUPO FOCAL: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Evolução histórica e reflexos sociais**, [s. l.], 2000. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1255610/mod_resource/content/0/Tecnicad_e_coleta_deDados.pdf. Acesso em: 11 abr. 2020.

EDUCALINGO. Yéyé [on-line]. Disponível <<https://educalingo.com/pt/dic-fr/yeye>>. Jul 2020

EGO. **Aline Riscado joga frescobol de biquininho à beira-mar**: Modelo foi a praia nesta terça-feira, 30, junto com a amiga Aila Maronna. Elas aproveitaram o sol do Rio de Janeiro para bater uma bolinha.. 2016. 1 fotografia. Disponível

em: <http://ego.globo.com/praiia/noticia/2016/08/aline-riscado-joga-frescobol-de-biquini.html>. Acesso em: 21 maio 2020.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Deus e o Diabo na Terra do Sol**. 11 out. 2019. 1 fotografia. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra70172/deus-e-o-diabo-na-terra-do-sol>. Acesso em: 29 out. 2019.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. Dona Ivone Lara. In: ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Dona Ivone Lara**. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa359508/dona-ivone-lara>. Acesso em: 26 maio 2020.

ESPINDOLA, Marina. **Anos 50: O New Look da Dior e a Segunda Guerra**. [S. l.: s. n.], 20 jun. 2013. 1 fotografia. Disponível em: <https://costanzawho.com.br/historia-da-moda/anos-50-dior-new-look-segunda-guerra/>. Acesso em: 16 set. 2019.

FARRA, Emily. **Jeanne Damas On “Simple” French Style and Her New Label, Rouje**. [S. l.]: Vogue, 17 maio 2016. Disponível em: <https://www.vogue.com/article/jeanne-damas-french-designer-affordable-rouje?verso=true>. Acesso em: 3 out. 2019.

FERNANDA LIMA. Biografia. In: FERNANDA LIMA. **Biografia**. [S. l.], [201-?]. Disponível em: <https://fernandalima.com.br/biografia/>. Acesso em: 27 maio 2020.

FERREIRA, Mauro. Fernanda Abreu completa 30 anos de carreira solo que merece celebração. In: G1. **Fernanda Abreu completa 30 anos de carreira solo que merece celebração**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2020/01/15/fernanda-abreu-completa-30-anos-de-carreira-solo-que-merece-celebracao.ghhtml>. Acesso em: 26 maio 2020.

FINÍSSIMO. **Conheça a francesa símbolo do estilo La Parisienne**. 3 out. 2011. 1 fotografia. Disponível em: <http://finissimo.com.br/2011/10/03/ines-de-la-fressange/>. Acesso em: 1 abr. 2020

FOLHA DE SÃO PAULO. **'Garota' sob nova 'leitura'**: Para os padrões de hoje, 'Garota de Ipanema' é um hino ao sexismo, ao assédio e talvez à pedofilia. 2019. 1 fotografia. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2019/07/garota-sob-nova-leitura.shtml>. Acesso em: 23 maio 2020.

FONSECA, Cristiano de Queiroz. **OS PADRÕES FOTOGRÁFICOS DA REVISTA VOGUE PARIS**. 2008. Monografia (Bacharel em comunicação social, habilitação em publicidade e propaganda) - Centro Universitário de Brasília, [S. l.], 2008. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1229/2/20515012.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2020.

FRAZÃO, Dilva. Biografia de Juliana Paes. In: FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Juliana Paes**. [S. l.], 2015. Disponível em: https://www.ebiografia.com/juliana_paes/. Acesso em: 27 maio 2020.

FRAZÃO, Dilva. Biografia de Viviane Araújo. In: FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Viviane Araújo**. [S. l.], 2012. Disponível em: https://www.ebiografia.com/viviane_araujo/. Acesso em: 27 maio 2020.

FRAZÃO, Dilva. Cecília Meireles: Poetisa brasileira. In: FRAZÃO, Dilva. **Cecília Meireles**. [S. l.], 2019. Disponível em: https://www.ebiografia.com/cecilia_meireles/. Acesso em: 25 maio 2020.

FRAZÃO, Dilva. Leila Diniz: Atriz brasileira. In: FRAZÃO, Dilva. **Leila Diniz**. [S. l.], 2020. Disponível em: https://www.ebiografia.com/leila_diniz/. Acesso em: 26 maio 2020.

FRAZÃO, Dilva. Regina Casé: Atriz brasileira. In: FRAZÃO, Dilva. **Regina Casé**. [S. l.], 2020. Disponível em: https://www.ebiografia.com/regina_case/. Acesso em: 25 maio 2020.

FREIRE, Marina. **Ma Meraki**: Surfwear. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Design de Moda) - Faculdade SENAI-CETIQT, Rio de Janeiro, 2016.

FRESSANGE, Ines de la; GACHET, Sophie. **A Parisiense**: O guia de estilo de Inês de la Fressange com Sophie Gachet. Paris: Flammarion, 2010.

FUKS, Rebeca. Anitta. In: FUKS, Rebeca. **Anitta**. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/anitta/>. Acesso em: 26 maio 2020.

FUKS, Rebeca. Iza Legion: Cantora brasileira. In: FUKS, Rebeca. **Iza Legion**. [S. l.], 2019. Disponível em: https://www.ebiografia.com/iza_legion/. Acesso em: 25 maio 2020.

FUKS, Rebeca. Resumo da Biografia de Fernanda Montenegro. In: FUKS, Rebeca. **Resumo da Biografia de Fernanda Montenegro**. [S. l.], 29 jul. 2019. Disponível em: https://www.ebiografia.com/fernanda_montenegro/. Acesso em: 25 maio 2020.

FUNDAÇÃO YEDDA & AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT. **Luz que move o cinema**. 2017. 1 fotografia. Disponível em: <https://fundacaoschmidt.org.br/luz-que-move-o-cinema-2/>. Acesso em: 30 mar. 2020.

GAMA, Sandro. **Esportes de Verão: Fernanda Paes Leme joga altinha na areia da praia**: Série de reportagens apresenta dez modalidades típicas da estação mais quente do ano, com fotos, vídeos, dicas de prática e benefícios ao corpo. [201-?]. 1 fotografia. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/eu-atleta/treinos/guia/esportes-de-verao-fernanda-paes-leme-joga-altinha-na-areia-da-praia.html>. Acesso em: 21 maio 2020.

GAZETA DO POVO. **"Glauber Rocha: cineasta perseguido pela ditadura elogiou mentor do golpe de 64 "** 23 jul. 2019. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/glauber-rocha-cineasta-perseguido-ditadura-elogiou-mentor-golpe-64/>. Acesso em: 29 out. 2019.

GETTY IMAGES. **Brigitte Bardot And Serge Gainsbourg Prepare Their Tv Show For New Year'S Eve 1968.** 1968. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.gettyimages.co.uk/detail/news-photo/brigitte-bardot-and-serge-gainsbourg-prepare-their-tv-show-news-photo/162730748>. Acesso em: 30 mar. 2020.

GOLDENBERG, Miriam et al. **Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

GONÇALVES, Xico. **O TAILLEUR CHANEL.** 20 ago. 2016. 1 fotografia. Disponível em: <http://xicogoncalves.com.br/o-tailleur-chanel/>. Acesso em: 1 abr. 2020

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [s. l.], 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722006000200010&script=sci_arttext. Acesso em: 11 abr. 2020.

G1. Fernanda Montenegro chega aos 90 anos com 3 filmes, corrida pelo Oscar e livro de memórias: Atriz tem mais de 80 trabalhos em televisão e cinema.. In: **Pop & Art.** [S. l.], 16 out. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/10/16/fernanda-montenegro-chega-aos-90-anos-com-3-filmes-corrida-pelo-oscar-e-livro-de-memorias.ghtml>. Acesso em: 25 maio 2020.

HARPERS BAZAAR. MARION COTILLARD É A EMBAIXADORA DO CHANEL Nº 5: Atriz francesa estreia no cargo no final de 2020. In: HARPERS BAZAAR. **Beleza.** [S. l.], 17 fev. 2020. Disponível em: <https://harpersbazaar.uol.com.br/beleza/marion-cotillard-e-a-embaixadora-do-chanel-no-5/>. Acesso em: 6 jul. 2020.

HISTORY. Entenda exatamente o que aconteceu no Verão da Lata, uma história real, inacreditável e ainda e pouco contada por aí!. In: HISTORY. **Entenda exatamente o que aconteceu no Verão da Lata, uma história real, inacreditável e ainda e pouco contada por aí!.** [S. l.], [201-]. Disponível em: <https://br.historyplay.tv/noticias/entenda-exatamente-o-que-aconteceu-no-verao-da-lata-uma-historia-real-inacreditavel-e-ainda>. Acesso em: 26 maio 2020.

HISTORY. Fernanda Abreu. In: HISTORY. **Fernanda Abreu** . [S. l.], [201-]. Disponível em: <https://br.historyplay.tv/biografias/fernanda-abreu>. Acesso em: 26 maio 2020.

ISTOÉ GENTE. **Vovó do surfe:** Primeira surfista brasileira, ela começou a pegar onda há 42 anos e pratica o esporte diariamente até hoje, apesar das críticas das filhas. 2002. 1 fotografia. Disponível em:

https://www.terra.com.br/istoegente/169/reportagens/fernanda_guerra.htm. Acesso em: 21 maio 2020.

LETRAS. Biografia de Fernanda Abreu. In: LETRAS. **Biografia de Fernanda Abreu**. [S. l.], [201-?]. Disponível em: <https://www.lettras.com.br/fernanda-abreu/biografia>. Acesso em: 26 maio 2020.

LÓRIAS, DOCUMENTOS RAROS. **Dedicatória de Mistinguett para o Copacabana Palace (1923)**: Em 1923, inaugurando o Copacabana Palace, a ilustre artista francesa Mistinguett expressa seu amor pelo Brasil.. [S. l.: s. n.], 2019. Dedicatória, papel, 13,5x20cm. Disponível em: <https://glorias.com.br/products/dedicatoria-de-mistinguett-para-o-copacabana-palace-1923>. Acesso em: 10 set. 2019.

JACQUEMUS. **SS20 LE COUP DE SOLEIL**. 2019. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.jacquemus.com/collection/ss20-le-coup-de-soleil/?v=19d3326f3137>. Acesso em: 29 out. 2019.

KEMP, Philip. **Tudo sobre cinema**. London: Sextante, 2011.

LAVER, James. **A roupa e a moda**: Uma história concisa. London: Companhia das letras, 2006.

LIMA, Natália Dias de Casado. A Belle Époque e seus reflexos no Brasil. A Belle Époque e seus reflexos no Brasil, [S. l.], p. 2-5, 2018. Disponível em: www.periodicos.ufes.br. Acesso em: 4 set. 2019.

LOPES, Janara. **ALPHONSE MUCHA E A MUSA DA ART NOUVEAU**. São Paulo: [s. n.], 2017. Disponível em: <http://www.ideafixa.com/posts/alphonse-mucha-e-a-musa-da-art-nouveau>. Acesso em: 11 set. 2019.

MACHADO, Mardem. **Cinema Novo**. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bc8WnXifpBc>. Acesso em: 05 set. 2019.

MACHADO, Mardem. **Nouvelle Vague Francesa**. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gh9gQX9kO0Q>. Acesso em: 05 set. 2019.

MALLMANN, Marcela Cockell. PELOS BECOS E PELA AVENIDA DA BÉLLE ÉPOQUE CARIOCA. Revista do Departamento de Letras, [s. l.], 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/5168/3791>. Acesso em: 3 maio 2020.

MALVA, Thiago. Conheça a francesa símbolo do estilo La Parisienne. In: MALVA, Thiago. **Conheça a francesa símbolo do estilo La Parisienne**. [S. l.], 3 out. 2011. Disponível em: <http://finissimo.com.br/2011/10/03/ines-de-la-fressange/>. Acesso em: 1 abr. 2020.

MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, Miriam et al. Nu e

Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MARTINS, Carol. **Tati Quebra Barraco: “Fui mãe com 13, avó com 29 e tô aí, quebrando tudo”**. In: IG. Gente. [S. l.], 2012. Disponível em: <https://gente.ig.com.br/2012-05-17/tati-quebra-barraco-fui-mae-com-13-avo-com-29-e-to-ai-quebrando.html>. Acesso em: 25 maio 2020.

MARQUES, Mariana R. **Movimentos do cinema**: Nouvelle Vague. São Paulo: Instituto de Cinema, 20--. Disponível em: <https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/movimentos-do-cinema-nouvelle-vague>. Acesso em: 2 out. 2019.

MASCARELLO, Fernando; CARVALHO, Maria do Socorro. **História do cinema mundial**. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2010. 289 a 311 p. ISBN 85-308-0818-5.

MASCARELLO, Fernando; MANEY, Alfredo. **História do cinema mundial**. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2010. 221 a 252 p. ISBN 85-308-0818-5.

MASCARELLO, Fernando; MARIE, Michel. **Cinema Mundial Contemporâneo: Os últimos 20 anos do cinema francês**. [S. l.]: Papirus, 2008.

MEDEIROS, Matheus. Anitta: os agentes me diziam que uma carreira internacional era impossível — hoje me procuram desesperadamente. In: ÉPOCA NEGÓCIOS. **Anitta: os agentes me diziam que uma carreira internacional era impossível — hoje me procuram desesperadamente**. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Carreira/noticia/2019/06/anitta-os-agentes-me-diziam-que-uma-carreira-internacional-era-impossivel-hoje-me-procuram-desesperadamente.html>. Acesso em: 26 maio 2020.

MEMÓRIA GLOBO. Glória Maria. In: GLOBO.COM. **Glória Maria**. [S. l.], [201-?]. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/gloria-maria/>. Acesso em: 26 maio 2020.

MENDONÇA, Rachel Amaro. 5 esportes mais praticados nas praias do Rio. In: MENDONÇA, Rachel Amaro; FELIPE, Luiz; MARTINS, Monique. Rio de Janeiro by Cariocas: Dicas e roteiros de viagem. [S. l.], [201-?]. Disponível em: <https://riodejaneirobycariocas.com.br/5-esportes-mais-praticados-nas-praias-do-rio/>. Acesso em: 21 maio 2020.

MÉRCHER, Leonardo. Belle Époque francesa: a percepção do novo feminino na joalheria Art Nouveau. VI Simpósio Nacional de História Cultural. Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar. Teresina, 2012.
MOULIN ROUGE. **Mistinguett**. Disponível em: <http://www.moulinrouge.fr/vedette/mistinguett?lang=en>. Acesso em: 4 set. 2019.

MOULIN ROUGE. **The Great Periods**. Disponível em: <http://www.moulinrouge.fr/histoire/periods?lang=en>. Acesso em: 4 set. 2019.

MOREIRA, Isabela. **Essas fotos coloridas mostram como era a vida em Paris no fim da Belle Époque**: Confira as imagens centenárias que retratam o clima da capital francesa às vésperas da Primeira Guerra Mundial. [S. l.]: Revista Galileu, 25 nov. 2015. 1 fotografia. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2015/11/essas-fotos-coloridas-mostram-como-era-vida-em-paris-no-fim-da-belle-epoque.html>. Acesso em: 10 set. 2019.

NUNES, Clóvis. **Bossa Sempre Nova**: Uma reflexão divertida sobre casos e personagens desse importante movimento. [S. l.]: Amazon, 2015. E-book (315p.).

O'HAGAN, Sean. Françoise Hardy: 'I sing about death in a symbolic, even positive way'. In: THE GUARDIAN. **Françoise Hardy** : 'I sing about death in a symbolic, even positive way'. [S. l.], 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/music/2018/apr/29/francoise-hardy-interview-personne-d-autre-album>. Acesso em: 28 out. 2019.

PARIS CITY VISION. **Fatos insólitos sobre o Moulin Rouge**. Disponível em: <https://www.pariscityvision.com/pt/paris-a-noite/moulin-rouge/fatos-insolitos-moulin-rouge>. Acesso em: 4 set. 2019.

PARIS CITY VISION. **Jantar "Toulouse Lautrec" e espetáculo do Moulin Rouge**. 2019. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.pariscityvision.com/pt/jantar-show-moulin-rouge-menu-lautrec>. Acesso em: 30 mar. 2020

PARIS, Conexão. **A parisiense e as estações do ano**: a parisiense no verão. [S. l.]: Conexão Paris, 2019. Disponível em: <https://www.conexaoparis.com.br/2019/06/19/parisiense-no-verao/>. Acesso em: 26 out. 2019.

PARIS, I love. **French women don't get fat, French women don't diet. Parisians reveal you how they stay thin**. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I6TH5GpHDYw>. Acesso em: 22 out. 2019.

PARIS, Conexão. **A parisiense e as estações do ano**: a parisiense no outono. [S. l.]: Conexão Paris, 2019. Disponível em: <https://www.conexaoparis.com.br/2019/09/11/parisiense-outono-lifestyle/>. Acesso em: 26 out. 2019.

PARISIENÍSSIMA. **Cenas da Paris de 1900 que te farão viajar para a Belle Époque**. 10 jul. 2016. 1 fotografia. Disponível em: <http://parisienissima.com/cenas-da-paris-de-1900-que-te-farao-viajar-para-belle-epoque/>. Acesso em: 29 out. 2019.

PECHIODAT, Fany; BRUNET, Amy; FLORE, Anne. **My Little Paris**: The best kept parisian secrets. [S. l.]: Du Chene, 2011.

PISSETTI, Rodrigo Fernandes; SOUZA, Carla Farias. Art Déco e Art Nouveau: confluências. **IMAGEM**: Faculdade da Serra Gaúcha, v. 1, n. 1, p. 17-24,

dez./2011. Disponível em:
http://revistaimagem.fsg.br/_arquivos/artigos/artigo72.pdf. Acesso em: 4 set. 2019.

PLANET, Lonely. **Rio essencial**: o melhor da Cidade Maravilhosa. [S. l.: s. n.], 2016. *E-book* (58 p.).

PONSO, Fabio. Talento e tragédia tornaram Edith Piaf um dos grandes nomes da 'chanson' francesa: Cantora, que morreu há 55 anos, teve vida marcada por perdas e infância pobre, em Paris. Em 2005, pesquisa a apontou como uma das dez maiores personalidades de seu país. **O Globo**, [S. l.], p. 1-1, 17 dez. 2015. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/talento-tragedia-tornaram-edith-piaf-um-dos-grandes-nomes-da-chanson-francesa-18321982>. Acesso em: 7 out. 2019.

PORTER, Billie Dj. **Influencer francesa Jeanne Damas fala sobre estilo ao lado de Jacquemus**: Jeanne Damas, a maior influenciadora fashion da França, é entrevistada ao lado do amigo, o designer Simon Porte Jacquemus.. [S. l.]: L'Officiel, 11 set. 2018. Disponível em: <https://www.revistalofficiel.com.br/moda/entrevista-com-jeanne-damaas>. Acesso em: 3 out. 2019.

PORTO, Alessandra de Figueiredo; VACCARINI, Emmanuelle Dias. Copacabana Palace: o surgimento de um Palácio à beira mar em 1923. Revista do arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro, [S. l.], n. 15, p. 146-148, 25 out. 2018. Disponível em: http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2019/05/Artigo-1_Livre.pdf. Acesso em: 3 set. 2019.

POUND, Cath. **O erotismo 'irreplacável' da canção de Serge Gainsbourg**. 24 ago. 2019. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-cul-44282535>. Acesso em: 7 out. 2019.

PRADO, Luís André do; BRAGA, João. História da moda no Brasil: das influências às autorreferências. 2. ed. [S. l.]: Disal, 2011.

PRADO, Luís André do; BRAGA, João. História da moda no Brasil: das influências às autorreferências. Disal 2011. 1 fotografia.

PREFEITURA DE SANTOS. **Fernanda Abreu, Projota e Negra Li são as principais atrações da Virada Cultural 2018**. 8 nov. 2018. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.santos.sp.gov.br/?q=noticia/fernanda-abreu-projota-e-negra-li-sao-as-principais-atracoes-da-virada-cultural-2018>. Acesso em: 6 jul. 2020.

PURE PEOPLE. Carolina Dieckmann. In: PURE PEOPLE. . [S. l.], [201-?]. Disponível em: https://www.purepeople.com.br/famosos/carolina-dieckmann_p2401. Acesso em: 27 maio 2020.

PURE PEOPLE. Cris Vianna. In: PURE PEOPLE. **Cris Vianna**. [S. l.], [201-?]. Disponível em: https://www.purepeople.com.br/famosos/cris-vianna_p2541. Acesso em: 27 maio 2020.

PURE PEOPLE. Fernanda Gentil. In: PURE PEOPLE. **Fernanda Gentil**. [S. l.], [201-?]. Disponível em: https://www.purepeople.com.br/famosos/fernanda-gentil_p3157. Acesso em: 27 maio 2020.

PURE PEOPLE. Glória Maria biografia. In: PURE PEOPLE. **Glória Maria biografia**. [S. l.], [201-?]. Disponível em: https://www.purepeople.com.br/famosos/gloria-maria_p225912. Acesso em: 26 maio 2020.

PURE PEOPLE. Taís Araújo. In: PURE PEOPLE. **Biografia**. [S. l.], 2019. Disponível em: https://www.purepeople.com.br/famosos/tais-araujo_p2632. Acesso em: 25 maio 2020.

REDAÇÃO AFP. **Indústria cinematográfica registra lucro recorde em 2018**. [S. l.]: Estadão, 22 mar. 2019. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/cinema,industria-cinematografica-registra-lucro-recorde-em-2018,70002765048>. Acesso em: 11 set. 2019.

ROUJE PARIS. **Homepage**. 2019. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.rouje.com/>. Acesso em: 29 out. 2019.

REDE BRASIL ATUAL. **Cinamateca faz mostra e exposição dedicadas ao Cinema Novo**. 29 abr. 2015. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cultura/2015/04/cinamateca-faz-mostra-e-exposicao-dedicadas-ao-cinema-novo-7770/>. Acesso em: 31 mar. 2020.

REVISTA INTERLÚDIO. **Cahiers du Cinéma 1951-1964**. 2014. 1 fotografia. Disponível em: revistainterludio.com.br/?p=7052. Acesso em: 30 mar. 2020.

SILVA, Ezequiel Gomes da. UMA FRANCESCA NA TERRA DOS PAPAGAIOS: SARAH BERNHARDT NO BRASIL (1886). **Revista Ecos**, [S. l.], ed. 10, 2011. Disponível em: http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v_10/53_Pag_Revista_Ecos_V-10_N-01_A-2011.pdf. Acesso em: 10 set. 2019.

SIMPLE LUXE LIVING. **Parisian Chic: A Style Guide by Inès de la Fressange**. 2015. 1 fotografia. Disponível em: <http://www.simpleluxeliving.com/parisian-chic-a-style-guide-by-ines-de-la-fressange/#>. Acesso em: 14 abr. 2020.

SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO. **Bossa nova completa 60 anos**: Conheça a história do gênero musical no especial da EBC. 2018. 1 fotografia. Disponível em: <http://www.sjso.org.br/noticias/bossa-nova-completa-60-anos-conheca-a-historia-do-genero-musical-1b1d>. Acesso em: 23 maio 2020.

SÓ, Pedro. ISABEL SALGADO: BELA, PODEROSA E DO VÔLEI. In: REVISTA TRIP. **ISABEL SALGADO: BELA, PODEROSA E DO VÔLEI**: Garota de praia nos anos 70, atleta olímpica nos 80, 4 casamentos. Isabel desafiou convenções na vida pessoal e na carreira como esportista. Aos 56 anos, o relato franco de uma mulher forte e livre. [S. l.], 2016. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/entrevista-com-isabel-salgado-ex-jogadora-de-volei-e-parte-da-primeira-selecao-brasileira-feminina>. Acesso em: 26 maio 2020.

STÉRIN, Gabrielle. **On copie le make-up d'Astrid Berges-Frisbey**. Grazia fr 9 dez. 2013. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.grazia.fr/beaute/maquillage/on-copie-le-make-up-dastrid-berges-frisbey-583034>. Acesso em: 1 nov. 2019.

THE GUARDIAN. **Françoise Hardy**: 'I sing about death in a symbolic, even positive way'. 2018. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.theguardian.com/music/2018/apr/29/francoise-hardy-interview-personne-d-autre-album>. Acesso em: 28 out. 2019.

THE GUARDIAN. **Portrait of Sarah Bernhardt**. 1862. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2010/oct/24/sarah-bernhardt-robert-gottlieb-review>. Acesso em: 30 mar. 2020.

THE GUARDIAN. **Yes, Edith Piaf did had one great regret**. 8 dez. 2008. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2008/dec/08/edith-piaf-letters-dimitris-horn>. Acesso em: 7 out. 2019.

THE TELEGRAPH. **'I'm so spoilt!': Ines de la Fressange on the luxuries she can't live without**. 2017. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/luxury/womens-style/luxuries-ines-de-la-fressange/>. Acesso em: 30 mar. 2020.

TRIGO, Luciano. **O importante é ter charme**: a vida turbulenta de Serge Gainsbourg. [S. l.]: G1, 13 jul. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2011/07/13/o-importante-e-ter-charme-a-vida-turbulenta-de-serge-gainsbourg/>. Acesso em: 12 out. 2019.

TOULOUSE-LAUTREC, Henri de. **La Goulue at the Moulin Rouge**. 1891-92. 1 pintura. Disponível em: https://www.moma.org/collection/works/34936?artist_id=5910&locale=en&page=1&sov_referrer=artist. Acesso em: 30 mar. 2020.

TOULOUSE-LAUTREC, Henri de. **La Troupe de Mademoiselle Églantine**. 1896. 1 pintura. Disponível em: https://www.moma.org/collection/works/71583?artist_id=5910&locale=en&page=1&sov_referrer=artist. Acesso em: 30 mar. 2020.

USE FASHION. Garçonne. In: USE FASHION. **Glossário**. [S. l.], ca.2018. Disponível em: <http://glossario.usefashion.com/Verbete.aspx?IDVerbete=1171#:~:text=%22%C>

USE FASHION. Smoking. In: USE FASHION. **Glossário**. [S. l.], ca.2018. Disponível em: <https://glossario.usefashion.com/smoking>. Acesso em: 6 jul. 2020.

VEJA. **Chute com graça: mulheres aderem ao futevôlei:** O jogo em que a todo momento se mata no peito a bola chutada atrai cada vez mais mulheres para a quadra de areia. Com certa adaptação, é claro. 2018. 1 fotografia. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/esporte/chute-com-graca-2/>. Acesso em: 21 maio 2020.

VOGUE US. The Space Age Designer Making a Big Comeback All Over the Fall Runways. 22 mar. 2017. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.vogue.com/article/trends-paco-rabanne-fall-2017-ready-to-wear>. Acesso em: 29 out. 2019.

146